

A AUTORA MAIS LIDA NO MUNDO

DANIELLE STEEL

Acredite no milagre do amor

A Casa da Rua da Esperança





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A Casa da Rua Esperança

Danielle Steel

Título original: THE HOUSE ON HOPE STREET

Aos queridos amigos que tanto me ajudaram,
Victoria, Jo, Kathy e Charlotte.
Aos meus maravilhosos filhos,
Beatrix, Trevor, Todd, Nick,
Samantha, Victoria, Vanessa, MaxxeZara,
que sempre me dão esperança
e enchem a minha vida de alegria.
Com todo o meu amor e gratidão

D.S.

CAPÍTULO 1

Eram dez horas da manhã, na véspera de Natal, quando Jack e Liz Sutherland receberam a visita de Amanda Parker. O sol brilhava em Marin, ao norte de São Francisco e Amanda pareceu-lhes nervosa e aterrorizada. Baixa, loira e frágil, as mãos tremiam-lhe quase imperceptivelmente enquanto desfazia um lenço de papel. Jack e Liz tinham-se ocupado do seu divórcio há um ano, trabalhando em equipe no escritório aberto dezoito anos antes, logo após o seu casamento.

Eles gostavam de trabalhar juntos e tinham criado uma rotina agradável, exercendo a profissão de forma irrepreensível. Os dois se complementavam, embora com estilos totalmente diferentes, representando quase inconscientemente um número do bom e do mau policial, que era vantagem tanto para eles como para os clientes. Era sempre Jack quem desempenhava no tribunal o papel mais agressivo, lutando por melhores condições e pensões, encurralando os opositores até que se viam obrigados a conceder-lhe o que queria para os clientes. Liz, mais calma e habilidosa, tratava-os com carinho quando era preciso e lutava pelos direitos dos filhos, quando os havia. Por vezes, essa diferença de estilos provocava discussões entre o casal, como acontecera no caso de Amanda Parker. Apesar dos esquemas do marido, das ameaças, dos constantes abusos verbais e ocasionais violências físicas, Liz achava a proposta de Jack dura demais.

— Você está doida? — perguntara ele antes da chegada da cliente. — Olhe para a droga que o tipo tem feito. Três mulheres por fora, traições durante dez anos, a infeliz sempre na mais completa ignorância quanto aos seus rendimentos. E, além disso, pouco está se importando com os filhos e agora quer safar-se do casamento sem gastar um tostão. — O que você quer? Que lhe arranjem uma pensão e lhe agradeçamos pelo incômodo?

Jack tinha o seu aspecto irlandês bem evidente enquanto Liz, apesar dos olhos verdes e flamejante cabelo ruivo, se mostrava bem mais moderada. Jack, com o cabelo branco desde os trinta anos, olhava-a com uma expressão ameaçadora. Quem os conhecia, costumava dizer brincando que pareciam a Katharine Hepburn e o Spencer Tracy, mas apesar das ocasionais discussões acaloradas todos, dentro e fora das salas dos tribunais, sabiam que eram doidos um pelo outro. Formavam um casal unido, com uma família invejável de cinco filhos muito amados, quatro dos quais ruivos como a mãe e o garoto mais novo com o cabelo escuro como o pai já tivera.

— Não disse que o Phillip Parker não merece ser atormentado — explicou Liz pacientemente. — Estou só tentando avisar você de que ele se vingará nela, se o apertarmos demais.

— E eu digo que é disso que ele precisa, para não continuar a tratá-la mal.

Temos de atingir este tipo onde lhe doer, a começar pela carteira. Não podemos deixar que se safe tendo um procedimento destes Liz, como você sabe perfeitamente.

— Mas você quer acabar com o seu negócio!

O que ela dizia fazia sentido, mas a tática dura de Jack já produzira resultados para muitíssimos clientes, obtendo pensões que poucos outros advogados teriam conseguido. A reputação dele era de dureza, mas também de habilidade em obter enormes quantias e era isso que ele pretendia para Amanda. Apesar dos vários milhões de dólares escondidos por Phillip Parker e de uma florescente empresa de computadores, mantivera a mulher e os três filhos num nível muito próximo da miséria. E, desde a separação, ela mal conseguira arrancar dele algo com que alimentar e vestir as crianças. Tudo isso era ridículo, tanto mais que gastava enormes quantias com as amantes e acabava de adquirir um Porsche, enquanto a mulher mal conseguira comprar um *skate* para dar ao filho no Natal.

— Acredite no que eu digo, Liz. O tipo é um fanfarrão e vai começar a guinchar como um porco no matadouro assim que apertarmos com ele no tribunal. Eu sei o que estou fazendo!

— Se apertar com ele, ela é que paga, Jack.

Aquele caso em particular assustava Liz desde que Amanda lhes relatara uma vida de dez anos debaixo de uma tortura psicológica permanente, com duas violentas agressões físicas.

Após cada uma delas, Amanda o deixara, mas ele conseguira atraí-la de volta com promessas, chantagem, ameaças e presentes. A única coisa que Liz dava como certa era que Amanda tinha um medo de morte dele, com bons motivos.

— Se for preciso, conseguimos uma restrição judicial — garantiu Jack minutos antes de Amanda entrar no escritório.

Depois, descreveu-lhe o que iam fazer no tribunal nessa manhã. Essencialmente congelariam todos os bens dele de que tinham conhecimento e exigiriam uma penhora da empresa até que ele lhes fornecesse os esclarecimentos financeiros que pretendiam. E os três estavam de acordo numa coisa: Phillip Parker não ia gostar. Amanda parecia aterrorizada diante da perspectiva.

— Não tenho certeza se é boa idéia fazermos isso — disse ela em voz baixa, olhando para Liz à espera de ajuda.

Jack sempre lhe dava um pouquinho de medo e Liz dirigiu-lhe um sorriso encorajador, apesar de não estar totalmente convencida de que o marido sabia o que estava fazendo naquele caso. Como regra geral tinha fé nele, mas daquela vez a dureza preocupava-a. No entanto, ninguém gostava mais de uma luta ou de uma vitória, ainda mais por um desfavorecido, do que Jack Sutherland e ele queria obter um triunfo estrondoso para a sua cliente. Achava que ela o merecia e com isso a mulher estava de acordo, só que a esta não parecia certa a maneira

de consegui-lo. Conhecendo Phillip Parker, era perigoso acozá-lo demasiadamente.

Jack continuou explicando a estratégia a Amanda durante meia hora, e às onze da manhã entraram na sala do tribunal. Phillip Parker e o seu advogado já estavam lá e o primeiro mal pareceu reparar em Amanda, mas um minuto depois, quando pensou que ninguém notava, Liz o viu olhá-la de uma forma que a deixou arrepiada. A atitude de Phillip Parker destinava-se a recordar à mulher quem controlava a situação. Só a maneira como a encarara era assustadora e humilhante. Depois, como se quisesse confundi-la, ele dirigiu-lhe um caloroso sorriso. Foi tudo feito com grande habilidade, transmitindo uma clara mensagem que logo se desvaneceu, embora com o efeito desejado sobre Amanda, que pareceu ficar imediatamente mais nervosa e se debruçou para segredar ao ouvido de Liz, enquanto esperavam que a sessão começasse.

— Ele me mata se o juiz penhorar a sua empresa — murmurou de modo que só a advogada a ouvisse.

— Fará mesmo isso? — perguntou Liz, também num murmúrio.

— Não... não... acho que não... mas vai ficar furioso. Amanhã é dia de sair com as crianças, e eu não sei o que vou dizer-lhe...

— Você não pode falar com ele sobre este assunto — declarou a advogada. — Você não arruma alguém que lhe leve os garotos? — Como Amanda abanasse a cabeça em silêncio, Liz debruçou-se para dizer ao marido: — Não exagere.

Ele fez-lhe um aceno enquanto remexia nos papéis e dirigiu um ligeiro sorriso contrariado primeiro à mulher e depois a Amanda, querendo dizer a ambas que sabia o que estava fazendo, que era um guerreiro prestes a enfrentar uma batalha que não pretendia perder. E, como habitualmente, não perdeu.

Depois de ouvir as considerações de Phillip Parker e dos seus advogados, o juiz concordou em mandar congelar-lhe os bens e manter a sua empresa sob vigilância durante trinta dias até a obtenção das informações necessárias para que os advogados da mulher pudessem exigir a pensão que lhe cabia. O advogado dele protestou com veemência, mas o juiz recusou-se a ouvi-lo e mandou-o sentar-se. Minutos depois bateu na mesa declarando encerrada a audiência e, com uma olhada sinistra na direção da quase ex-mulher, Phillip Parker abandonou a sala do tribunal. Jack, com um sorriso de orelha a orelha, enfiou os documentos na pasta e olhou para a mulher com uma expressão vitoriosa.

— Bom trabalho! — disse Liz calmamente.

Depois percebeu que Amanda estava em pânico, o que a fez olhá-la com compaixão.

— Você vai ver que tudo correrá bem, Amanda — disse ela. — O Jack tem razão, é a única maneira de resolver o caso.

Técnica e estrategicamente, acreditava naquilo, mas de um ponto de vista

humano sentia-se preocupada com a cliente e queria fazer tudo para sossegá-la.

— Você não arranja alguém para estar junto quando ele for buscar as crianças, para não ter de enfrentá-lo sozinha?

— A minha irmã vai lá para casa com os filhos logo de manhã.

— Ele é um fanfarrão, Amanda — disse Jack — e não abre a boca, se alguém estiver junto com você.

Teoricamente aquilo era verdade, mas daquela vez eles o tinham realmente encurralado. Amanda nunca concordara com essa estratégia, mas começara a tratar-se com um psicanalista e sentia-se agora mais afoita, decidida a não deixar que mais uma vez o marido a maltratasse verbal, física ou financeiramente. Era um grande passo para ela e esperava vir a sentir-se orgulhosa, assim que deixasse de tremer. Além disso, embora Jack por vezes lhe metesse medo, confiava plenamente nele e seguira ao pé da letra todos os seus conselhos, mesmo daquela vez. E tinha ficado admirada com a atitude do juiz que, segundo Jack, devia provar alguma coisa. O magistrado queria ajudá-la e protegê-la, congelando os bens de Phillip e obrigando-o a dar-lhe as informações que lhe pediam há meses.

— Eu sei que vocês têm razão — disse Amanda com um suspiro, sorrindo para os dois advogados — mas ficar frente a frente com ele assusta-me. Sei que é preciso, mas é uma fera quando se zanga.

— Eu também! — declarou Jack, sorrindo.

Liz deu uma gargalhada e ambos disseram adeus a Amanda, desejando-lhe feliz Natal.

— Vai ser um Natal muito melhor no próximo ano — garantiu Liz, esperando que fosse assim.

Pretendiam conseguir-lhe uma pensão que lhe permitisse viver em paz e conforto com os filhos, igual ou até melhor, do que aquele em que viviam as amantes de Phillip Parker, nas casas que ele lhes oferecera. A uma delas dera até mesmo um chalé em Aspen, enquanto a mulher mal tinha dinheiro para levar os filhos ao cinema. Jack odiava tipos como ele, sobretudo quando eram as crianças a pagar pelo comportamento irresponsável do pai.

— Você tem o número do nosso telefone de casa, não tem? — perguntou Liz e Amanda acenou com a cabeça, parecendo mais relaxada.

Pelo menos nesse momento o pior tinha passado e sentia-se impressionada com a decisão do tribunal.

— Se precisar de nós, ligue. E se ele aparecer esta noite ou telefonar e ameaçá-la, ligue para a polícia e depois para mim — disse Liz, num tom talvez protetor demais, mas achando que não fazia mal exagerar.

Amanda saiu logo a seguir e Jack tirou o casaco e a gravata, sorrindo para a mulher.

— Adoro complicar a vida aquele idiota. Vai pagar assim que lhe

apresentarmos a proposta de pensão e não pode fugir.

— Não, mas pode assustar Amanda — recordou-lhe Liz com uma expressão séria.

— Sim, mas pelo menos vai ficar com uma pensão decente. Pelo menos pelas crianças, que merecem. A propósito, você não acha que aquela coisa da polícia é um pouco exagerada? Vamos lá, Liz, o tipo não é um tarado, pelo amor de Deus, é só um idiota!

— Exatamente. É suficientemente idiota para ir lá ou telefonar-lhe tentando pregar-lhe um susto de morte, suficiente para fazê-la recuar e querer ir ao tribunal para anular tudo.

— Não há chance, minha querida, não a deixo fazer isso. E você é que a assustou com essa da polícia.

— Só quis lembrar-lhe que não está sozinha e que pode pedir ajuda. Ela é uma mulher maltratada Jack, não está com a cabeça no lugar e receia o ex-marido. É uma autêntica vítima e você sabe disso muito bem.

— E você está ficando muito sensível, mas eu adoro você! — disse ele movendo-se e envolvendo-a nos braços.

Era quase uma hora e iam fechar o escritório entre o Natal e o dia de Ano Novo. Com cinco filhos em casa, nenhum deles tinha dúvidas de que estaria muito ocupado. Liz principalmente, pois quando ficava com os filhos só pensava neles, coisa que o marido muito apreciava nela.

— Adoro você Jack Sutherland! — exclamou ela com um sorriso ao receber um beijo.

Geralmente ele não se mostrava muito carinhoso durante as horas de trabalho, mas afinal estavam no Natal e tinham despachado todo o expediente, incluindo o caso de Amanda Parker.

Liz arrumou o resto dos documentos enquanto Jack colocava alguns dentro da pasta e meia hora depois saíam cada um no seu carro, Liz em direção a casa, a fim de preparar a véspera de Natal e Jack para tratar de uns assuntos na cidade. Deixava sempre algumas compras para a última hora ao contrário da mulher, que as fazia todas em novembro. Era muitíssimo organizada emeticulosa, a única maneira de combinar uma família numerosa e uma carreira, com a ajuda da maravilhosa governanta que os acompanhava há catorze anos, Carole. Liz tinha consciência de que, sem ela, estaria perdida. Começara a trabalhar para eles aos vinte e três anos, era mórmon e adorava as crianças quase tanto como os próprios pais, sobretudo Jamie, de nove anos.

Ao sair Jack prometeu que chegaria a casa por volta das cinco ou cinco e meia. Ainda tinha de montar a bicicleta nova de Jamie e Liz sabia que à meia-noite ele ainda estaria embrulhando presentes para ela no escritório de casa. A véspera de Natal na casa deles era festejada com todo o capricho, pois tinham se habituado, ao longo dos anos, a respeitar as tradições natalinas, transformando-as

numa grande e acolhedora reunião que as crianças adoravam.

Liz percorreu a curta distância até a sua casa, em Tiburon, sorrindo intimamente ao estacionar na Rua Esperança. As três filhas acabavam de voltar das compras com Carole e desciam do carro, carregadas de embrulhos. Megan, de catorze anos, era alta e magra; Annie, de treze, era mais forte e parecia-se muito com Liz e Rachel, de onze, era o retrato do pai, apesar do cabelo ruivo herdado da mãe. As três davam-se surpreendentemente bem e mostravam-se muito animadas, conversando com Carole. Sorriram assim que viram a mãe.

— O que vocês andaram fazendo? — perguntou Liz, passando os braços por cima dos ombros de Annie e de Rachel. Depois franziu as sobrancelhas, olhando para Megan. — Essa não é a minha camiseta preta, Meg? Nem preciso perguntar, não é? Você é maior do que eu e a está alargando!

— Não tenho culpa de que a senhora tenha pouco busto — respondeu Megan com um sorriso constrangido.

“Pediam” constantemente roupa emprestada umas às outras e à mãe, a maior parte das vezes sem o consentimento desta. Na realidade esse era o único pomo de discórdia entre as meninas, mas não chegava a ser um problema sério. Liz sentia-se afortunada só de olhar para elas, tinha umas filhas ótimas e adorava passar muito tempo com elas.

— Onde estão os rapazes? — perguntou Liz, seguindo-as para dentro de casa e reparando então que Annie tinha calçado os seus sapatos preferidos. Nada a fazer... Parecia que estavam destinadas a compartilhar o guarda-roupa, por mais coisas que lhes comprasse.

— O Peter saiu com a Jessica e o Jamie está em casa de um amigo — informou Carole. Jessica, a última namorada de Peter, morava perto, em Belvedere e ele passava mais tempo lá do que na própria casa. — Tenho que buscar o Jamie daqui a meia hora — continuou Carole. — A não ser que você queira ir.

Carole, que era uma bonita loirinha aos vinte e três anos, engordara bastante com o tempo, mas apesar disso, aos trinta e sete continuava bonita, e tinha uma maneira afetuosa de lidar com as crianças. Pertencia realmente à família.

— Pensei em fazer uns biscoitos esta tarde — disse Liz, largando a carteira e tirando o casaco.

Deu uma olhada na correspondência em cima da mesa da cozinha, mas nada viu de importante. Da janela, admirou então a paisagem do outro lado da baía de São Francisco. Era uma linda vista, em uma bela e confortável casa, um pouco acanhada para todos, mas eles a adoravam.

— Alguém quer ajudar-me? — perguntou.

Mas estava falando sozinha; as três meninas tinham desaparecido nos respectivos quartos, muito provavelmente para falarem ao telefone. Os quatro mais velhos competiam constantemente pelas duas linhas existentes.

Liz estava ocupada estendendo a massa com o rolo e cortando-a com os moldes quando, meia hora mais tarde, Carole desceu a escada para ir buscar Jamie. Liz ainda tinha muito que fazer, mas acreditava que o filho ia querer ajudá-la. O menino gostava muito de estar na cozinha com ela. Dez minutos depois, quando voltou com Carole, deu um grito de alegria ao ver o que a mãe tinha entre mãos e roubou-lhe uma tirinha de massa, sorrindo enquanto a comia.

— Posso ajudar?

Era um garoto muito bonito, com cabelo forte e escuro, meigos olhos castanhos, e o seu sorriso derretia sempre o coração da mãe. Especialmente querido para ela, como para todos em casa, seria sempre o seu bebê.

— Claro, mas primeiro lave as mãos. Onde você estava?

— Em casa do Timmie— respondeu Jamie, voltando da pia com as mãos molhadas. Liz apontou para a toalha, para ele secá-las.

— E como estava lá?

— Na casa dele não há Natal — respondeu o garoto em tom solene, ajudando a mãe a estender o resto da massa.

— Eu sei — respondeu a mãe com um sorriso. — Eles são judeus.

— Eles têm velas e recebem presentes durante uma semana inteira. Por que não podemos ser judeus?

— Pouca sorte a nossa, acho eu, mas você não pode se queixar, mesmo com uma única noite de Natal! — e Liz sorriu novamente para o filho mais novo.

— Eu pedi uma bicicleta ao Papai Noel e disse-lhe que o Peter prometeu ensinar-me a andar — continuou Jamie com uma expressão esperançosa.

— Eu sei, querido.

Ajudara-o a escrever a carta e guardava todas as que os filhos tinham escrito ao Papai Noel no fundo de uma gaveta; todas elas maravilhosas, especialmente as de Jamie. O garoto encarou-a com um grande sorriso e os olhares dos dois cruzaram-se durante um longo momento.

Jamie era uma criança especial, uma dádiva na vida da mãe. Nascera mais de dois meses antes do tempo, sofrera lesões durante o parto e depois, com o oxigênio que lhe tinham dado, podia até ter ficado cego, mas em vez disso tinha apenas alguma dificuldade em aprender; não muita, mas o suficiente para ser um pouco mais lento do que deveria para a idade. Apesar disso, desenvolvia-se bem, freqüentava uma escola especial e era responsável, ativo e carinhoso. Mas nunca seria como o irmão e as irmãs, coisa que todos tinham aceitado há muito tempo. No princípio fora um choque e um grande sofrimento, sobretudo para Liz, pois se sentira responsável por ter trabalhado de mais, três julgamentos seguidos, o que lhe provocara grande tensão. Depois de tanta sorte com os outros filhos, sem qualquer problema...

Mas as coisas haviam sido diferentes com Jamie desde o princípio; uma gravidez difícil com ela sempre exausta e enjoada do primeiro ao último dia até

que, quase dois meses e meio antes do tempo, sem aviso, entrara em trabalho de parto e fora impossível impedi-lo. Jamie nasceu dez minutos depois de Liz entrar no hospital, num parto fácil para a mãe, mas desastroso para ele. Chegou-se mesmo a pensar que o caso era muito grave e durante semanas pensou-se que o bebê não sobreviveria. Quando finalmente o levaram para casa, após passar seis semanas numa incubadora, pareceu a todos que ocorrera um milagre. Jamie tinha um dom especial para amar e uma sabedoria muito particular, era o mais bondoso e meigo de toda a família e possuía um maravilhoso senso de humor, apesar das suas limitações. Há muito que tinham aprendido a apreciá-lo e às suas capacidades, em vez de lamentarem tudo o que nunca seria. Era uma criança tão bonita que as pessoas reparavam nele, e depois ficavam confusas diante da simplicidade com que falava e com a sua franqueza. Às vezes levavam algum tempo para compreender que era diferente e quando percebiam tinham pena, o que aborrecia os pais e os irmãos. Sempre que alguém se mostrava penalizado, Liz respondia simplesmente:

— Não tenha pena, é um garoto fantástico com um coração maior do que o mundo e todos o adoram.

Além disso, ele estava quase sempre feliz; o que era um conforto para a mãe.

— Esqueceu das raspas de chocolate! — exclamou Jamie, e com razão, pois os biscoitos com raspas de chocolate eram os seus preferidos e a mãe fazia-os especialmente para ele.

— Pensei em fazer biscoitos simples para o Natal e enfeitá-los de verde e vermelho. O que você acha?

Jamie pensou no assunto por uma fração de segundo e sacudi a cabeça.

— Devem ficar bonitos. Posso enfeitá-los?

— Claro!

Empurrou o tabuleiro com os biscoitos do feitiço de árvores de Natal, na direção do filho e entregou-lhe o polvilhador com o açúcar colorido de vermelho. Jamie colocou mãos à obra e, quando se mostrou satisfeito, Liz estendeu-lhe outro tabuleiro. Trabalharam em equipe e finalmente os biscoitos foram para o forno. Então ela reparou que o filho parecia preocupado.

— O que foi? — perguntou.

Era óbvio que o garoto estava inquieto e quando colocava uma idéia na cabeça, era difícil abandoná-la.

— E se ele não trouxer?

— Quem?

Falavam um com o outro numa espécie de linguagem simplificada costumeira e fácil para ambos.

— O Papai Noel — esclareceu Jamie com um olhar triste.

— Você está falando da bicicleta? — O garoto acenou com a cabeça. — Por que não iria trazê-la? Você se comportou muito bem este ano, meu querido. Aposto

que trará! — Liz não queria estragar a surpresa, mas precisava tranquilizá-lo.

— Talvez ele pense que eu não sou capaz de andar nela.

— O Papai Noel é mais esperto do que isso. Claro que você aprende a andar. Além disso, você disse a ele que o Peter ajudaria.

— Será que ele acreditou?

— Tenho certeza. Olha, por que não vai brincar um pouquinho ou ver o que a Carole está fazendo e eu chamo você assim que os biscoitos estiverem prontos? Você vai comer os primeiros!

Jamie sorriu e esqueceu-se do Papai Noel enquanto subia a escada para encontrar Carole. Gostava muito de que ela lesse histórias para ele, porque ainda não aprendera a ler.

Liz foi ao armário onde tinha escondido alguns presentes e colocou-os junto à árvore de Natal. Quando os biscoitos ficaram prontos, chamou o filho, mas nessa hora ele estava satisfeito junto da governanta e não quis voltar para a cozinha. Arrumou os biscoitos em pratos, que deixou em cima da mesa, e subiu a escada para embulhar os livros com encadernação de couro que comprara para o marido. As outras coisas que adquirira para ele estavam preparadas há semanas, mas descobriu os livros recentemente numa livraria onde entrara por acaso.

O resto da tarde passou num instante e Peter chegou em casa pouco tempo antes do pai, excitado e feliz. Engoliu uma porção de biscoitos e perguntou se podia voltar para casa de Jessica depois do jantar.

— Por que ela não vem aqui, para variar? — perguntou Liz, contrariada.

Praticamente não viam o filho que estava sempre em aulas, ou praticando esportes, ou junto da namorada. Desde que tirara a carta de motorista, parecia que só vinha até em casa para dormir.

— Os pais não a deixam sair hoje à noite, por ser véspera de Natal.

— Aqui em casa também é véspera de Natal — recordou-lhe a mãe.

Nesse momento Jamie apareceu de novo na cozinha, tirou um biscoito e fitou o irmão com um olhar de adoração. Peter era o seu herói.

— Em casa do Timmie não, ele é judeu — disse o garoto com toda a naturalidade, enquanto Peter o despenteava e engolia mais uma porção de biscoitos. — Fui eu que os fiz — declarou Jamie ao vê-los desaparecerem na boca do irmão.

— Uma delícia — elogiou Peter com a boca cheia. Depois se voltou para Liz: — Ela hoje não pode sair, mãe. Por que não posso ir? Aqui é aborrecido.

— Obrigada. Você tem de ficar e fazer alguma coisa aqui em casa — declarou Liz com firmeza.

— Tem que me ajudar a levar os biscoitos e as cenouras para o Papai Noel e as renas — acrescentou Jamie solenemente.

Era uma coisa que os dois rapazes faziam juntos todos os anos e ele teria ficado desapontado se não fosse assim, como Peter sabia muito bem.

— Posso sair depois que ele se deitar? — pediu Peter e Liz não conseguiu resistir; era um bom rapaz, um ótimo aluno, sendo difícil não recompensá-lo por isso.

— Está bem, mas tem que vir para casa cedo — disse ela por fim.

— As onze, prometo.

Ainda estavam na cozinha quando Jack chegou com aspecto cansado, mas satisfeito. Acabara as compras de Natal e estava convencido de que encontrara o presente perfeito para a mulher.

— Olá a todos e Feliz Natal! — exclamou, levantando Jamie do chão com um abraço bem apertado, o que o obrigou a rir. — O que você fez hoje, meu rapaz? Está pronto para o Papai Noel?

— A mãe e eu fizemos biscoitos para ele.

—Hummm! — exclamou Jack, pegando um e colocando-o na boca. Depois se aproximou da mulher e deu-lhe um beijo, com uma troca de olhares cúmplices.

— E para o jantar?

— Carne assada.

Carole pusera-a no forno à tarde e Liz ia fazer o acompanhamento preferido de todos: ervilhas e batata-doce; e no dia de Natal comeriam peru com o recheio “especial” de Jack. Liz serviu-lhe um copo de vinho, seguiu-o para a sala com Jamie logo atrás e Peter foi telefonar para dizer a Jessica que voltaria depois do jantar. Na sala ouviram os gritos de Megan quando o irmão lhe tirou o telefone da mão e desligou a chamada de um dos seus admiradores.

— Calma, meninos! — gritou o pai lá para cima, instalando-se depois no sofá, junto da mulher, para desfrutar o espírito natalino.

A árvore estava iluminada e Carole pusera um disco de cânticos de Natal para tocar. Jamie sentou-se ao lado da mãe, contente e cantarolando baixinho, enquanto os pais conversavam. Alguns minutos mais tarde levantou-se e foi à procura do irmão ou de Carole.

— Ele está preocupado com a bicicleta — segredou Liz ao marido que sorriu, pois ambos sabiam como ele ia ficar contente com o presente. Há muito tempo que queria ter uma e os pais tinham finalmente decidido que chegara a hora. — Não tem falado em outra coisa e tem medo que o Papai Noel não a traga.

— Vamos montá-la assim que ele adormecer — disse Jack baixinho, dando um beijo na mulher. — Há quanto tempo que não lhe digo como é bela, doutora?

— Pelo menos há dois dias — respondeu Liz, sorridente.

Apesar dos muitos anos de casamento e das crianças constantemente em volta deles, existia ainda um belo romance entre os dois. Jack estava sempre levando Liz para jantar em bons restaurantes, saindo para passarem uma noite romântica ou fins-de-semana fora, e até lhe mandava flores sem qualquer motivo aparente. Era uma arte manter o romance numa relação em que trabalhavam juntos e tinham razões suficientes para estarem em desacordo ou simplesmente

aborrecerem um do outro. No entanto isso nunca acontecera e Liz sentia-se grata pelos esforços do marido nesse sentido.

— Esta tarde pensei na Amanda Parker enquanto fazia os biscoitos com o Jamie — continuou ela. — Espero que aquele idiota não lhe arrume confusão depois da audiência de hoje. Não confio nele.

— Você tem que aprender a deixar o trabalho no escritório — disse Jack, zombando dela e servindo-se de vinho. Fingia sempre ser melhor nisso do que Liz.

— Foi a sua pasta que eu vi no vestibulo cheia de trabalho ou seria imaginação minha? — brincou Liz, o que o fez sorrir.

— Só ando com papéis de um lado para outro. Não penso neles. Assim é melhor.

— É, aposto que sim.

Conhecia-o bem demais para acreditar. Conversaram um pouco mais e depois ela foi para a cozinha acabar o jantar. Nessa noite ficaram mais tempo à mesa, conversando e rindo com os filhos. Recordaram pequenos episódios dos anos anteriores e Jamie aproveitou para lembrar a todos o ano em que a avó passara o Natal com eles e insistira em que fossem à missa do galo para depois adormecer na igreja, o que lhes provocara um ataque de riso incontrolável, porque ressonava. Liz sentiu-se aliviada por que a mãe fora passar o Natal em casa do irmão dela naquele ano. Era complicado recebê-la nas férias porque dava ordens a todos, ela é que sabia tudo, era muito tradicionalista e preconceituosa e criava situações incômodas por causa de Jamie. Ficara horrorizada quando ele nascera, dizendo que era uma tragédia, o que continuava a afirmar sempre que tinha uma oportunidade, felizmente longe dos ouvidos do garoto. Achava que eles deviam mandá-lo para uma escola especial interna, para os irmãos não serem “sobrecarregados” com ele. Liz ficava furiosa cada vez que ouvia aquilo, mas Jack dizia-lhe que não fizesse caso; o que a velha senhora pensava sobre o assunto não devia afetá-los. Jamie era uma parte importante da família e nada no mundo os levaria a afastá-lo, até porque os irmãos ficariam indignados se isso acontecesse. Mas Liz continuava sentindo-se furiosa quando a mãe dizia coisas negativas acerca dele.

Peter ajudou o irmão a pôr os biscoitos e as cenouras lá fora para o Papai Noel e para as renas, como todos os anos, com um jarro de leite e uma tigela de sal, tudo acompanhado de um bilhete ditado por Jamie, lembrando a bicicleta e insistindo em que ele trouxesse também coisas fantásticas para todos os irmãos.

— Obrigado, Papai Noel — ditou Jamie finalmente, acenando satisfeito quando Peter lhe leu a carta. — Você acha que devo dizer que não faz mal se não receber a bicicleta? — perguntou com ar preocupado. — Não quero que ele se sinta mal, se não a trouxer.

— Não, acho que assim está bem. Além disso, você tem se portado tão bem

que aposto que ele a trará.

Todos sabiam que Jamie ia ganhar a bicicleta que tanto desejava e mal podiam esperar para ver a cara dele quando a visse de manhã.

Liz conseguiu por fim que ele fosse para a cama. Megan estava ao telefone, como de costume, e Rachel e Annie riam baixinho no quarto experimentando roupa uma da outra. Peter saiu para ver a namorada depois de ajudar o pai a montar a bicicleta do irmão e Liz foi arrumar a cozinha e preparar o jantar do dia de Natal. Carole tinha ido à casa de uma amiga levar um presente e ela dissera-lhe que cuidava da cozinha. Era uma noite calma e feliz, cheia de espírito natalino e Liz e Jack anteviam com agrado a perspectiva de um longo fim de semana. Trabalhavam muito, o que os fazia apreciarem o tempo que podiam passar junto dos filhos. Subiam lentamente a escada de mãos dadas, quando Amanda Parker ligou. Foi Megan quem atendeu, e Liz foi falar com ela. Assim que ouviu a voz dela, percebeu que estava chorando. Mal podia falar.

— Peço desculpas por telefonar na véspera de Natal... O Phil ligou para mim há pouco e... — os soluços redobraram enquanto Liz tentava acalmá-la e entender o que dizia.

— O que é que ele queria?

— Disse que, se eu não mandasse vocês descongelarem tudo, ele me mataria; que nunca me pagará qualquer pensão e que os meninos e eu podemos morrer de fome que para ele tanto faz.

— Isso não vai acontecer e você sabe perfeitamente disso. Ele tem que sustentá-los, está só tentando assustá-la.

E o conseguiu, como se via. Liz detestava casos como aquele, em que uma cliente de quem gostava tinha sido ou estava sendo maltratada. Alguns dos episódios que Amanda lhe contara anteriormente a tinham perturbado. Aquele homem humilhara e aterrorizara a mulher a tal ponto que só depois de muitos anos é que ela arranjara coragem para deixá-lo. E agora era obrigada a aguentar enquanto ele a ameaçava, até obter a pensão que merecia. Mas Liz sabia que não ia ser fácil. Amanda era a vítima perfeita.

— Não atenda mais o telefone esta noite. Tranque as portas, fique em casa com os seus filhos e se ouvir alguma coisa suspeita lá fora, chame a polícia. Está bem, Amanda? Ele só quer assustá-la. Lembre-se que não passa dum fanfarrão. Se você ficar na sua, ele recua.

— Ele diz que me matará — murmurou Amanda, nada convencida de que Liz tivesse razão.

— Se tornar a ameaçá-la, obtemos uma liminar na próxima semana. E então, caso ele se aproxime de você, será preso.

— Obrigada — disse Amanda, parecendo ligeiramente aliviada, mas não o suficiente. — Peço desculpas por incomodá-la na véspera de Natal.

— Não nos incomoda, é para isso que estamos aqui. Telefone outra vez, se for

preciso.

— Já estou melhor, me fez bem falar consigo — disse Amanda agradecida, o que comoveu Liz. Era uma maneira horrível de passar o Natal.

— Tenho tanta pena dela — disse Liz ao marido quando entrou no quarto, pois atendera ao telefone no vestibulo. Amanda não tem estrutura para lidar com aquele imbecil.

— Por isso precisa de nós para defendê-la. — Tinha tirado os sapatos e andava pelo quarto silenciosamente, congratulando-se interiormente com o presente que comprara para a mulher, mas ao ver a expressão dela percebeu que estava realmente preocupada.

— Você acha que aquele tipo é mesmo capaz de lhe fazer mal? — perguntou Liz, pois Phillip Parker já agredira a mulher, mas isso acontecera há muito tempo.

— Não, acho que não. Parece-me que está só tentando intimidá-la. O que ele quer agora? Que anulemos o que foi determinado hoje? — Liz acenou com a cabeça e era exatamente o que Jackesperara e que não surpreendia nenhum dos dois. — Ele pode espernear, que não haverá qualquer anulação e ele sabe isso claramente.

— Pobre Amanda, isto é muito difícil para ela.

—Terá de aguentar até o fim. Nós vamos conseguir tudo aquilo de que ela precisa e ele vai se acalmar. Tem mais do que o suficiente para dar uma pensão decente à ex-mulher e aos filhos. Que dispense uma das amantes, se precisar fazer economia.

— Talvez seja disso que ele tem medo — comentou Liz sorrindo e olhando para o marido com admiração.

Jack despiu a camisa e, como sempre, lhe parecia incrivelmente belo. Com quarenta e quatro anos mantinha um corpo forte e atlético e aparentava muito menos idade, apesar do cabelo branco.

— Por que é esse sorriso? — perguntou ele, trocista, tirando as calças.

— Estava pensando como você é bonito. Acho você ainda mais bonito e excitante do que quando casamos.

— Você está ficando míope, meu amor, mas eu agradeço muito. Você também não está tão mal assim!

Com quarenta e um anos, ninguém diria que tivera cinco filhos. Jack atravessou o quarto, beijou-a e ambos puseram Amanda Parker e os seus problemas de lado. Por muito que gostassem dela e tivessem pena, fazia parte da sua vida de trabalho, coisa que naquele momento precisavam esquecer para poderem aproveitar o Natal um com o outro e com as crianças.

Sentaram-se na cama e viram televisão durante algum tempo; as filhas entraram para lhes dar boa-noite antes de deitarem e Liz ouviu Peter entrar em casa quando soavam às onze horas. Cumpria sempre o horário imposto pelos

pais. Depois do noticiário apagaram a luz e meteram-se na cama abraçados. Ela adorava ficar assim, mas quando ele lhe segredou algumas palavras, deu uma risadinha e foi pé ante pé fechar a porta à chave. Nunca se sabia se um dos filhos não apareceria por ali, sobretudo Jamie, que acordava muitas vezes de noite e lhe pedia que o ajudasse a ir beber água e que o cobrisse depois. Mas com a porta fechada à chave, o quarto era só deles e Liz gemeu quando o marido lhe tirou a camisola e beijou-a. Era a maneira perfeita de passar a véspera de Natal.

CAPÍTULO 2

No dia de Natal Jamie enfiou-se na cama dos pais às seis e meia da manhã. Liz vestira novamente a camisola e a porta tinha sido destrancada antes de adormecerem. Jack continuava a dormir profundamente só com as calças do pijama. Jamie deitou-se encostado à mãe. Ela e Jack tinham passado a noite juntinhos e todos os outros ainda descansavam quando Jamie perguntou se ainda não eram horas de ir para baixo.

— Ainda não, meu querido — murmurou Liz — Deite aqui conosco um pouquinho. Ainda é noite.

— Quando eu posso ir lá para baixo? — perguntou ele num murmúrio.

— Daqui a umas duas horas.

Tinha esperança de conseguir segurá-lo mais algum tempo, pelo menos até às oito, com sorte. Os outros já não tinham idade para querer sair da cama de madrugada, mas Jamie transbordava de excitação. Liz acabou por levá-lo de volta para o quarto, deu-lhe um beijo e um balde cheio de peças de Lego para brincar.

— Eu venho buscar você quando estiver na hora — prometeu quando ele começou a fazer uma construção.

Então voltou para o seu quarto e enroscou-se de novo junto ao marido por mais uma hora. Ele estava quente e era confortável, o que a fez sorrir de prazer. Já passava das oito quando Jack se mexeu pela primeira vez e Jamie tornou a aparecer para dizer que já não tinha mais peças de Lego. Liz deu um beijo no marido, sorridente, sorriso que ele retribuiu, lembrando-se dos prazeres da noite anterior e mandou Jamie despertar os irmãos.

— Há quanto tempo você está acordada? — perguntou Jack, abraçando-a preguiçosamente e puxando-a para si.

— O Jamie apareceu às seis e meia. Tem sido muito paciente, mas não me parece que agüente mais tempo.

Cinco minutos depois o garoto aparecia com os irmãos atrás. As meninas vinham meio dormindo e Peter tinha um braço por cima dos ombros do irmão. Ajudara a armar a bicicleta na véspera e sorria, pensando como o irmãozinho ia ficar contente.

— Vamos lá, pai, levante-se! — exclamou ele com um enorme sorriso, descobrindo Jack, que gemeu e se voltou para o outro lado, tentando cobrir a cabeça com a almofada, o que despertou um diabinho dentro das meninas.

Antes de poder defender-se, Annie e Rachel saltaram para cima dele e Megan começou a fazer-lhe cócegas, enquanto Jamie gritava deliciado. Liz levantou-se e vestiu o roupão olhando para eles, para aquela confusão de braços e pernas. Estavam se portando como crianças e o pai revidava com cócegas e puxando

Jamie para cima da cama. Pareciam um novelo de corpos às gargalhadas até que Liz conseguiu libertar Jack e disse que eram horas de ir para baixo ver o que o Papai Noel lhes trouxera. Jamie foi o primeiro a saltar da cama e a descer a escada com os outros logo em seguida, ainda rindo, e os pais mais atrás. O garoto já estava no meio das escadas quando os irmãos saíram do quarto dos pais.

Dali ainda não via os presentes; precisava descer mais uns degraus, mas de repente avistou-a, brilhante, vermelha e linda, e Liz sentiu os olhos se encherem de lágrimas diante da expressão do garoto. Aquela era a magia do Natal no rosto de uma criança que via a sua bicicleta e ficaram todos olhando para ele com orgulho e prazer. Liz segurou a bicicleta para ele montar e Peter puxou-a em volta da sala, tentando não atropelar os outros, mas Jamie estava tão excitado que não dizia coisa com coisa.

— Ganhei! Ganhei! O Papai Noel me deu a bicicleta! — gritou ele.

O pai pôs um disco de cânticos de Natal e, de repente, toda a casa pareceu encher-se de espírito natalino. As meninas sentaram-se para abrir os seus presentes, e Peter convenceu finalmente o irmão a largar a bicicleta por alguns instantes para poderem abrir os respectivos embrulhos. Jack já descobrira os volumes encadernados e um casaco de lã, outro presente de Liz. Ela ficou encantada com a pulseira de ouro que o marido lhe comprara na véspera; era perfeita e adorou-a, como ele esperava.

Passaram meia hora abrindo presentes e falando alto, até que Jamie subiu novamente na bicicleta e Peter ajudou-o a equilibrar-se, enquanto Liz foi fazer o café: panquecas, salsichas e toucinho defumado, a habitual refeição de Natal. Enquanto fazia as panquecas, cantarolando baixinho, Jack foi para junto dela e Liz disse-lhe, mais uma vez, que tinha adorado a pulseira.

— Eu amo você, Liz — declarou ele com um olhar carinhoso. — Você não costuma pensar que temos muita sorte? — perguntou, lançando um olhar para a sala.

— Ora, mais ou menos cem vezes por dia e às vezes mais! — Aproximou-se, abraçou-o e deu-lhe um beijo, que ele retribuiu.

— Obrigado por tudo o que você é para mim... Não sei o que fiz para merecer você, mas seja como for sinto-me muito feliz por termos um ao outro — ele falou com grande carinho, ainda abraçado à mulher.

— Eu também — respondeu ela, apressando-se depois para tirar as salsichas e o toucinho do fogo.

Jack fez café e serviu o suco de laranja, enquanto Liz tratava das panquecas e sentaram-se todos à mesa, falando sobre os presentes, rindo e a brincarem uns com os outros. Jamie colocou a bicicleta no chão junto dele. Se o deixassem, teria tomado o café sentado nela.

— Que vão fazer hoje? — perguntou o pai, servindo-se de mais café e ouvindo os filhos comentarem que tinham comido demais.

— Daqui a pouco tenho de começar a tratar do peru — disse Liz, olhando para o relógio.

Era enorme, demoraria quase todo o dia cozinhando e Jack tinha de fazer o seu famoso recheio.

As garotas disseram que queriam experimentar os presentes e telefonar às amigas e Peter disse que ia mais uma vez à casa da namorada, mas o irmão o fez prometer que não se demoraria, para ajudá-lo a andar na bicicleta. Quanto a Jack, decidiu que ia passar pelo escritório.

— No dia de Natal? — perguntou Liz, admirada.

— Só uns minutos — e o marido explicou-lhe que esquecera um processo no qual queria trabalhar durante o fim de semana.

— Por que não esquece isso até amanhã? Não precisa ir buscá-lo hoje — insistiu Liz — Você está exagerando, afinal hoje é dia de Natal.

— Sinto-me melhor sabendo que o tenho aqui. Assim, amanhã me levanto e posso começar a trabalhar — explicou Jack com um olhar culpado.

— O que foi que você me disse sobre deixar o trabalho no escritório? Faça o que diz, doutor!

— Não me demoro mais do que cinco minutos e depois venho fazer o recheio. Você vai ver que nem dará pela minha falta. — Sorriu-lhe, deu-lhe um beijo e depois que os filhos saíram, ajudou-a a limpar a mesa.

Liz dirigiu-se à cozinha para começar a tratar do peru e meia hora depois Jack desceu a escada, com umas calças cáqui e uma camiseta vermelha, recém barbeado.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou ele e Liz sorriu e abanou a cabeça.

— Só de você. Ao contrário de certas pessoas que eu conheço, não estou pensando em trabalhar neste fim de semana. Durante as festas, fico de folga.

Continuava de roupão, tinha o cabelo ruivo liso caído até abaixo dos ombros e olhava o marido com uma expressão amorosa nos olhos verdes. Para ela, era como se não tivessem passado tantos anos desde o dia do casamento.

— Adoro você, Liz — replicou ele meigamente, dando-lhe mais um beijo.

Abriu a porta e saiu com um sorriso estampado no rosto. Pensou nela durante todo o caminho até o escritório e estacionou o carro no lugar habitual junto ao edifício. Abriu a porta com as suas chaves e deixou-a aberta atrás de si. Desligou o alarme e entrou no escritório. Sabia exatamente onde estava o processo e que levaria menos de um minuto para pegá-lo. E já vinha voltando para ligar de novo o alarme, quando ouviu passos no vestibulo. Sabia que o prédio estava vazio e chegou a pensar que talvez Liz tivesse vindo encontrá-lo, mas isso não fazia sentido, então espreitou pela porta para ver quem teria entrado depois dele.

— Olá?! — exclamou, mas não obteve nenhuma resposta.

Então ouviu um ruído e depois um estranho som metálico. Avançou pelo corredor e ao fazer a curva encontrou Phillip Parker, o marido de Amanda com

uma expressão sinistra, a roupa em desordem e visivelmente embriagado. Reparou também que ele lhe apontava uma arma, mas ficou estranhamente calmo.

— Não precisa disso aqui, Phil, baixe a arma — disse Jack.

— Não me dê ordens, seu filho da mãe. Pensava que podia me prejudicar, não era? Que podia assustar-me? Pois não assusta, só me chateia. Consegui influenciá-la para ela fazer tudo o que você queria; pensa que lhe prestou um grande favor. Pois olhe, quer saber o que lhe aconteceu?

Jack viu que o homem começara a chorar e reparou que tinha uma grande mancha de sangue numa manga. Além disso, estava com ar tresloucado, parecia até drogado, de tão estranho que era o seu aspecto. Phillip Parker continuou, completamente histérico:

— Eu disse-lhe que a matava, se você não recuasse... Não vou deixá-lo me fazer uma coisa dessas... não pode congelar tudo o que eu tenho, prejudicar-me dessa maneira... Eu disse-lhe o que ia fazer... disse-lhe... ela não tem o direito... você não tem o direito...

— É só durante um mês, Phil, até nos dar a informação que lhe pedimos. Podemos resolver o assunto a qualquer hora. Na segunda-feira, se quiser. Mas tenha calma — Jack falou com uma voz serena e profunda, tentando acalmá-lo, mas sentia o coração acelerado.

— Tenha calma você. Não me diga o que devo fazer. Seja como for, é tarde demais. Agora já não tem importância. Você estragou tudo, obrigou-me a isto.

— Isto o que, Phil?

Mas Jack sabia instintivamente do que ele falava, mesmo antes de ouvi-lo. Liz estava certa, tinham-no forçado. De repente, ao olhá-lo, sentiu medo por Amanda. O que teria Parker feito à mulher e aos filhos?

— Matei-a — declarou ele, rompendo em lágrimas — e a culpa é sua. Teve de ser. Ela queria tirar-me tudo o que eu tenho... queria tudo, não era? A desavergonhada... você não tinha o direito... o que eu iria fazer enquanto me congelavam tudo? Passar fome?

Jack percebeu que não valia a pena responder. Só lhe restava esperar que o que Phillip Parker dizia não fosse verdade.

— Como sabia que eu estava aqui, Phil? — perguntou.

— Eu o segui. Passei toda a manhã na porta da sua casa.

— Onde está a Amanda?

— Já lhe disse... morreu... — limpou o nariz na manga e o sangue espalhou-se pelo seu rosto.

— Onde estão as crianças?

— Com ela, deixei-as lá — disse ele chorando baixinho.

— Também as matou?

Parker abanou a cabeça e apontou a arma para o advogado.

— Fechei-as no quarto com ela e agora tenho que matá-lo, é mais do que justo. Isto é tudo por sua culpa, você é que a fez proceder assim. Ela era uma boa moça até você aparecer. É tudo culpa sua, seu imbecil.

— Eu sei que é — concordou Jack, sentindo o estômago se revolver pensando nas crianças. — A Amanda não tem culpa. Agora abaixe essa arma e vamos conversar.

— Seu filho da mãe, não me diga o que tenho de fazer ou eu o mato também!

Passou do sofrimento à fúria numa fração de segundo e os seus olhos pareciam emitir raios laser, furando os de Jack e fazendo-o compreender que o homem falava sério e era capaz de cumprir o que dizia.

— Largue a arma, Phil, largue a arma — insistiu o advogado, sempre com a voz calma e forte, dando um passo lento na direção de Parker.

— Vá se lixar, seu imbecil! — gritou Parker, mas baixou a arma e Jack percebeu que começava a ganhar.

Phillip Parker hesitava e dali a poucos minutos, podia largar a arma. Sem tirar os olhos dele, Jack continuou a avançar com lentidão, mas depois, quando estava prestes a alcançá-lo, ouviu-se um tiro. Jack ficou olhando para o outro, espantado. A arma estava apontada para o seu peito e, no princípio, não teve qualquer sensação. Tinha certeza de que a bala não lhe acertara, mas não era verdade. Ficou ali parado olhando, incapaz de se mover ou de levantar os braços, enquanto Phil Parker metia o cano na boca e rebentava a própria cabeça, espalhando sangue e cérebro pela parede atrás dele. Só nesse momento é que sentiu uma dor terrível e caiu de joelhos, tentando entender o que se passava. Fora tudo tão rápido que só sabia que precisava chamar alguém antes de perder a consciência. Viu o telefone em cima da mesa quando caiu lentamente de encontro a ela. Mal conseguiu segurá-lo, puxando-o para si e marcou o cento e doze. Ouviu a voz no momento em que caía para frente, mas quase não podia respirar.

— Emergência.

— Levei um tiro... — conseguiu dizer e viu o sangue escorrendo da camiseta para o tapete onde estava estendido.

Repetiram o número do telefone e o local e Jack murmurou a confirmação e disse que a porta estava aberta.

— Avisem a minha mulher — balbuciou ainda, com esforço, e depois lhes deu o número do telefone de casa e sentiu os olhos se fecharem.

— A ambulância já está a caminho e chega aí em menos de três minutos — disse a voz, mas Jack teve dificuldade em compreender.

Uma ambulância? Para quê? Não se lembrava. A única coisa que queria era Liz. Fechou os olhos e ficou estendido no tapete, molhado e com frio, ouvindo uma sirene ao longe. Seria Liz? E por que ela faria tanto o barulho? De repente ouviu vozes à sua volta e sentiu que mexiam nele. Puseram-lhe alguma coisa no rosto e puxaram e rasgaram, e as vozes gritavam. Não se lembrava do que

acontecera nem percebia o que faziam ali. E onde estava Liz? Sentiu-se deslizar para a escuridão, mas alguém insistia em chamá-lo e ele só queria a mulher, não aquela gente que gritava com ele. Quem seriam todas aquelas pessoas? E onde se encontravam a esposa e os filhos?

Liz continuava na cozinha de roupão, quando lhe telefonaram pouco tempo depois do o marido sair e teve o estranho pressentimento de que talvez fosse Amanda, mas ficou admirada quando ouviu uma voz desconhecida. O homem disse que era da polícia e que tinham motivos para acreditar que o marido dela havia sido ferido no escritório e lhes pedira que lhe ligassem. Uma ambulância fora enviada para o local.

— O meu marido? — perguntou Liz, pensando se não seria uma brincadeira de mau gosto, pois aquilo não fazia sentido: ele saíra de casa minutos antes. — Houve algum acidente no caminho? Mas por que não me ligou ele mesmo? — Aquilo era um disparate.

— A pessoa que telefonou disse que tinha levado um tiro — explicou delicadamente o homem.

— Um tiro? O Jack? Tem certeza?

— Ainda não chegaram lá, mas a pessoa que ligou pediu-nos que lhe telefonássemos e deu-nos este número. Talvez a senhora queira ir já para lá.

Enquanto ouvia o que lhe diziam, Liz pensou em ir ao quarto vestir-se, mas depois pôs a idéia de lado. Se aquilo era verdade e o marido estava ferido, precisava ir vê-lo imediatamente. Agradeceu à voz no telefone e dirigiu-se para a escada, gritando lá para cima que ia sair e dizendo ao filho mais velho que tomasse conta do irmão.

— Eu volto já! — gritou ainda, quando Peter lhe respondeu, e foi embora sem mais explicações.

Pegou a chave do carro que estava em cima da bancada da cozinha e correu para a porta do jeito em que estava. Assim que entrou no carro e começou a dar marcha à ré em direção à rua começou a rezar... que ele esteja bem... por favor, meu Deus... que ele esteja bem... por favor... As palavras ao telefone não lhe saíam da cabeça... o homem a dizer que ele fora ferido com um tiro... um tiro... um tiro... mas como podia ter acontecido aquilo a Jack? Era tudo um disparate, logo no dia de Natal, e ele ainda tinha de fazer o recheio. Só conseguia recordar o sorriso do marido ao sair da cozinha com as calças cáqui e a camiseta vermelha... A pessoa que ligou levou um tiro...

Conduziu até o parque de estacionamento do edifício do escritório a uma velocidade louca, viu dois carros da polícia e uma ambulância com as luzes acesas e entrou no prédio depressa, para ver o que se passava. Subiu a escada correndo, a murmurar o nome do marido... Jack.. Jack.. como que a chamá-lo... a dizer-lhe que estava a caminho, mas não o viu quando entrou no escritório, mas apenas um grupo de policiais e paramédicos à sua volta. Estes tratavam dele e,

por trás, Liz viu a parede suja de sangue junto da qual Phil Parker se suicidara, sentindo-se imediatamente atordoada. O corpo dele jazia coberto por um oleado. Então, sem pensar, empurrou um dos policiais para o lado e ficou olhando o marido no chão, com o rosto da cor do cimento e os olhos fechados. Liz tapou a boca com a mão e caiu de joelhos ao lado dele, ofegante. Então, como se soubesse que ela estava ali, Jack abriu os olhos. Tinham-lhe dado soro e faziam alguma coisa no ferimento do peito. Havia sangue por todos os lados; nele, nas pessoas à sua volta e no tapete. Quando Liz se debruçou sobre ele, ela também ficou coberta de sangue, mas Jack lhe sorriu.

— O que aconteceu? — perguntou Liz, assustada demais para entender o que se passava.

— O Parker — respondeu Jack num murmúrio, tornando a fechar os olhos, enquanto os paramédicos o colocavam numa maca o mais suavemente possível. Depois os abriu e franziu a testa, determinado a dizer-lhe qualquer coisa: Adoro você... está tudo bem, Liz... — e tentou estender-lhe a mão, mas não teve forças para isso.

Liz correu ao lado da maca, percebeu que ele desmaiara e, de repente, foi invadida por um pânico terrível. Não conseguiam parar a hemorragia e a pressão sanguínea baixava incontrolavelmente. Sentiu que a agarravam por um braço e a puxavam para dentro da ambulância, que a porta se fechava com estrondo e que arrancavam velozmente, com dois paramédicos frenéticos em volta de Jack, enquanto trocavam breves palavras. Mas ele não voltou a abrir os olhos ou a falar e Liz ficou sentada no chão olhando para o que acontecia, sem poder acreditar no que via ou ouvia. Depois, de repente, um dos paramédicos comprimiu o peito de Jack e o sangue jorrou para todos os lados, a ambulância pareceu ficar inundada e ouviu o outro paramédico repetindo continuamente... sem pulso... sem pressão... sem pulsações... e Liz olhava para aquilo tudo, horrorizada. Quando chegaram ao hospital, voltaram-se para ela e o que estivera comprimindo o peito de Jack abanou a cabeça com uma expressão penalizada.

— Lamento muito.

— Façam alguma coisa... têm de fazer alguma coisa... não parem... por favor, não parem... — pediu Liz soluçando. — Por favor, não...

— Acabou... Lamento muito...

— Não acabou, não... não acabou... — soluçou ela, debruçando-se e abraçando Jack

Tinha o roupão ensopado de sangue, sentiu Jack sem vida encostado a ela e ouviu o assovio da máscara de oxigênio. Então, eles a afastaram e a conduziram para o interior do hospital, fazendo-a sentar-se. Embrulharam-na em um cobertor e Liz ficou rodeada de vozes desconhecidas. Depois trouxeram a maca com o marido coberto com outro cobertor até o rosto. Queria descobrir-lhe o rosto, mas a maca não se deteve. Não sabia para onde o transportavam e não

conseguia mover-se, nem pensar, nem falar. Não podia fazer nada e ignorava para onde levavam o marido.

— Senhora Sutherland? — Uma enfermeira parou diante dela; finalmente alguém lhe dirigia a palavra. — Lamento muito o que aconteceu ao seu marido. Há alguém que possa vir buscá-la?

— Não sei... eu... onde está ele?

— O levamos lá para baixo. Sabe para onde quer que o levem depois?

Tudo aquilo lhe soava estranhamente.

— O levem? — perguntou sem compreender, como se ouvisse uma língua estrangeira.

— Vai ter de tomar providências.

— Providências?

A única coisa que conseguia fazer era repetir as palavras da mulher. Sentia-se incapaz de pensar ou de falar como uma pessoa normal. Que teriam feito com o marido? E que se passara? Ele tinha levado um tiro. Onde estava?

— Quer que chame alguém?

Liz nem sequer sabia responder àquilo. Quem ela poderia chamar? E o que deveria fazer? Como acontecera uma coisa daquelas? Jack saíra de casa apenas para ir ao escritório buscar um processo e ainda tinha de fazer o recheio. Enquanto tentava encontrar o sentido daquilo um dos policiais aproximou-se.

— Nós a levaremos para casa assim que estiver pronta. — Liz olhou para ele sem expressão e viu-o trocar um olhar com a enfermeira. — Tem alguém em sua casa, quando a senhora chegar?

— Os meus filhos — respondeu ela em voz rouca, tentando levantar-se, mas com as pernas tremendo, incapazes de suportarem o seu peso. O policial ajudou-a e perguntou:

— Quer que ligue para alguma outra pessoa?

— Não sei.

Para quem se telefona quando matam nosso marido a tiros? Para a secretária, Jean? Carole? A mãe dela, em Connecticut? Sem pensar deu os números dos telefones de Jean e Carole.

— Nós vamos dizer-lhes para encontrá-la em sua casa.

Liz acenou com a cabeça e viu outro policial afastar-se para fazer os telefonemas. A enfermeira estendeu-lhe um roupão limpo para ir para casa, ajudando-a a tirar o dela, manchado com o sangue de Jack. Também tinha a camisola ensopada, mas não a tirou. Sabia que tinha amigos que podia chamar, mas no momento não conseguia se lembrar quem eram. A única coisa em que pensava era no marido, deitado numa maca, a segredar-lhe que a adorava. Agradeceu o roupão à enfermeira, prometeu devolvê-lo e atravessando descalça a entrada do hospital dirigiu-se ao carro da polícia que a aguardava lá fora. A funcionária da recepção pediu-lhe que ligasse assim que tivesse tomado

providências; até a palavra lhe soava feia. Não emitiu sequer um som ao entrar para o banco traseiro do carro da polícia e nem sabia que chorava apesar das lágrimas lhe rolarem pelo rosto, limitando-se a olhar sem ver para as nucas dos policiais que a levavam para casa. Quando chegaram, abriram-lhe a porta e ajudaram-na a descer. Ofereceram-se para acompanhá-la, mas Liz abanou a cabeça e começou a soluçar quando viu Carole aproximar-se e Jean chegando de carro, no mesmo instante. De repente ambas a abraçavam; as três soluçando. Era inacreditável, aquilo não podia ter acontecido, não podia. Era horrível demais para ser verdade, não passava dum pesadelo. Era impossível Jack ter deixado de existir, aquelas coisas não aconteciam na vida real.

— Ele também matou a Amanda — disse Jean entre lágrimas, pois o policial que lhe telefonara dera-lhe os pormenores. — As crianças estão bem, pelo menos vivas, mas assistiram a tudo embora ele não as tenha ferido.

Phillip Parker tinha assassinado a mulher e Jack, suicidando-se em seguida, numa onda de destruição que atingira a todos. As crianças Parker estavam órfãs, mas Liz só conseguia pensar no que ia dizer aos próprios filhos e sabia que assim que a vissem eles entenderiam que alguma coisa horrível acontecera. Com o cabelo cheio de sangue, a camisola ensopada, que já manchara o roupão de algodão do hospital, ela própria parecia ter sofrido um acidente; assemelhava-se a uma louca ali parada olhando para as outras duas.

— Estou com uma aparência muito ruim? — perguntou a Carole, assoando-se e tentando recompor-se por causa dos filhos.

— Como a Jackie Kennedy em Dallas — respondeu Carole, o que a fez encolher-se involuntariamente.

Baixou os olhos para o roupão de algodão cinzento cheio de manchas de sangue.

— Vá buscar um roupão limpo, por favor, que eu espero na garagem... e um pente...

Depois ficou chorando nos braços de Jean enquanto esperava, tentando encontrar algum sentido para aquilo tudo, controlar-se e pensar no que ia contar aos filhos. A única coisa que podia dizer-lhes era a verdade, mas sabia que, fossem quais fossem as palavras e a maneira como as proferisse, eles seriam afetados para o resto da vida. Era um peso tremendo. E continuava a soluçar quando Carole voltou com o pente e um roupão cor-de-rosa. Enfiou-o por cima do cinzento e penteou-se o melhor que pôde.

— Como estou agora? — perguntou, porque não queria aterrorizar os filhos antes mesmo de abrir a boca.

— De verdade? Péssima, mas não é isso que vai assustá-los. Quer que nós vamos com você?

Liz acenou com a cabeça e elas a seguiram para o interior da casa, diretamente da garagem para a cozinha. Ouviram as vozes das crianças na sala,

pelo menos de algumas, e ela pediu às duas amigas que esperassem na cozinha. Achava que devia ficar sozinha com os filhos, mas não sabia bem como iria proceder.

Peter e Jamie fingiam que lutavam, entre risadas, no sofá. Jamie viu-a primeiro e ficou completamente imóvel.

— Onde está o paizinho? — perguntou como se soubesse, ele por vezes via coisas em que as outras pessoas não reparavam.

— Não está aqui — respondeu a mãe honestamente, lutando para se controlar. — As suas irmãs?

— Estão lá em cima — disse Peter com uma expressão preocupada. — Que aconteceu, mãe?

— Vá buscá-las, querido, fazendo o favor — Peter era agora o chefe da família, embora ainda o não soubesse.

Sem uma palavra o rapaz subiu a escada correndo e, segundos depois, voltou com as irmãs, todos muito sérios como se pressentissem que as suas vidas estavam prestes a mudar para sempre. Pararam olhando a mãe que continuava sentada no sofá e parecia alheia e chorosa.

— Sentem-se aqui — pediu Liz com toda a meiguice possível naquele momento e os filhos assim fizeram, encostando-se a ela. A mãe estendeu os braços e abraçou-os, sem conseguir conter as lágrimas, olhando para cada um e puxando Jamie para si. — Tenho uma coisa terrível para dizer a vocês... uma coisa horrível que aconteceu...

— Que foi? — perguntou Megan com pânico na voz e começando a chorar antes dos outros. — Que foi?

— Foi o seu pai, levou um tiro do marido de uma cliente nossa — disse Liz simplesmente.

— Onde ele está? — perguntou Annie, começando também a chorar.

Peter e os outros olhavam a mãe com os olhos muito abertos e uma expressão de total incredulidade, como que incapazes de imaginar o sucedido. E como eles iriam imaginá-lo, se a própria Liz ainda não acreditava?

— Está no hospital — começou ela, mas não queria enganar os filhos. Sabia que, por mais terrível que fosse, tinha de lhes contar o que acontecera, algo que nunca iriam esquecer. Daí em diante teriam de viver com aquele momento, de revivê-lo um milhão de vezes em pensamento... para sempre...

— Está no hospital, mas morreu há meia hora... e ele amava muito a todos vocês... — e apertou-os contra si, ouvindo-os gritar de angústia. — Sinto tanto... sinto tanto... consegui falar, por entre os seus próprios soluços.

— Não! — gritavam as garotas em uníssono, com Peter soluçando desesperado enquanto Jamie, sempre olhando para a mãe, libertou-se do abraço e recuou lentamente.

— Não acredito, isso não é verdade — disse e depois fugiu escada acima, com

a mãe tentando segurá-lo.

Foi encontrá-lo encolhido em um canto do quarto, como uma bola, chorando com a cabeça no meio dos braços, como se quisesse proteger-se das palavras da mãe e do horror que lhes acontecera. Com dificuldade Liz conseguiu levantá-lo e sentar-se na cama abraçada a ele, ambos lavados em lágrimas.

— O papai adorava você, Jamie... Tenho tanta pena que isto tenha acontecido.

— Eu quero que ele venha para casa — balbuciou o garoto entre soluços, com a mãe a embalá-lo.

— Eu também — disse Liz, num sofrimento desconhecido até então, sem ter idéia de como confortar os filhos.

— E ele vem?

— Não, meu amor, não vem. Não pode voltar para casa. Ele partiu.

— Para sempre?

Liz acenou com a cabeça, incapaz de repetir a palavra. Continuou abraçada ao filho uns minutos mais e depois o soltou e levantou-se, segurando-o pela na mão.

— Vamos falar com seus irmãos.

Jamie fez que sim com a cabeça e desceram a escada. Peter e as irmãs continuavam abraçados uns aos outros chorando, acompanhados por Carole e Jean. Era uma sala cheia de lágrimas e sofrimento, com a árvore de Natal e os presentes abertos perfeitamente deslocados. Parecia incrível que, duas horas antes, todos tivessem arrancado laços e papéis e tomado o café juntos, e agora Jack estava ausente, e para sempre. Era impensável, insuportável. Como agiam as pessoas numa situação como aquela? Liz não fazia idéia, mas, centímetro a centímetro, peça por peça, teria que fazer o que era preciso e tinha consciência disso.

Conduziu todos para a cozinha, mas começou a soluçar de novo ao ver a xícara de café e o guardanapo do marido. Carole os fez desaparecer discretamente e deu um copo de água a cada um. Ficaram ali sentados chorando durante o que pareceu serem horas e, finalmente, Carole levou as crianças para cima, deixando que Liz e Jean tomassem as providências necessárias. Era preciso fazer telefonemas, comunicar aos pais dele, que viviam em Chicago, e iriam querer vir com certeza; ao irmão dele, em Washington, à mãe dela, em Connecticut, e ao irmão, em Nova Jersey. Avisar os amigos, o jornal, contatar uma agência funerária. Liz tinha de decidir o que queria. Devia também telefonar a colegas e antigos associados e clientes. Jean tomava notas enquanto falavam. Liz tinha de escolher o tipo de celebração. Jack iria querer ser cremado ou enterrado? Nunca tinham discutido o assunto e ela sentia-se doente só de falar nisso. Tanto em que pensar e que fazer, penosos pormenores a resolver. Redigir o obituário, avisar o padre, escolher o caixão, tudo tão sinistro, tão inacreditável, tão assustador.

Ouviu o que Jean dizia e, de repente, sentiu-se invadir por uma onda de pânico e teve vontade de gritar com aquela mulher que trabalhara seis anos com eles.

Era impossível aquilo estar acontecendo. Onde estava ele? E como poderia viver sem ele? O que ia ser dela e das crianças?

Baixou a cabeça e soluçou como se só agora sentisse o verdadeiro impacto do golpe. O marido tinha sido alvejado e morto a tiros por um lunático. Jack desaparecera e ela e os filhos agora estavam sozinhos.

CAPÍTULO 3

Durante o resto do dia Liz sentiu-se como se estivesse se movendo debaixo de água. Os telefonemas foram feitos, pessoas iam e vinham, chegavam flores. Tinha consciência de uma dor tão grande, que era como se fosse física, e as ondas de pânico engolfavam-na com tanta força que tinha a certeza de afundar. A única realidade era a constante preocupação com os filhos. O que ia ser deles? Como podiam aguentar aquilo? O sofrimento que transparecia nos seus rostos era o reflexo do dela. Aquilo não podia ser verdade, mas era e ela nada podia fazer para inverter ou suavizar a situação. A sua sensação de incapacidade era total e avassaladora. Uma força poderosa impelia-a, como se a levasse de encontro a um muro, e não podia impedi-lo, mas o muro já fora atingido na manhã em que Phillip Parker disparara contra Jack.

Os vizinhos apareceram com comida e Jean telefonara a todas as pessoas de que se lembrara, incluindo Victoria Waterman, a maior amiga de Liz, que vivia em São Francisco. Também era advogada, embora tivesse abandonado a carreira há cinco anos para ficar em casa com os três filhos. Após anos de tentativas, fora mãe de trigêmeos por inseminação artificial e decidira aproveitar bem a maternidade. O rosto de Victoria era o único em que Liz conseguia concentrar-se e mesmo recordar; todos os outros lhe pareciam vagos e, hora após hora, esquecia quem tinha estado na casa e com quem falara. Victoria chegou discretamente com uma maleta; o marido ficara tomando conta dos filhos e ela ia acompanhar Liz durante o tempo que fosse preciso. Assim que esta a viu à porta do quarto, rompeu em lágrimas e Victoria sentou-se junto dela, abraçou-a e as duas ficaram assim durante longo tempo, chorando.

Não havia palavras que remediassem uma situação irremediável, então Victoria nem sequer tentou. Limitaram-se a ficar sentadas, abraçadas. Liz tentou explicar o sucedido, ao menos para tentar ela própria compreender, mas nada fazia sentido, por mais que recordasse aquela manhã. Ainda estava com o roupão manchado de sangue quando a amiga chegou e foi ela quem, daí a pouco, a ajudou a despir-se e a meter-se no chuveiro. Mas nada mudava, nada ajudava, comesse ou bebesse, chorasse ou falasse. O resultado era sempre o mesmo, por mais que recordasse os acontecimentos. Repetia-os para ver se encontrava alguma diferença, mas não, era sempre igual.

Liz só queria saber como estavam os filhos. Carole ficara junto de Jamie e das garotas, Peter tinha ido à casa da namorada e Jean não largava o telefone. Victoria tentou convencer a amiga a deitar-se, sem êxito, até que à tarde, Jean declarou secamente que era preciso “tomar providências”. Liz começava a odiar a expressão e não queria voltar a ouvi-la, já que parecia encerrar todo o horror do que acabava de lhes acontecer. Significava escolher uma agência funerária,

um caixão, uma roupa para Jack e um lugar para as pessoas poderem “vê-lo”, como um objeto ou um quadro, em vez de um pai e marido.

Liz já decidira que queria o caixão fechado, porque não gostaria que alguém o recordasse assim, mas como o homem que fora, risonho e falante, brincando com os filhos e a exibir-se pelas salas dos tribunais. Não queria que vissem no que se transformara; uma forma sem vida, destruída pela bala disparada por Phillip Parker. E sabia que, em algum lugar, a família de Amanda Parker lidava com o mesmo horror e que os filhos dela também estavam devastados. Eram pequenos e já tinham lido que uma tia materna ia tomar conta deles, mas no momento Liz não conseguia pensar nos outros, apenas nos seus. Pedira a Jean que mandasse flores no dia seguinte e ia telefonar à avó das crianças depois de alguns dias, mas estava perturbada demais para fazer mais do que chorar por elas à distância.

O irmão de Jack chegou de Washington nessa noite assim como os pais, de Chicago, e foram todos à agência funerária com Liz, na manhã seguinte, para tratar do enterro. Victoria acompanhou-os, dando a mão a Liz enquanto escolhiam o caixão, de mogno, escuro e de aspecto digno, com detalhes de latão e forro de veludo branco. Os funcionários da agência pareciam encarar a escolha como se fosse um carro, mencionando as várias alternativas e apontando os pormenores.

Era tudo tão horrível que Liz sentiu vontade de desatar a rir histericamente, mas assim que começou, o riso transformou-se num soluçar incontrolável. Era como se não fosse capaz de se dominar, de controlar a constante onda de emoções que a avassalava. O destino colocara-a na crista de uma enorme onda e era impossível voltar para a terra firme. Pensou se alguma vez se sentiria segura ou normal, ou até no seu juízo perfeito, ou capaz de rir, ou sorrir, ou ler uma revista ou fazer qualquer uma das coisas corriqueiras do dia-a-dia. A árvore de Natal, dentro de casa, parecia uma acusação, uma má recordação, o fantasma de Natais anteriores, cada vez que passava junto dela.

Nessa noite tinha uma dúzia de pessoas à volta da mesa do jantar. Victoria, Carole, Jean, James, o irmão de Jack, de quem Jamie tinha o nome, os pais dele, o irmão dela, John, com quem nunca se dera muito bem, a namorada de Peter, Jessica, um amigo de Los Angeles com quem Jack estudara e as crianças. Outros rostos entraram e saíram, a campainha tocou e chegaram flores e comida. De repente parecia que todos sabiam e Jean conseguia manter os repórteres à distância. O caso era manchete dos jornais da noite e as crianças tinham começado a assistir à reportagem na televisão, mas Liz obrigou-as a desligar o aparelho logo que percebeu o que acontecia.

E quando discutiam os pormenores do enterro, depois que as crianças foram para cima, a campainha soou de novo e Carole foi abrir. Era Helen, a mãe de Liz, recém chegada de Connecticut e que desatou a chorar assim que viu a filha.

— Ai, meu Deus, Liz... você está com uma cara terrível...

— Eu sei, mãe, desculpe... eu...

Não sabia o que dizer, porque o relacionamento entre as duas nunca fora especialmente íntimo ou confortável para Liz. Era sempre mais fácil lidar com ela à distância, e Jack fora uma espécie de pára-choques quando a mãe desaprovava alguma coisa. Liz nunca lhe perdoara a falta de apoio e de compaixão para com o neto mais novo. Fosse como fosse, a mãe dela achara uma loucura terem um quinto filho. Quatro já lhe pareciam um exagero, e cinco era “ridículo e excessivo”, segundo Helen.

Carole perguntou-lhe se queria jantar, mas ela disse que tinha comido no avião e sentou-se à mesa da cozinha com os outros, aceitando um café que Jean lhe serviu.

— Meu Deus, Liz, e agora o que você vai fazer? — perguntou Helen, indo direto ao âmago da questão, antes mesmo do primeiro gole de café.

Os outros tinham ficado o dia rodeando o problema, aproximando-se dele centímetro a centímetro, minuto a minuto, tentando não considerar mais do que a hora seguinte nem colocar perguntas inoportunas, mas a mãe de Liz nunca media as palavras ou hesitava em avançar por onde não devia.

— Você vai ter que sair desta casa, sabe disso. Sozinha não conseguirá mantê-la... e tem que fechar o escritório. Sem ele não pode continuar trabalhando lá.

Era exatamente o que Liz sentia e receava. Como sempre, a mãe fora direta ao centro do seu terror e o atirara na cara, enfiando-lhe pela boca e pelo nariz até que ela mal podia respirar só de pensar naquilo. Parecia o eco do que ouvira nove anos antes... *“não vai ficar com esse filho em casa, não é? Meu Deus, Liz, uma criança como essa vai destruir as outras.”* Helen conseguia sempre dar voz aos maiores terrores de todos. Jack costumava chamá-la *“a voz do Juízo Final”*, embora sempre rindo. *“Ela não pode obrigar você a fazer uma coisa que você não queira”*, lembrava-lhe sempre o marido. Mas onde ele estava agora? E se a mãe tivesse razão?... E se fosse obrigada a deixar a casa e a fechar o escritório? Como podia trabalhar sem ele?

— Por enquanto temos de pensar apenas em passar a segunda-feira — interrompeu firmemente Victoria, pois tinham decidido fazer o velório na capela da agência funerária durante o fim-de-semana e o enterro na segunda-feira, no cemitério de Saint Hilary. — O resto logo se resolve.

O enterro na segunda-feira era o objetivo, aquilo em que Liz tinha de concentrar-se, depois todos a ajudariam a se recuperar, tal como a acompanhavam naquele momento, e todos sabiam que ela ainda não precisava se preocupar com a situação em geral. O presente era suficientemente mau e Liz sentia o pensamento voltar-se a todo o momento para o Natal. Era um pesadelo que viveria com eles para sempre. As crianças nunca mais enfeitariam uma árvore de Natal ou ouviriam um cântico ou abririam um presente sem recordar o

que acontecera ao pai na manhã de um dia de Natal e como tudo se transformara para cada uma delas. Liz olhou em volta da mesa, com uma expressão desalentada.

— Vamos lá, por que não vamos lá para cima, para você descansar um pouquinho? — propôs Victoria em voz baixa.

Era uma mulher pequena, de olhos e cabelo escuros, com uma voz firme que não admitia discordâncias; precisamente o tipo de força de que Liz necessitava. Quando ainda praticava advocacia, Liz costumava brincar com ela, chamando-a de “terror dos tribunais”. A sua especialidade era danos pessoais e ganhara casos com indenizações extraordinárias para os seus clientes, mas pensar naquilo recordou-lhe novamente o marido e Amanda e tudo o que acontecera. Ao subir lentamente a escada, com Victoria logo atrás, Liz chorava de novo.

Disse à amiga que pusesse Peter a dormir no quarto de Jamie e a mãe no de Peter. O irmão de Jack ficaria no sofá do escritório ao lado do quarto dela e o seu irmão na sala. A casa estava cheia; Jean dormiria na segunda cama do quarto de Carole e Victoria na enorme cama de casal, a seu lado. Estavam todos ali como um exército caridoso, prontos para ajudá-la a enfrentar o sofrimento e parecia ter gente em todos os cantos da casa. Peter e Jessica conversavam num dos quartos das garotas, quando passaram, e Jamie estava sentado no colo de Megan. Pareciam calmos e naquele momento não choravam; então ela deixou Victoria levá-la para o quarto. Deitou-se em cima da cama, olhando para o teto, sentindo-se como se tivesse apanhado uma sova.

— E se a minha mãe tiver razão, Vic? Se eu for obrigada a vender a casa e a desistir do escritório?

— E se a China nos declarar guerra e nos bombardear? Quer fazer as malas já ou esperar para depois? Se for já, a roupa é capaz de ficar bastante amarrotada, mas se você esperar, talvez fique pior quando a bomba atingir a casa... O que você acha, agora ou depois? — Falara meio sorrindo e Liz deu uma gargalhada pela primeira vez nesse dia. — Acho que a sua mãe está criando problemas com os quais você não precisa se preocupar nesse momento e provavelmente nunca. O que ela está dizendo? Que você é uma porcaria de advogada e que não consegue trabalhar sem o Jack? Tenha dó! Ele dizia que você era muito melhor do que ele — e Victoria acreditava nisso, pois Liz tinha um conhecimento extraordinário das leis e o que lhe faltava em ousadia era compensado por habilidade e precisão.

— Ele só dizia isso para ser simpático — replicou Liz com as lágrimas a encherem-lhe de novo os olhos...

Era impossível pensar que Jack já não se encontrava ali... Onde estava? Queria-o de volta. Ainda na véspera tinham dormido naquela cama e feito amor. As lágrimas correram-lhe pelo rosto, ao recordar. Nunca mais estaria com ele, nunca mais amaria. Parecia-lhe que a sua vida tinha acabado assim como a dele.

— Você é melhor na sua especialidade do que qualquer outro advogado que eu conheça — declarou Victoria, tentando distrair a amiga daquilo que acontecia no presente. Quase conseguia ver todos os horrores em que ela pensava e até os que não mencionava. — O Jack era um exibicionista no tribunal, tal como eu, dois especialistas da intimidação. — Era difícil não falar dele como se ainda estivesse com elas.

— Era mesmo e olha onde isso o levou. Ainda ontem eu lhe disse que o Parker mataria a mulher se mexêssemos na sua empresa e no seu dinheiro. Só não sabia que mataria a ele também.

Desfez-se uma vez mais em lágrimas e Victoria sentou-se na cama a seu lado, abraçando-a até ela se acalmar. Nessa altura a mãe de Liz assomou à porta do quarto.

— Como ela está? — perguntou olhando diretamente para Victoria, como se a filha estivesse inconsciente e não pudesse ouvir, o que até certo ponto era verdade. Liz sentia-se como se estivesse passando por uma experiência fora do corpo, vendo o que se passava de um ponto em algum lugar do teto.

— Estou bem, mãe.

Era uma tolice, mas que outra coisa podia dizer? Era como se tivesse de provar à mãe que conseguia resistir. Ou então era esta quem tinha razão e ela perderia a casa e o escritório.

— Não parece — declarou Helen em tom sombrio. Amanhã você devia lavar a cabeça e se maquiuar.

Amanhã preferia estar morta para não ter de passar pelo que a esperava, Liz queria dizer-lhe, mas não foi capaz. Não valia a pena discutir numa hora daquelas. Tinham bastante com que se preocupar sem acrescentar as disputas familiares. No caso de Jack, ele também nunca se dera muito bem com o irmão, mas pelo menos este estava presente e era bom para as crianças vê-lo e aos avós paternos, bem como a mãe e o irmão dela.

Nessa noite Victoria e Liz conversaram até tarde, falando de Jack e do que acontecera. Era um pesadelo que nenhuma delas ia esquecer e do qual provavelmente nunca se recuperariam totalmente. Liz falara ao telefone com diversas pessoas que tinham lhe garantido que nunca se recuperaria, sobretudo de uma morte traumática como aquela, e duas outras lhe garantiam que a melhor coisa a fazer era retomar as suas atividades o mais depressa possível e que até podia estar casada de novo daí a seis meses, não se sabia, podia ter sorte. Sorte? Como tinham coragem para lhe dizer o que devia fazer? Vender a casa e mudar-se para longe, para a cidade, arranjar um sócio para o escritório, desistir, o que dizer aos filhos, o que não dizer, comprar um cão, cremar o marido, atirar as cinzas da ponte, não deixar as crianças irem ao enterro, deixá-las ver o pai antes de fecharem o caixão, não permitir isso para não se lembrarem dele assim. Todos tinham um conselho de graça para dar e um monte de opiniões. Estava

exausta de ouvir aquilo tudo, mas afinal a realidade era que Jack tinha partido e ela agora estava sozinha.

Só adormeceu as cinco da manhã e Victoria ficou acordada, deixando-a falar. Às seis horas Jamie apareceu e meteu-se na cama com elas.

— Onde está o paizinho? — perguntou encostado à mãe.

Ela sentiu um estremecimento no corpo todo. Seria possível que ele não se lembrasse? Talvez a realidade fosse tão traumática que o rapazinho a rejeitasse.

— Ele morreu, querido, um homem mau deu-lhe um tiro.

— Eu sei — respondeu a criança, olhando diretamente para a mãe e para a cama onde o pai dormira ainda um dia antes. — Mas quero saber onde ele está agora.

Jamie a olhava como se a achasse boba por pensar que ele tinha esquecido e isso lhe provocou um sorriso triste.

— Está na casa mortuária, na capela, e vamos lá hoje. Mas encontra-se realmente no céu, junto de Deus.

Pelo menos esperava que fosse verdade e que tudo em que sempre acreditara fosse o que realmente acontecia. Esperava que ele se sentisse feliz e em paz, como sempre lhe haviam dito, mas no fundo do coração ainda não tinha certeza. Continuava a desejar muito tê-lo de volta para poder acreditar totalmente.

— Como é que o pai pode estar em dois lugares?

— O espírito, a alma, tudo o que nós conhecemos e amamos, foi para o céu, mas permanece também aqui conosco, nos nossos corações. O corpo está na casa mortuária, como se ele tivesse adormecido.

As suas lágrimas correram ao dizer aquilo, mas Jamie acenou com a cabeça, satisfeito com a resposta da mãe.

— Quando é que eu o vejo outra vez?

— Quando formos para o céu para ficar junto dele. Mas só quando você for muito, muito velhinho.

— Por que é que o homem mau lhe deu um tiro?

— Porque estava muito zangado e era louco. Deu também um tiro em outra pessoa e depois se matou. Ele já não pode vir aqui nos fazer mal.

Pensou que fosse isso que o preocupava e quis afastar-lhe o medo.

— O paizinho fez-lhe algum mal?

— Fez uma coisa que o deixou muito zangado, porque o homem era mau para a mulher e os filhos. O paizinho pediu ao juiz que lhe tirasse dinheiro.

— E ele deu-lhe o tiro para ficar com o dinheiro?

— Mais ou menos.

— E deu um tiro no juiz também?

— Não, não deu.

Jamie tornou a acenar com a cabeça pensando no que a mãe dissera, encostado a ela. Victoria levantou-se e foi tomar banho. Ia ser um longo dia para

todos e queria estar pronta para ajudar a amiga em tudo o que pudesse, naquela situação incrivelmente dolorosa para Liz e para as crianças.

E acabou sendo ainda pior do que alguma delas tinha esperado. A família inteira foi para a casa mortuária e começaram todos a soluçar assim que viram o caixão rodeado de flores dos lados e por cima. Liz tinha pedido rosas brancas e o cheiro era intenso quando entraram. Durante muito tempo ouviu-se apenas o som dos soluços até que Victoria e James levaram as crianças para fora, com a avó materna, e Liz ficou sozinha com o caixão que escolhera e com o homem que amara durante quase vinte anos.

— Como isto pôde acontecer? — murmurou ajoelhando-se junto dele. — E o que eu vou fazer sem você?

As lágrimas caíam-lhe, ajoelhada no tapete gasto e com uma mão apoiada na madeira lisa. Era tudo tão inconcebível, tão insuportável, muito mais do que alguma vez pensara poder suportar... Mas agora não tinha escolha, eram as cartas que a vida lhe dera e tinha de jogar com elas, pelo menos por causa dos filhos.

Victoria foi buscá-la depois de alguns momentos para irem comer alguma coisa, mas Liz não foi capaz. As crianças já falavam umas com as outras e Peter tentava distrair as irmãs, vigiando ao mesmo tempo a mãe, sentado ao lado de Jamie e incentivando-o a comer o hambúrguer. Todos tinham crescido no espaço de uma noite. Peter parecia entender que não podia continuar a ser um adolescente, transformara-se num homem e até as garotas pareciam mais adultas e Jamie menos bebê. E faziam o que podiam para se mostrarem fortes e apoiarem-se uns aos outros e à mãe.

Carole levou-os para casa de carro quando acabaram de comer e os outros voltaram para a casa mortuária com Liz. Durante toda a tarde foram chegando pessoas para lhe dar os pêsames, chorar, confortá-la e conversar umas com as outras lá fora. Era uma espécie de infundável coquetel, sem comida e com lágrimas, com Jack no caixão ao fundo da sala. Liz estava sempre esperando que ele saísse de lá e lhes dissesse que tudo não passara de um terrível engano e que nada daquilo tinha acontecido. Mas tinha e nada podia alterar a situação.

Passaram mais um dia na casa mortuária, com Liz alternadamente entorpecida e histérica, embora se mostrasse extraordinariamente serena, tanto que houve quem pensasse que estava sedada. Mas não, ligara simplesmente o “piloto automático” e fazia o que era preciso.

A segunda-feira amanheceu com um sol radioso e ela voltou à casa mortuária antes do enterro para ficar sozinha com o marido. Resolvera não vê-lo, mas a decisão a fazia sofrer. Sentia que talvez devesse olhá-lo pela última vez, mas sabia que não era capaz, não queria recordá-lo assim. A última vez que o vira fora no chão do escritório e depois na ambulância, momentos antes de morrer e isso era sofrimento suficiente como recordação, não era preciso aumentá-lo. Mais do que tudo, tinha medo de perder por completo a cabeça. Entrou no carro

e encontrou os filhos à espera na sala, com os tios e os avós. A mãe dela estava de preto e as garotas com uns vestidos azul-escuros que lhes comprara. Peter usava o seu primeiro terno azul-escuro, comprado pelo pai um mês antes e Jamie tinha um casaco e umas calças cinzentas. Liz decidira-se por um velho vestido preto do qual o marido gostava e um casaco que Jean pedira emprestado na véspera. Era um grupo sombrio e respeitável. Enquanto percorriam a igreja para se instalar à frente, Liz ouviu gente chorando e a assoar-se.

A missa foi bonita e breve, a igreja estava cheia com flores por todo o lado, mas depois tudo se transformou numa mancha indefinida para ela. Jean e Carole tinham organizado a comida em casa e mais de cem pessoas apareceram para comer e beber e dizer-lhe que tinham muita pena, mas Liz só conseguia pensar que o deixara no cemitério. Colocara uma única rosa vermelha em cima do caixão, beijara a madeira e afastara-se com Jamie pela mão e um braço de Peter por cima dos ombros. Fora um momento de dor tão terrível que sabia que nunca na vida iria esquecê-lo.

Moveu-se como um robô todo o dia e duas horas depois de todos terem ido embora, o cunhado apanhou um vôo para Washington, o irmão para Nova Iorque, os pais de Jack para Chicago e Victoria foi para casa, mas prometeu voltar no dia seguinte com os filhos. Jean também voltou para casa nessa noite, Helen iria de manhã e então Liz ficaria sozinha com os filhos e teria o resto da vida para viver sem o marido.

Quando as crianças se deitaram, ela e a mãe sentaram-se na sala. A árvore de Natal ainda estava lá com um aspecto tão lamentável como o dela e Helen tinha lágrimas nos olhos e dava-lhe palmadinhas na mão.

— Sinto tanto por ter acontecido isso com você.

Ela própria perdera o marido dez anos antes, mas o pai de Liz já estava com setenta e um anos e muito doente, o que lhe dera tempo para se preparar. Além disso, os filhos já eram crescidos e tinham saído de casa. Fora doloroso, mas nada que se comparasse com o efeito que a morte de Jack provocara em Liz e ela sabia disso.

— Fiquei com tanta pena — repetiu Helen, com as lágrimas a correrem pelo rosto, como corriam no da filha.

Nada mais havia a dizer. Ficaram ali sentadas, abraçadas uma à outra durante bastante tempo e pela primeira vez desde o nascimento de Jamie, Liz lembrou-se de que gostava muito dela, perdoando-lhe as palavras proferidas então. Era horrível, mas aquela terrível perda tinha-lhes trazido uma espécie de paliativo, que Liz agradeceu.

— Obrigada, mãe. Quer uma xícara de chá? — perguntou por fim.

Foram até à cozinha e enquanto tomavam o chá, sentadas à mesa, Helen voltou a perguntar à filha se ia vender a casa. Liz sorriu. Já não se importou com a pergunta, era apenas a maneira da mãe lhe dizer que se preocupava e queria

saber se ela ficaria bem.

— Ainda não sei o que vou fazer, mas tudo vai correr bem.

Tinham poupado dinheiro durante todos aqueles anos e Jack fizera um bom seguro de vida. E, claro, havia o escritório de advocacia para se manterem. O dinheiro não era problema, mas sim aprender a viver sem Jack.

— Não quero fazer grandes mudanças por causa das crianças — acrescentou Liz.

— Você acha que voltará a casar?

Era uma pergunta idiota, mas Liz sorriu de novo, pensando no que Victoria lhe tinha dito: *“Se a China nos declarar guerra...”*

— Acho que não, é uma coisa que não consigo imaginar, mãe. — Os olhos se encheram de lágrimas mais uma vez — Não sei como vou viver sem ele.

— Você tem que reagir, principalmente pelas crianças, que vão agora precisar de você mais do que nunca. Talvez fosse bom se afastar um pouco do trabalho, fechar o escritório por uns tempos.

Mas isso era impossível e Liz sabia disso. Os processos em curso caíam-lhe agora em cima, exceto o de Amanda Parker. Só de pensar nela lamentou as crianças, órfãs de mãe e pai, e pensou no que deviam ter sofrido. Já ligara para lá e falara com a irmã de Amanda, nessa mesma tarde, para lhe dizer o quanto lamentava e a família Parker mandara flores.

— Não posso fechar o escritório, mãe. Tenho responsabilidades para com os clientes.

— É uma carga pesada demais para você, Liz — disse a mãe, chorando.

Tinha coração afinal; a ligação com a boca é que era muitas vezes deficiente e desatinada, mas Liz compreendeu de repente mais alguma coisa sobre ela. Tinha boas intenções, mas não sabia como expressá-las.

— Eu consigo.

— Quer que eu fique aqui?

Liz abanou a cabeça. Se a mãe ficasse, teria de cuidar dela e precisava de toda a sua energia para os filhos.

— Eu lhe telefono, se precisar da senhora, prometo.

Deram as mãos por cima da mesa da cozinha por um momento e depois foram deitar. Victoria ligou um pouco mais tarde para saber como Liz se sentia e ela respondeu que estava bem, mas nem uma nem outra acreditaram. Depois ela ficou deitada sem conseguir dormir e chorou durante quase toda a noite até às seis da manhã.

A mãe partiu à hora prevista e Liz ficou sozinha com os filhos, andando de um lado para outro na casa, sem qualquer objetivo. Carole levou as crianças para passear e até Peter foi, mesmo sem a namorada. Liz ficou para passar em revista os documentos do marido. Estava tudo meticulosamente organizado: encontrou logo o testamento e a apólice de seguro, tudo em ordem na secretária

dele. Não precisou vasculhar, não teve más surpresas, nada que a preocupasse, a não ser o fato de que ele tinha partido e dela ter ficado sozinha para o resto da vida. Pensando nisso sentiu a onda de pânico que já era familiar e uma saudade maior do que julgava humanamente possível. Chorou toda a tarde e quando os filhos voltaram parecia exausta.

Carole fez o jantar, hambúrgueres e batatas fritas. Tinham jogado fora o peru sem lhe tocar, na noite de Natal; ninguém queria olhá-lo e muito menos comê-lo e às nove horas já estavam nos respectivos quartos, as garotas vendo um vídeo. Jamie acordou no meio da noite e meteu-se na cama da mãe, e foi um conforto o corpinho quente encostado a ela. A vida estendia-se diante dos olhos de Liz como uma estrada vazia e sem fim, apenas com responsabilidades e cargas, coisas que teria de fazer sozinha.

A semana passou lentamente, com as crianças ainda de férias. No domingo foram à missa e então já tinham passado dez dias desde a morte de Jack, dez dias feitos de horas e momentos, tudo aquilo continuava parecendo um pesadelo. Na segunda-feira Liz levantou-se e fez o café, Peter entrou no carro e foi para a aula, ela levou as filhas ao colégio e depois Jamie à sua escola especial. O garoto hesitou durante um bom tempo antes de sair do carro. Por fim olhou para a mãe, agarrado à lancheira nova, oferecida por Rachel nesse Natal e com figuras da Guerra das Estrelas.

— Preciso dizer na escola que o paizinho morreu? — perguntou cabisbaixo.

— As professoras sabem, querido. Eu telefonei e lhes contei. Além disso, acho que devem ter lido no jornal. Diga só que não quer falar nisso, se achar melhor.

— Elas sabem que um homem mau lhe deu um tiro?

— Acho que sim. Se você precisar de mim, diga para a professora e ela deixa você ligar para o escritório.

Dissera à diretora que lhe telefonasse ou a Carole, se ele ficasse aflito, mas assim como os irmãos, parecia aguentar melhor do que ela pensara.

— Posso voltar para casa, se quiser? — perguntou Jamie com ar preocupado.

— Claro, mas você pode sentir-se muito só lá em casa. Se pensar bem, é mais divertido na escola, com os seus amigos. Espere para ver como se sente.

O garoto acenou com a cabeça e abriu a porta do carro, hesitando novamente e voltando-se mais uma vez para a mãe.

— E se alguém lhe der um tiro no escritório, mãezinha? — fez a pergunta com os olhos cheios de lágrimas e Liz abanou a cabeça, também com os olhos marejados.

— Isso não vai acontecer, prometo.

Estendeu a mão e tocou no garoto, mas como podia fazer uma promessa dessas? Como podia garantir-lhe que algum deles estava a salvo daí em diante? Se uma coisa horrível acontecera ao pai, o mesmo podia acontecer a qualquer um deles, mesmo a Jamie. Já não havia a garantia de uma longa vida ou de

segurança.

— Eu vou ficar bem e você também. Até logo, meu queridinho.

Jamie acenou com a cabeça e saiu do carro, dirigindo-se para a escola com um ar desolado que Liz observou com o coração pesado. Perguntou a si própria se todos eles se sentiriam assim para o resto da vida ou, pelo menos, durante muito tempo.

Era difícil imaginar que fossem de novo capazes de rir, ou de fazerem barulho ou de experimentarem uma sensação de alegria. Tudo aquilo parecia um peso que teriam de suportar para sempre, pelo menos ela. Superariam a perda ou se habituariam a ela, mas nunca teriam outro pai e ela nunca recuperaria o marido. Era uma perda irreparável, mesmo que os corações se recuperassem e o vazio estaria lá para sempre. Dirigiu-se ao escritório, tão cega pelas lágrimas e tão preocupada que passou dois sinais vermelhos e a polícia mandou-a parar.

— Não viu o sinal? — gritou-lhe o guarda quando ela abriu a janela.

Liz pediu desculpa por entre as lágrimas. O homem olhou-a durante um momento, pegou na carta de motorista e começou a afastar-se, mas depois voltou. Reconheceu o nome por ter lido a notícia no jornal, encarou-a preocupado e entregou-lhe a carta.

— A senhora não devia dirigir. Para onde vai? — perguntou.

— Para o trabalho.

— Lamento muito o que aconteceu ao seu marido. Por que não vem atrás de mim? Qual é o endereço?

Liz disse e o homem entrou no carro, ligou o pisca-pisca e arrancou na frente dela, conduzindo-a até o escritório. Quase era pior quando as pessoas mostravam pena, mas o guarda foi incrivelmente simpático, até saiu do carro e lhe deu um aperto de mão.

— É melhor a senhora não dirigir durante algum tempo, ou o menos possível. Pode ter um acidente e machucar-se ou a alguém. Deixe passar uns dias. — Deu uma palmadinha no braço de Liz, que continuava chorando enquanto lhe agradecia e viu-a afastar-se e entrar no edifício do escritório com a pasta de Jack na mão.

Não ia ali desde a morte do marido e sentia-se apavorada com a idéia, mas sabia que Jean estivera lá na semana anterior e, como de costume, tinha feito milagres. O tapete manchado de sangue fora substituído e a parede contra a qual Phillip Parker se suicudara, pintada. Não havia vestígios da tragédia e Jean sorriu e ofereceu-lhe um café.

— O que eu vi lá fora era um carro da polícia? — perguntou Jean, preocupada, enquanto Liz limpava as lágrimas e lhe sorria.

Liz queria agradecer-lhe por tudo o que ela tinha feito, mas não conseguia traduzir os sentimentos em palavras. No entanto, Jean compreendeu sem ouvi-las e lhe entregou uma caneca de café quente.

— Passei por dois sinais vermelhos. O policial foi muito simpático e veio comigo até aqui. Disse-me que era melhor eu não dirigir.

— Não é má idéia — concordou Jean, preocupada.

— E qual é a sua sugestão? Que eu alugue uma *limousine*? Eu tenho que trabalhar!

— Venha de táxi — sugeriu Jean.

— Isso é uma despesa inútil.

— Não é inútil se evitar que mate ou machuque alguém, ou a si mesma. Seria muito pior.

— Eu estou bem — garantiu Liz, sem convencê-la.

Jean cancelara todas as consultas e audiências que fora possível, exceto duas, mas essas eram somente para o fim da semana. Liz precisava de tempo para estudar todos os processos e respectivas estratégias. Nessa tarde ditou uma carta a Jean, explicando as circunstâncias da morte do marido a todos os clientes, embora fosse difícil pensar que não as conhecessem. Todos os jornais e a televisão tinham falado do assunto durante o fim de semana do Natal, mas apesar disso algumas pessoas podiam ter viajado durante o período de festas. Explicou que trabalharia sozinha e que compreenderia se quisessem contratar outros advogados para substituí-los. Se não, continuaria a ocupar-se dos casos, dando o melhor de si. Agradeceu a todos os que tinham lhe enviado cartas e flores, com palavras diretas e concisas, e tanto ela como Jean acreditavam que a maioria dos clientes se manteria fiel. Mas esse voto de confiança também seria um peso enorme, pois apesar do que dissera à mãe na semana anterior, começava a perguntar a si mesma se conseguiria dar conta do recado. Sozinha era difícil, da noite para o dia a tarefa duplicara, já que tinha de se ocupar do trabalho do marido e do seu, além de ter perdido o apoio moral e a centelha de energia que ele sempre lhe transmitira.

— Você acha que eu consigo? — perguntou a Jean no fim da tarde, com uma expressão deprimida e ansiosa, pois tudo lhe parecia exigir um esforço dez vezes maior e sentia-se exausta.

— Claro que sim.

Jean sabia que Liz era tão boa advogada como Jack. Ele tinha sido o mais forte e agressivo, quando era preciso, mas a sociedade deles fora sempre exatamente isso, uma sociedade.

Naquele momento, sem o marido, Liz sentia-se menos do que metade da equipe, era como se ele tivesse levado consigo toda a sua confiança e coragem, sensação que comunicou à secretária.

— Você vai conseguir — repetiu Jean. — E eu vou fazer tudo o que puder para ajudá-la.

— Eu sei, já está fazendo... — respondeu Liz, olhando para o tapete novo com os olhos cheios de lágrimas e recordando o aspecto da sala na manhã de Natal. —

Obrigada — disse baixinho.

Depois, dirigiu-se ao gabinete do marido para continuar vendo os processos dele até que, às cinco e meia, teve de fazer um esforço para se levantar e ir para casa. Não queria chegar tarde demais por causa dos filhos, embora soubesse que, nem que ficasse todos os dias no escritório até à meia-noite durante um mês, conseguiria fazer tudo o que queria. Levou a pasta de Jack para casa, cheia de processos que devia ler até de manhã e ainda precisava se preparar para duas sessões no tribunal.

A casa estava silenciosa quando entrou, especialmente silenciosa. Primeiro pensou que os filhos tinham saído, mas depois viu Jamie na cozinha com Carole. Ela acabara de fazer biscoitos de chocolate e a criança, sentada à mesa, comia-os sem falar. Assim continuou, sem nem mesmo reagir à mãe quando ela lhe sorriu.

— Como passou o dia, meu querido?

— Mal — respondeu Jamie tristemente. — A minha professora chorou e disse que tinha pena do paizinho.

Liz acenou com a cabeça. Sabia perfeitamente a sensação que aquilo provocara. O rapaz que lhe levava um sanduíche para o almoço e o empregado da farmácia onde fora aviar uma receita, assim como duas pessoas que encontrara na rua, todos a fizeram chorar. Bastava dizerem que tinham muita pena para ela perder o controle; seria mais fácil lidar com um pontapé nas canelas. E a avalanche de cartões de pêsames chegados ao escritório partia-lhe o coração. Em cima da bancada da cozinha viu nesse instante outra pilha. As pessoas eram bem-intencionadas, mas a sua eloquência e expressões de simpatia eram muito difíceis de enfrentar.

— Como estão os outros? — perguntou Liz a Carole, largando a pasta de Jack.

— Por que a senhora está com a pasta do paizinho? — perguntou Jamie, colocando outro biscoito na boca.

— Porque preciso ler uns papéis dele.

Jamie acenou com a cabeça, satisfeito, e informou-a de que Rachel estivera chorando no quarto, mas Megan e Annie pareciam bem e Peter ainda não chegara.

— Ele ainda não me ensinou a andar de bicicleta — disse o garoto, triste, o presente tão desejado ficara praticamente esquecido.

— Talvez possa ensinar hoje à noite — consolou-o Liz, mas Jamie abanou a cabeça e largou o biscoito meio comido. Como a mãe e os irmãos, tinha pouco apetite. — Agora não quero mais andar de bicicleta.

— Está bem — concordou Liz baixinho, fazendo-lhe festa na cabeça e inclinando-se para lhe dar um beijo.

Nesse momento Peter entrou na cozinha com uma expressão desolada.

— Olá, Peter — exclamou ela, sem se atrever a perguntar-lhe como passara o

dia.

Via-se que fora igual ao de todos eles e parecia ter envelhecido cinco anos na última semana. Era uma sensação familiar, embora no caso dela fossem mais de cem anos. Quase não comera ou dormira desde a véspera de Natal e mostrava-o no rosto.

— Tenho uma coisa para lhe dizer, mãe.

Porque será que tenho a sensação de que não é uma boa notícia, interrogou-se Liz com um suspiro, sentando-se e pegando o resto do biscoito de Jamie. O sanduíche ficara intacto no escritório.

— Tive um acidente quando vinha para casa.

— Você machucou alguém? — perguntou Liz, aparentando calma, mas sentindo-se atordoada.

A sua perspectiva alterara-se naquela última semana, tudo o que fosse menos do que a morte era admissível.

— Não, mas acabei com o pára-choque porque bati num carro estacionado.

— Deixou um bilhete para o dono?

— Deixei. O outro carro não ficou amassado, mas achei que era melhor. Desculpe, mãe.

— Não faz mal, querido. Esta manhã quando eu ia para o escritório passei dois sinais vermelhos, se é que isso faz você se sentir melhor. E o policial que me mandou parar disse que eu não devia dirigir. Pensando bem, você também não, durante algum tempo.

— Mas sem o carro, como vou me arranjar?

— Eu sei, Peter, é como eu. Precisamos ter muito cuidado.

Peter dirigia um carrinho Volvo, já com alguns anos, que o pai lhe comprara há pouco tempo, por ser sólido e seguro, o que Liz agradeceu mentalmente. Ela dirigia um modelo mais novo da mesma marca e Carole tinha carro próprio, um velho Fordcom dez anos, muitíssimo bem conservado. Era bom para o que precisava e era nele que ia buscar as crianças na escola. Agora dispunham ainda do carro de Jack, um Lexus novo, comprado nesse ano, mas Liz não tinha coragem para pegá-lo ou para vendê-lo. Não queria desfazer-se das coisas do marido, passara até várias noites agarrada à roupa dele, sentindo o familiar cheiro da loção da barba. Não tinha intenção de dar fosse o que fosse, precisava ter tudo perto dela. Várias pessoas tinham lhe dito que se livrasse de tudo o mais depressa possível e ela agradecera o conselho, mas sem a mínima intenção de segui-lo.

As garotas vieram para baixo pouco tempo depois, completando o grupo sombrio reunido em volta da mesa da cozinha. Pelo menos durante metade da refeição, ninguém falou. Pareciam e sentiam-se como sobreviventes do Titanic. Só aguentar a passagem dos dias era penoso, sobretudo com a volta às aulas e com Liz no escritório de novo.

— Posso perguntar-lhes como foi o primeiro dia de aulas de vocês?

O silêncio foi interrompido por Liz, diante da comida deixada nos pratos de todos. Só Peter fizera um esforço para comer alguma coisa, mas nem ele conseguira aproximar-se do normal. Costumava repetir tudo e não dispensava sorvete ou qualquer outra sobremesa doce. Assim, todos pareceram ficar aliviados com a pergunta da mãe.

— Uma grande chatice — exclamou primeiro Rachel, com Annie confirmando.

— Todos perguntavam como tudo aconteceu e se eu o vi depois e se choramos no enterro. Foi muito ruim — acrescentou Megan, ao som dos suspiros de concordância dos irmãos.

— Provavelmente foi com boas intenções — comentou Liz, resolvendo dar o benefício da dúvida. — Mas sentem-se curiosos e não sabem bem o que vão nos dizer. Temos que seguir em frente e aguentar.

— Eu não quero voltar para a escola — declarou Jamie com firmeza.

Liz primeiro pensou em obrigá-lo a ir, mas decidiu não contrariá-lo. Se ele precisava passar algum tempo em casa para se recuperar, pouca diferença faria, sobretudo no seu caso.

— Talvez você possa ficar com Carole durante uns dias — disse Liz calmamente, o que fez Rachel perguntar imediatamente:

— Também posso ficar em casa?

— E eu? — perguntou Annie.

— Acho que vocês têm de tentar aguentar e o Jamie experimenta outra vez na próxima semana.

Peter não contou que faltara às duas últimas aulas para ficar sozinho no ginásio, por não aguentar mais aquilo que as irmãs haviam descrito. O professor de Educação Física o descobrira e sentara-se conversando com ele durante muito tempo. Tinha perdido o pai com a mesma idade de Peter e trocaram impressões sobre a sensação que uma coisa daquelas provocava. A conversa ajudara-o, mas não o libertara do sofrimento.

— Ninguém disse que isto ia ser fácil — insistiu a mãe com um suspiro — mas foi o que a vida nos destinou neste momento e temos que tentar lidar com a situação. Talvez possamos pensar no paizinho e no que ele desejaria para nós. E um dia vamos ficar melhor.

— Quando? — perguntou Annie, desolada. — Durante quanto tempo nos sentiremos assim? O resto da vida?

— Agora parece que sim, mas não sei. Quanto tempo dura um sofrimento? Muito, às vezes, não sempre — respondeu Liz, desejando acreditar.

Então foram todos para cima ao mesmo tempo. A casa nunca estivera tão silenciosa, entraram nos quartos com as portas fechadas, não se ouvia música lá dentro e o telefone quase não tocava. Liz deu um beijo em cada um, incluindo

Peter e ficaram os dois abraçados um bom tempo, sem falar. Nada mais havia a dizer, a única coisa que podiam tentar era sobreviver. E Jamie tornou a dormir com Liz nessa noite; ela não o encorajou a voltar para a cama dele, porque era bom tê-lo junto de si e não ser obrigada a dormir sozinha. Mas quando apagou a luz e se deitou ao lado do filho adormecido, só pensava nas saudades que tinha do marido e perguntava a si mesma e a ele, se pudesse vê-la de onde estava, como ela poderia suportar uma coisa daquelas. Por enquanto não encontrava respostas. Não havia alegria na vida de qualquer deles, mãe e filhos, apenas a insuportável agonia da perda e o enorme vazio deixado por Jack, onde só cabia a dor dessa perda. Continuava a ser uma dor física para todos, especialmente para ela, ali deitada mais uma vez, acordada durante toda a noite chorando por ele, abraçada a Jamie. Apertava o filho nos braços e sentia-se afundar.

CAPÍTULO 4

No Dia de São Valentim, Jack já partira há sete semanas e as crianças começavam a sentir-se melhor. Liz tinha falado com a psicóloga do colégio das filhas, que lhe garantira que isso aconteceria por volta das seis ou oito semanas. Iam adaptar-se, dissera a especialista, mas ela se sentiria pior durante algum tempo, quando a realidade a atingisse.

Nesse dia, ao entrar no escritório, Liz acreditou finalmente nela. Jack sempre dera muita importância aos feriados. No Dia de São Valentim oferecia-lhe rosas e um presente, mas nesse ano tudo era diferente. Tinha que ir ao tribunal, o que cada vez lhe custava mais. A animosidade dos clientes nos casos de divórcio parecia-lhe desnecessariamente venenosa, assim como os argumentos cruéis e indecorosos que utilizavam e queriam que ela utilizasse. Começara a odiar o escritório de advocacia e a perguntar a si própria por que motivo teria deixado o marido convencê-la a tratar daqueles casos.

Falara no assunto a Victoria na última vez em que puderam ver-se. Os filhos dela a prendiam muito, porque eram pequenos, e era difícil estarem juntas com frequência, mas conversavam pelo telefone, à noite.

— Então que casos você gostaria de tratar? — perguntara a amiga. — Sempre me disse que detestava danos pessoais quando eu o fazia e não vejo você no criminal.

— Há outras especialidades, não sei, talvez alguma coisa ligada a crianças. Os meus clientes estão tão ocupados em prejudicar-se mutuamente que nem pensam nos filhos.

Era uma especialidade que sempre a atraía, mas Jack dizia que não dava dinheiro. Não que fosse ganancioso, era apenas uma pessoa prática, pois tinham cinco filhos para sustentar e educar. Ganhavam bem com o que faziam, o que era difícil de ignorar.

Naquela tarde de São Valentim, Liz sentiu mais uma vez que odiava o que fazia, ao sair da sala do tribunal depois de ganhar um caso sem importância. A cliente convencerá-a a apresentar queixa contra o ex-marido, mais para aborrecê-lo do que por qualquer outro motivo, o que lhe valera uma admoestação do juiz que, no entanto, decidiu a seu favor. Como resultado era uma vitória fútil que a fazia sentir-se estúpida.

— Perdeu? — perguntou Jean, assim que ela entrou no escritório com ar cansado e irritado.

— Não, eu ganhei, mas o juiz disse que a petição era frívola e teve razão — respondeu Liz, pegando a correspondência e encaminhando-se para o seu gabinete. — Ela só queria aborrecer o marido. O Jack teria se recusado, com certeza.

No entanto ele já não estava ali para discutirem os casos, protegê-la, fazê-la rir e pôr os clientes na linha. Sempre tornara as coisas divertidas, mantendo o trabalho excitante. Agora era tudo um aborrecimento e ela já não achava que estivesse ajudando os clientes da melhor maneira.

— Talvez a minha mãe tivesse razão há dois meses e eu devesse fechar o escritório — concluiu.

— Não acho, a não ser que seja essa a sua vontade — replicou Jean calmamente.

Sabia que a companhia de seguros já entregara o dinheiro na semana anterior e que Liz podia perfeitamente fechar o escritório durante algum tempo, até decidir o que queria fazer, mas pensava que se sentiria muito mal, sentada em casa com muito tempo livre. Estava tão habituada a trabalhar e fazia-o tão bem que não podia largar tudo.

— Dê um tempo e talvez volte a gostar, Liz. Ou talvez possa impor-se aos clientes e ser mais seletiva quanto aos casos de que se encarrega.

— Sim, talvez.

Saiu cedo e não disse aonde ia, mas havia algo que queria fazer sozinha. Parou, comprou uma dúzia de rosas e dirigiu-se ao cemitério. Depois ficou de pé junto ao túmulo do marido durante muito tempo. Ainda não tinha lápide e Liz colocou as rosas na relva. Então soluçou durante uma hora.

— Adoro você — murmurou por fim, afastando-se de cabeça baixa e mãos enterradas nos bolsos, contra um vento gelado.

Entrou no carro e estava quase chegando em casa quando ignorou uma passagem de pedestres precisamente quando uma jovem atravessava a rua com muita pressa. O Volvo bateu no lado esquerdo da moça e ela caiu com uma expressão espantada, enquanto Liz freava com toda a força e saía do carro para socorrê-la. Ainda com o rosto banhado em lágrimas, ajudou-a a levantar-se. À volta delas, três carros buzonavam e os motoristas gritavam.

— Tá doida ou bêbada? Olhe que fez!

— Você atropelou-a! Sou testemunha... Está bem? — perguntou outro, dirigindo-se à vítima.

Ficaram as duas tremendo em frente ao carro de Liz, que não conseguia parar de chorar.

— Lamento muito, eu... eu não sei o que me aconteceu, vinha distraída — disse ela à moça, embora sabendo perfeitamente o que ocorrera.

Fora ao cemitério e vinha tão perturbada que atropelara a jovem, que tinha prioridade para atravessar a rua. A culpa era só sua.

— Eu estou bem... não se preocupe... Quase não me tocou — garantiu a garota.

— Podia tê-la matado — exclamou Liz, horrorizada. Ficaram agarradas uma à outra e a jovem acabou percebendo que ela estava transtornada.

— Sente-se bem?

Liz acenou com a cabeça sem conseguir falar, profundamente penalizada pelo que acontecera e apavorada diante da possibilidade de ter sido muito pior.

— Peço desculpas... meu marido morreu há pouco tempo... e eu estive agora no cemitério... Não devia ter vindo dirigindo...

— Vamos sentar-nos... — sugeriu a moça.

Entraram no carro de Liz, que propôs levá-la ao hospital, mas a jovem garantiu que se sentia bem e disse que lamentava o que sucedera ao marido dela. Liz estava em pior estado do que a atropelada.

— Tem certeza de que não quer ser vista por um médico? — perguntou Liz de novo, mas a outra sorriu, contente por não ter sido mais grave.

— Eu estou bem, no máximo fico com uma mancha preta. Tivemos sorte... ou eu, pelo menos.

Conversaram uns minutos, trocando nomes e números de telefone, até que a moça saiu do carro e seguiu o seu caminho, enquanto Liz se dirigia para casa, ainda tremendo. Ligou do carro para Victoria e contou-lhe o que tinha acontecido, já que os danos pessoais eram a especialidade dela. A amiga assoviou entre dentes.

— Se ela é tão simpática como você diz, o que eu duvido por experiência própria, você tem uma sorte dos diabos, mas o melhor é deixar de dirigir durante algum tempo, antes que mate alguém.

— Tenho estado bem... mas hoje... Fui ao cemitério... é Dia de São Valentim... — desatou a chorar e não pôde continuar.

— Eu sei, sinto muito. Sei como é difícil para você.

Mas não sabia, ninguém podia saber, Liz compreendia finalmente, a não ser que tivesse passado por isso. Percebeu que todas as vezes que dissera a alguém como lamentava a sua perda, nem sequer sonhara o que isso significava e o que a pessoa sentia.

Contou aos filhos o que sucedera e eles ficaram assustados e preocupados com ela. Depois, telefonou à jovem para saber como estava, mas ela garantiu que corria tudo bem e na manhã seguinte mandou flores para Liz no escritório, o que a deixou espantada. O cartão dizia: *“Não se preocupe que vamos ficar bem.”* Liz telefonou para Victoria assim que as recebeu.

— Você deve ter atropelado um anjo — disse a amiga, sem poder acreditar. — Qualquer um dos meus clientes te levava ao tribunal por danos morais, emocionais, lesões cerebrais e outras e eu conseguiria uma indenização de dez milhões.

— Ainda bem que você se aposentou! — e Liz soltou uma gargalhada pela primeira vez desde a morte de Jack; não era tempo para risos.

— Você tem toda a razão e uma sorte dos diabos. Agora vai parar de dirigir por uns tempos? — estava realmente preocupada.

— Não posso, tenho muito que fazer.

— Bom, mas é melhor ter cautela. Pense no que aconteceu ontem como um aviso.

— Fique descansada.

Passou a ter muito cuidado, compreendendo que estava perturbada e distraída. Durante um mês esforçou-se também por mostrar-se mais alegre para os filhos. Levou-os ao cinema nos fins de semana, foram jogar boliche e disse-lhes que convidassem amigos de vez em quando, para jantar e passar a noite. No Dia de São Patricio, outro dos feriados favoritos de Jack, não se sentiam muito animados, mas já estavam se sentindo melhor; tinham se passado quase três meses e, pelo menos as crianças, pareciam mais felizes, até Jamie. Ouviam-se, por vezes, gargalhadas à mesa do jantar, punham a música para tocar alto como antes e Liz compreendeu que, apesar das suas expressões normalmente sérias, tinham ultrapassado o pior. Quanto a ela, continuava com as suas noites longas, escuras e solitárias e os dias cheios de tensões no escritório.

No fim de semana da Páscoa, fez uma surpresa aos filhos. Não conseguia suportar mais umas férias desoladas, cheias de recordações de Jack, vagueando pela casa e tentando aguentar o sofrimento. Levou-os para esquiar no lago Tahoe e eles adoraram. Pareciam aliviados por ver a mãe partilhar algo com eles, esquiando e rindo, seguindo atrás de Megan ou se chocando com Jamie. Adoraram e era exatamente aquilo que estavam precisando. Durante a viagem de volta para casa falaram sobre o verão.

— Ainda faltam muitos meses, mãe — queixou-se Annie.

Tinha uma queda por um vizinho e nem queria pensar em afastar-se de casa durante o verão. Peter já arranjava emprego para as férias, numa clínica veterinária, trabalho que nada tinha a ver com a sua carreira, mas que o manteria ocupado. Portanto, só lhe restava organizar as férias das filhas e de Jamie.

— Este ano só posso sair durante uma semana, tenho muito que fazer, agora que estou sozinha. Que tal irem as três para um acampamento de férias durante um mês? O Jamie pode ficar em casa comigo e ir todos os dias a um acampamento para externos.

— Posso levar o almoço de casa? — perguntou o garoto, preocupado e Liz sorriu-lhe.

Ele detestara a comida no último acampamento de férias que freqüentara, embora adorando as atividades e dando-se bem com as outras crianças. Era uma boa solução, já que não podia ir para um acampamento interno, como as irmãs.

— Claro que pode levar o almoço — prometeu a mãe e ele sorriu de orelha a orelha.

— Então quero ir.

As outras três discutiram o assunto e acabaram por decidir que o

acampamento de férias, em julho, era realmente uma boa idéia e a mãe prometeu que os levava de novo a Tahoe durante uma semana em agosto. Depois podiam passar o resto das férias em casa e tomar banho na piscina com os amigos.

— Vamos fazer o nosso piquenique de 4 de julho este ano?

Era uma tradição organizada por Jack, que se ocupava sempre da grelha e do bar. Só de pensar naquilo, Liz sentiu-se deprimida. Fez-se um longo silêncio e ela sacudiu a cabeça. Ninguém discutiu e, quando olhou para Jamie, viu duas lágrimas escorrerem pelo rostinho.

— Ficou triste pelo piquenique? — perguntou-lhe baixinho, mas ele abanou a cabeça; era outra coisa e muito mais importante.

— Lembrei-me de que já não posso entrar nos Jogos Olímpicos Especiais.

Era um acontecimento que ele adorava e no qual participava com a ajuda do pai. “Treinavam” durante meses e Jamie chegava geralmente em último lugar, ou muito perto, em todas as corridas, mas ganhava sempre uma medalha e toda a família ia assistir.

— Por que não? — perguntou a mãe, recusando-se a aceitar o fato como consumado, pois sabia como Jack se empenhara naquilo e o que significava para Jamie. — Talvez o Peter possa treinar você.

— Não, mãe, não posso — lamentou Peter. — Vou trabalhar das oito da manhã às oito da noite na clínica e até em alguns fins de semana. Não tenho tempo — ia ganhar bastante dinheiro e por isso concordara com o horário.

O silêncio voltou a reinar, as lágrimas de Jamie rolavam pelo seu rosto e Liz sentiu um aperto no coração.

— Pronto, Jamie, então só restamos nós dois. Temos que trabalhar juntos. Primeiro escolheremos as corridas em que você quer entrar, depois vamos fazer o máximo possível. Este ano acho que devemos começar a pensar numa medalha de ouro — declarou ela calmamente, lutando contra as lágrimas e vendo os olhos do filho muito abertos, à medida que falava.

— Sem o paizinho?

Jamie parecia espantado, tentando perceber se a mãe falava sério ou se estava brincando com ele, mas ela não seria capaz disso.

— Comigo. Que tal? Vamos ser positivos!

— Não pode ser, a mãe não sabe como é!

— Aprenderemos juntos. Você me mostra o que o paizinho costumava fazer e vamos ganhar alguma coisa, prometo!

Liz viu um sorriso despontar no rostinho de Jamie, que estendeu a mão para ela sem dizer nada. Tinham resolvido o problema e o verão estava organizado. Só precisava inscrever as filhas no acampamento de férias, o Jamie no acampamento para externos e nos Jogos Olímpicos Especiais e alugar uma casa para todos em Tahoe, por uma semana, em agosto. Nada daquilo era fácil,

pensar em tudo, ir sozinha ao encontro das necessidades dos filhos, realizar os seus desejos e tentar compensá-los pelo que haviam perdido, mas fazia o que podia e, no momento, sobreviviam.

Iam bem nos estudos, sorriam bastante ultimamente, tinham-se divertido esquiando e só restava a Liz mantê-los assim até crescerem, aguentar o trabalho duplicado no escritório, aprender a levar Jamie aos Jogos Olímpicos Especiais e, se possível, conseguir que ele ganhasse uma medalha. Sentia-se como um malabarista no circo, enquanto conduzia a família para casa. Megan pôs o rádio do carro tocando aos berros, como de costume. Jack ficava sempre zangado e mandava-a baixar o som, mas ela não abria a boca. Sabia que era bom sinal e precisava de todos os bons sinais que fossem aparecendo. Nos últimos três meses e meio, Deus sabia que tinham sido muito poucos, mas as coisas melhoravam lentamente. Estendeu a mão, aumentou ainda o som e Megan começou a rir, acompanhada por Liz.

— Boa, mãe, assim é que se faz!! — começaram todos a rir e a gritar, depois cantaram em coro com a música, era ensurdecedor, mas era exatamente aquilo de que precisavam.

— Adoro vocês, meus queridos! — gritou Liz para se fazer ouvir.

Os filhos gritaram em coro para aquela mulher que os conduzia por entre os obstáculos até estarem a salvo, o que reconheciam.

— E nós adoramos a senhora, mãe!!!

Quando chegaram em casa, ainda tinham os ouvidos zunindo, mas sorriam enquanto pegavam a bagagem e se encaminhavam para a porta, com a mãe atrás deles também sorrindo.

Carole os esperava.

— Que tal foi o passeio? — perguntou ela, referindo-se ao esqui e também à longa viagem de regresso e Liz respondeu-lhe com um sorriso e uma expressão de paz que ela não vislumbrava há muito tempo.

— Fantástico — respondeu Liz calmamente, subindo as escadas em direção ao quarto.

CAPÍTULO 5

As aulas acabaram na segunda semana de junho e quinze dias depois Liz e Carole fizeram as malas das três meninas que iam para acampamento de férias. Estavam genuinamente excitadas porque várias amigas iam também e era bom vê-las tão felizes. O acampamento ficava perto de Monterey e Liz levou-as até lá de carro. Jamie também foi para lhe fazer companhia.

No automóvel o ambiente era de férias. Ouviram música, sempre alto, do gênero que lhes agradava, mas menos à mãe, embora Liz não se importasse. Durante o último mês, gostara realmente de estar com os filhos. Prometera a Jamie começar a treiná-lo assim que as irmãs fossem para o acampamento de férias. Ainda tinham cinco semanas antes dos Jogos Olímpicos Especiais, quando elas estariam de volta. Era costume irem todos assistir e incentivar o garoto, tradição iniciada por Jack três anos antes e muito importante para toda a família, mas Jamie estava com medo de que a mãe não fosse capaz de ajudá-lo.

Largaram as irmãs no acampamento, entre Monterey e Carmel e Liz ajudou-as a transportar os sacos de dormir, as raquetes de tênis, uma guitarra, dois baús e uma montanha de sacolas até aos dormitórios; parecia coisa suficiente para um exército invasor. A excitação era tanta que as garotas mal se despediram da mãe e do irmão e afastaram-se correndo para conhecer as monitoras e procurar as amigas.

— Talvez um dia você também vá para um acampamento destes — disse Liz, quando saíram com o carro.

— Não quero. Gosto de estar em casa com a senhora — respondeu Jamie com o ar mais natural do mundo.

Olhou para a mãe e ela lhe sorriu. Levaram três horas para chegar a Tiburon e Peter já voltara do trabalho. Começara na semana anterior e estava gostando muito, apesar do horário ser pesado. Era exatamente o que queria e havia outros estudantes empregados lá nesse verão, entre eles uma jovem muito bonita de Mill Valley e uma jovem estudante de veterinária, de Davis.

— Como foi o trabalho hoje? — perguntou Liz quando entrou na cozinha com Jamie.

— Muito — respondeu Peter, sorridente.

— Vamos jantar?

Voltara a cozinhar para os filhos. Primeiro Carole a substituíra, mas a partir da Páscoa Liz sentira como se tivesse restabelecido a ligação com eles. A mãe ainda lhe telefonava regularmente para saber como estava, mas até as suas previsões fatalistas já não lhe soavam tão sinistras. Parecia que iam conseguir, afinal. O trabalho ia andando, apesar de ser muito. Terminara todos os casos pendentes de Jack e aceitara alguns para ela. Os filhos estavam com saúde e o verão

começava bem. Continuava, obviamente, a sentir a falta do marido, mas ia agüentando os dias e até as noites. Não dormia tão bem como antes, mas dormia duas horas em vez de cinco e durante a maior parte do tempo sentia-se razoavelmente bem. Por vezes, parecia-lhe que caía num buraco e tinha uns dias de grande depressão, mas pelo menos os bons eram mais do que os maus.

Fez um prato de massa, salada e, para sobremesa, sorvete. Jamie ajudou-a. Até foi ele quem enfeitou o sorvete com nata batida e cerejas cristalizadas.

— Igual ao do restaurante — anunciou o garoto todo orgulhoso, colocando-o na mesa.

— Vocês já começaram a treinar para os Jogos? — perguntou Peter, interessado, enquanto comia o sorvete.

— Começamos amanhã — respondeu Liz.

— Em que modalidades você vai competir este ano?

Peter falava com o irmãozinho mais como um pai do que como um irmão mais velho. Tinha se recuperado nos estudos, na medida do possível, e até acabara o ano com notas muito razoáveis, apesar de tudo o que acontecera. No outono estaria no último ano e a mãe planejava visitar algumas faculdades com ele em setembro, principalmente na costa ocidental. Peter não queria afastar-se de casa e, embora tivesse falado de Princeton, Yale e Harvard antes do pai morrer, agora pensava na UCLA, Berkeley e Stanford.

— O salto em distância e os cem metros... e a corrida de sacos — declarou Jamie com orgulho. — Tinha pensado no lançamento do ovo outra vez, mas a mãe disse que já sou muito grande para isso.

— Acho que está certo e que você vai ganhar outra medalha — encorajou-o Peter com um sorriso caloroso, sob o olhar satisfeito da mãe.

Eram ambos bons meninos e Liz estava contente por tê-los em casa. Apreciava a companhia dos filhos e podia concentrar-se neles, agora sem as meninas.

— A mãe acha que eu vou ganhar o primeiro prêmio desta vez — insistiu Jamie, embora não muito convencido, pois continuava sem saber se ela seria boa treinadora e estava habituado a fazer aquilo com o pai.

— Aposto que sim — concordou Peter, servindo-se de mais sorvete e dando um pouco ao irmão.

— Não me importo de ficar em último lugar desde que ganhe uma medalha — continuou Jamie, com o ar mais natural deste mundo.

— Obrigadinha pela confiança na treinadora! — exclamou Liz, sorrindo e começando a tirar a mesa.

Depois o mandou para a cama, porque no dia seguinte começaria a ir todos os dias para o acampamento de férias. De manhã foi levá-lo, a caminho do escritório. Estava orgulhosa dele e inclinou-se para lhe dar um beijo.

— Adoro você, meu pequeno. Divirta-se! Estou em casa às seis horas e vamos

começar o nosso treino para os jogos.

Jamie acenou com a cabeça e atirou-lhe um beijo enquanto saía do carro. Liz dirigiu-se ao escritório. Estava um dia quente e ensolarado em Marin, embora se avistasse nevoeiro sobre a ponte, mas era provável que a temperatura em São Francisco não fosse tão amena... De repente pensou em Jack, como uma facada no coração. Ainda as sentia de vez em quando, sempre que pensava nele ou via alguma coisa de que ambos gostassem ou tivessem feito juntos, mas se recuperou e estava melhor ao chegar ao escritório. No entanto, fizesse o que fizesse, ou por mais ocupada que se encontrasse, continuava a ter muitas saudades dele.

— Algum recado? — perguntou a Jean, e esta lhe entregou sete folhinhas do bloco das mensagens com os telefonemas: dois de novos clientes que conhecera na semana anterior, dois de colegas a quem enviara casos, dois de desconhecidos e um da mãe. Ligou para todos os que se relacionavam com assuntos profissionais e, por fim, para a mãe.

— As meninas foram para o acampamento de férias?

— Claro. Eu as levei ontem. O Jamie começou hoje no acampamento diário e o Peter está trabalhando.

— E você, Liz? O que vai fazer para continuar com a sua vida?

— A minha vida é isto, mãe. Tomo conta dos meus filhos e trabalho. — O que a senhora esperava que eu fizesse mais?

— Isso não chega para uma mulher da sua idade. Você tem quarenta e um anos, ainda é nova, mas não suficientemente para perder tempo. Devia sair com homens.

Pelo amor de Deus! Era a última coisa em que pensava. Ainda usava a aliança e sempre que alguma amiga lhe dizia a mesma coisa, dava uma resposta evasiva. Não tinha o mínimo interesse em sair com alguém. Intimamente ainda se sentia casada com Jack e parecia que ia ser assim sempre.

— Só se passaram seis meses, mãe! Além disso, tenho muito que fazer.

— Há quem volte a casar passado esse tempo. Já foi há seis meses, é muito.

— E dezenove anos também. E a mãe, tem saído com algum homem?

— Eu já não tenho idade para isso — respondeu ela rispidamente, embora as duas soubessem que não era verdade. — Entendeu muito bem o que quero dizer.

Na realidade, entendia. Vende a casa, fecha o escritório, arranja um marido. A mãe tinha muitos e bons conselhos para ela, ou assim pensava, bem como todas as pessoas que Liz conhecia, mas não estava interessada neles.

— Quando você vai tirar umas férias? — insistiu a mãe.

— Em agosto. Vou levar as crianças para Tahoe.

— Ótimo. Você está precisando.

— Obrigada. Olhe, preciso trabalhar. Tenho muito serviço esta manhã.

Queria desligar antes que a mãe continuasse a importuná-la, sempre tinha

mais alguma coisa.

— Você já arrumou as coisas do Jack? — Meu Deus! Era incrível.

— Não, ainda não. O espaço não me faz falta.

— Mas você precisa se recuperar, Liz, e sabe disso.

— Então por que motivo os ternos do paizinho ainda estão no seu roupeiro?

— Isso é diferente, não tenho onde guardá-los. — Guardá-los para quem? Ambas sabiam que não era diferente.

— Ainda não tenho vontade de arrumá-los, mãe — e talvez nunca tenha vontade, reconheceu Liz para si mesma.

Não o queria fora da sua vida ou do seu coração, nem sequer dos seus roupeiros, ainda não estava pronta para se despedir.

— Eu estou melhor, muito melhor. Olhe, agora tenho de desligar.

— Você não quer ouvir, mas sabe que eu tenho razão.

Por que lhe diziam que tinha que guardar as coisas dele fora da vista? Sentiu de novo a familiar punhalada. A mãe não estava ajudando.

— Eu lhe telefono no fim de semana — prometeu Liz.

— Não se esforce demais, Liz. Continuo a achar que devia fechar o escritório.

— Talvez eu seja obrigada a isso, se a mãe não me deixar trabalhar.

— Está bem, está bem. Falamos no domingo.

Quando desligou, Liz ficou olhando pela janela, pensando no marido e no que a mãe tinha dito, mas era doloroso demais fazer o que ela queria. Era reconfortante ver a roupa dele no roupeiro. Às vezes, tocava numa manga ou cheirava o perfume que ainda permanecia nas golas. Guardara as coisas de barba e a escova de dentes, mas não conseguia fazer mais do que isso. O resto ainda estava tudo à vista e sentia-se bem assim. Um dia trataria do assunto. Mas esperava que fosse daí a muito tempo, não estava preparada, e sabia disso.

— Sente-se bem? — perguntou Jean, entrando no gabinete e vendo-a olhar para fora com uma expressão entristecida.

Mas Liz se recuperou rapidamente assim que a ouviu e olhou para ela com um sorriso melancólico.

— Foi a minha mãe. Tem sempre um conselhezinho para mim.

— As mães são assim. Você tem tribunal esta tarde. Acredito que se lembre.

— Lembro sim, embora não possa dizer que me agrade.

Mantivera o trabalho tal como anteriormente. Continuava a aceitar os casos que Jack aprovaria e gostaria de ganhar e entregava aos colegas os que ele não apreciaria. Fazia-o pelo marido, respeitando as mesmas regras, embora houvesse ocasiões em que questionava o seu procedimento. Havia tanta coisa nas leis sobre a família de que não gostava, tantas lutas que lhe pareciam sem importância... E começava a sentir-se deprimida por lidar com pessoas que se odiavam umas às outras e estavam sempre prontas a prejudicar-se e a aplicar golpes baixos. Não lutava como quando Jack era vivo. Tinham formado uma excelente equipe, mas

ela sozinha não possuía a mesma determinação. Só o admitia intimamente, mas a verdade era que a constante obrigação de lidar com divórcios começava a cansá-la.

Mas ninguém diria isso, quando entrou na sala do tribunal nessa tarde. Como sempre, ia bem preparada, organizada e disposta a vencer; o que conseguiu facilmente. Era uma questão trivial, mas ela tratou-a com perfeição e o juiz agradeceu-lhe pela rapidez, enquanto o colega da outra parte parecia disposto a transformá-la num grande problema.

Eram quase cinco horas quando voltou para o escritório. Respondeu algumas chamadas, pegou as suas coisas e preparou-se para sair.

— Já vai embora? — perguntou Jean, entrando com um molho de papéis recém chegados do escritório de um colega. Diziam respeito a um novo caso de divórcio e vinham de uma firma famosa.

— Tenho que ir para casa treinar o Jamie. Ele vai entrar outra vez nos Jogos Olímpicos Especiais este ano.

— Isso é bom — respondeu a secretária, sorridente. Via que Liz mantinha as tradições da família, assim como os seus altos padrões para os clientes, ela própria e os filhos.

Era evidente que não queria mudanças. Cada coisa conservava-se ainda exatamente onde estivera antes de perdê-lo. Nem sequer se sentava à secretária que fora do marido ou utilizava o seu gabinete, apesar de gostar mais dele. Fechara simplesmente a porta e raramente entrava lá. Era como se estivesse à espera que Jack voltasse um dia e fosse sentar-se lá. No começo, Jean tinha pensado que aquilo era sinistro, mas acabara por se habituar. Só iam lá de vez em quando buscar algum documento, mas a maior parte dos processos ativos estava agora no gabinete de Liz.

— Até amanhã — despediu-se a advogada, saindo apressada.

Quando chegou em casa, Jamie já esperava. Entrou correndo, tirou a roupa, enfiou umas calças de algodão e uma camiseta de mangas compridas, calçou uns tênis e, cinco minutos depois, estava de novo lá fora, treinando salto em distância com o filho. A primeira tentativa foi pouco produtiva e o menino teve consciência disso.

— Não sou capaz — disse ele, parecendo derrotado logo de início, como se quisesse desistir, mas Liz não permitiria.

— Consegue, sim. Olhe para mim! — exclamou, tentando fazer os movimentos lentamente, para ele poder ver. Era uma criança mais visual do que auditiva e, na segunda vez, fez melhor. — Tente de novo — encorajou a mãe.

Dali a pouco Carole apareceu com um copo de suco de laranja e um prato de biscoitos que acabaram de sair do forno.

— Como vai isso? — perguntou ela em tom alegre, mas Jamie sacudiu a cabeça, com ar infeliz.

— Mal. Este ano não ganho uma medalha.

— Ganha, sim — replicou a mãe com firmeza.

Queria que o filho vencesse porque sabia o que isso significava para ele, pois sempre conseguira uma quando treinava com o pai.

Jamie comeu dois biscoitos, bebeu metade do suco e Liz pediu-lhe que tentasse de novo. Dessa vez foi melhor. Então ela recordou-lhe o lema dos Jogos Especiais: espero ganhar, mas se não conseguir, vou ser corajoso na tentativa.

Continuaram a treinar e depois Liz o fez correr pelo pátio e cronometrou o tempo. Saiu-se melhor do que no salto em distância, como sempre. Correr era o seu forte. Mais rápido do que a maioria dos garotos com quem competia, mostrava-se melhor na concentração. Apesar dos seus limites, possuía um bom espírito de luta e até conseguira finalmente aprender a ler nesse inverno, do que muito se orgulhava. Lia tudo o que apanhava: o que vinha escrito nas caixas de cereais, rótulos de garrafas, folhetos que lhes enfiavam debaixo dos limpadores do carro, livros de histórias e até cartas que a mãe às vezes deixava em cima da mesa da cozinha. Com dez anos, apreciava o fato de conseguir ler.

Às sete da tarde Liz sugeriu que acabassem, mas ele quis continuar treinando mais um pouco. Por fim, conseguiu convencê-lo a parar às sete e meia.

— Ainda temos um mês para treinar, querido. Não é preciso fazer tudo numa tarde.

— O paizinho costumava dizer que eu tinha que continuar até não aguentar mais de pé — respondeu Jamie, o que fez Liz sorrir.

— Mas acho que por hoje chega. Vamos parar antes que você caia para o lado e amanhã continuamos.

— Está bem — concordou o garoto finalmente. Treinara muito e estava exausto. Tomaram banho e quando entraram na cozinha Carole tinha o jantar pronto. Era frango assado com purê de batata e cenouras cozidas, uma das refeições preferidas de Jamie. Para sobremesa, havia uma torta de maçã recém saída do forno.

—Hummmm! — fez ele deliciado.

Comeu tudo o que lhe puseram no prato, sempre falando sobre os Jogos Especiais, entusiasmado com a perspectiva de participar mais uma vez.

Foi para a cama assim que acabou de comer, porque no dia seguinte tinha de se levantar cedo para ir para o acampamento de férias. Além disso, Liz trouxera serviço. Levou a pasta para cima, deu um beijo no filho e entrou no quarto. Largou a pasta e abriu a porta do enorme roupeiro que Jack construíra. Um lado era dela e o outro dele. Lembrou-se do que a mãe dissera de manhã ao telefone e olhou para as roupas de Jack com mais saudades do que nos últimos tempos. Parecia que todos estavam tentando privá-la daquilo e ela ainda não estava pronta para esquecê-lo.

Passou as mãos pelos casacos e encostou um ao rosto, cheirando-o. Ainda

tinha o odor dele. Pensou se toda aquela roupa ficaria assim para sempre. Não suportava pensar nisso e sentiu os olhos se encherem de lágrimas, enterrando o rosto em um dos casacos. Não ouviu Peter entrar e deu um salto quando sentiu uma mão no ombro. Voltou-se e o viu.

— Não devia fazer isso, mãe — comentou ele baixinho, olhando para ela também com os olhos cheios de lágrimas.

— Por que não? — perguntou Liz chorando. Peter abraçou-a, não só como filho, mas também como amigo. Com dezessete anos, passara instantaneamente para a maturidade ao perder o pai. — Ainda sinto tanto a falta dele — confessou ela.

— Eu sei, mas o que a senhora está fazendo não muda as coisas e não ajuda. Só torna tudo pior. Eu também costumava vir aqui olhar para as coisas do pai, mas ficava tão triste que acabei com isso. Talvez fosse boa idéia guardar tudo. Se quiser, eu ajudo — propôs Peter.

— A sua avó também diz que eu devia... mas não quero — respondeu Liz, triste.

— Então não faça, deixe para quando se sentir preparada.

— E se isso nunca acontecer?

— Vai acontecer e quando acontecer a senhora saberá.

Continuou abraçado a ela durante um bom tempo, até que a mãe se afastou e lhe sorriu. O momento de terrível sofrimento tinha passado e ela sentia-se melhor. Peter era uma jóia de rapaz e ela adorava-o, como a todos os seus filhos.

— Eu gosto muito da senhora, mãezinha.

— E eu de você, meu querido. Obrigada por me ajudar e aos seus irmãos. — Peter acenou com a cabeça, e fecharam o roupeiro.

Liz olhou para a pasta, mas não tinha vontade de trabalhar. Sempre que fazia aquilo, tentar agarrar-se ao marido através da sua roupa e do cheiro do seu perfume ela ficava pior. O aspecto positivo não durava mais do que alguns segundos e sentia ainda mais saudades depois. Peter pelo visto já descobrira isso e decidira acabar com o tormento.

— Por que não descansa esta noite e vai ao cinema ou alguma coisa assim?

— Tenho que trabalhar.

— Sempre tem! Os processos podem esperar. Se o pai estivesse aqui, ele a levaria a algum lugar. Ele não trabalhava todas as noites, como a mãe faz agora.

— Não, mas também trabalhava muito em casa. Mais do que eu.

— A mãe não pode ser duas pessoas ao mesmo tempo, só pode ser uma. É demais desempenhar os dois papéis.

— Desde quando você ficou tão sensato? — perguntou Liz, sorrindo para o filho parado à porta do quarto.

Ambos sabiam a resposta àquela pergunta. Ele amadurecera seis meses antes, na manhã de Natal, e tivera que fazê-lo muito depressa para ajudar a mãe e os irmãos; não tinha outra opção. Até às garotas acontecera o mesmo. Megan, apesar de atravessar uma idade difícil, estava sempre se oferecendo para ajudar

a mãe. Liz sabia que ia sentir falta delas enquanto durasse o acampamento de férias, mas elas mereciam afastar-se e divertir-se. Todos mereciam.

Peter foi para o quarto e ela sentou-se na cama, espalhando os documentos diante de si. Muito tempo depois do filho ter ido se deitar ela ainda estava trabalhando, como acontecia quase sempre. Custava muito a adormecer, as noites eram muito mais difíceis do que os dias, e assim fora desde o princípio.

Às duas da manhã adormeceu finalmente e às sete estava de pé. Deixou Jamie no acampamento de férias, foi para o escritório, deu uma olhada nos processos, ditou cartas para Jean, fez uma dúzia de telefonemas e, às cinco e meia, estava de volta ao pátio cronometrando a corrida de Jamie. No fundo não era desagradável: filhos, trabalho, filhos, trabalho, dormir; sempre a mesma rotina. De momento, era tudo o que tinha e tudo o que queria.

Quando as garotas voltaram do acampamento de férias, Jamie aumentara bastante a velocidade, melhorara no salto em distância e até tinham treinado a corrida de sacos, com um saco de batatas que ela arranjara. Estava ganhando confiança, além de velocidade, e compensava com esforço e boa vontade o que lhe faltava em coordenação.

Mas Jamie estava ainda mais excitado com a chegada das irmãs do que com os Jogos Olímpicos Especiais, e elas também ficaram encantadas com a reunião, pois Jamie era especial para todos eles. Na véspera da saída das irmãs do acampamento, Liz tinha levado Jamie ao parque de espécies marinhas com um amiguinho. Os garotos adoraram ser molhados pelos golfinhos e pelas focas e ela teve que embrulhá-los numa manta que trazia no carro, para não se resfriarem até chegarem em casa.

Os Jogos Especiais estavam marcados para o fim de semana seguinte. Liz treinou todas as tardes com ele, bem como toda a manhã da véspera e as irmãs assistiram e aplaudiram. Nunca estivera em melhor forma e na última noite teve dificuldade em adormecer, tanta era a excitação. Dormiu na cama da mãe como acontecia com frequência e ela nunca tentava dissuadi-lo porque, egoisticamente, adorava tê-lo ali e o conforto era mútuo.

O dia dos Jogos amanheceu quente e com um sol radioso. Liz e Jamie saíram de casa antes dos outros. Peter ia chegar lá uma hora depois, com Carole e as irmãs. Liz levava a câmara de vídeo de Jack e a sua máquina fotográfica. Na entrada deram um número a Jamie. Por todo o lado se viam crianças como ele, muitas com deficiências bem mais graves e inúmeras em cadeiras de rodas. Era um espetáculo familiar para Liz, que ficava sempre comovida com a felicidade e a excitação espelhadas naqueles rostinhos. Jamie mal conseguia esperar pela primeira prova, mas quando chegou o momento de se alinhar para os cem metros, voltou-se para a mãe com uma expressão de pânico.

— Não posso, não posso, mãe — disse ele, meio sufocado.

— Pode, sim — replicou Liz calmamente, pegando-lhe a mão. — Você sabe que

é capaz, Jamie. E não interessa ganhar, é só para se divertir, querido; é para isso que estamos todos aqui, vamos nos divertir um pouco. Tente se descontraír e se divirta.

— Não consigo sem o paizinho!

Liz não estava preparada para uma cena daquelas e seus olhos se encheram de lágrimas.

— O paizinho ia querer que você se divertisse. Isto é muito importante para você, como era também para ele. Você vai ver que se sentirá melhor se ganhar uma medalha. — Falou com a voz tremendo e tentando conter as lágrimas, mas o garoto nem deu por elas.

— Não quero correr sem ele! — e Jamie desatou a chorar, enterrando a cara no peito da mãe.

Por alguns instantes Liz ficou sem saber o que fazer; deixá-lo desistir ou encorajá-lo a correr. Era, como tudo o que lhe acontecera ultimamente, um problema difícil de resolver, mas depois de ultrapassado ficaria uma sensação de vitória.

— Porque você não tenta disputar uma prova e, se não gostar, vamos ver da arquibancada ou voltamos para casa, se você quiser. Só esta — pediu Liz abraçada ao filho e a fazer-lhe festas na cabeça.

Jamie hesitou um pouco enquanto chamavam os participantes para a linha de partida, mas depois a olhou e acenou com a cabeça. A mãe foi com ele até lá e Jamie acabou se alinhando com os outros garotos. Liz atirou-lhe um beijo, coisa que Jack nunca teria feito. O pai tratava-o sempre como um homem e dizia-lhe que ela devia fazer o mesmo. Mas era o seu bebê e, por mais adulto ou mais capaz que se tornasse, o seria por toda a vida.

Ficou assistindo, com os olhos cheios de lágrimas, dando gritos de encorajamento como todos os outros pais, mas daquela vez queria que ele ganhasse por si mesmo, por Jack e para provar que as coisas corriam bem e que podia viver sem o pai. Naquele ano, Jamie precisava de uma vitória mais do que qualquer outra criança e, possivelmente, também ela. Susteve a respiração, vendo-o aproximar-se da meta. Parecia que ia chegar em terceiro ou quarto lugar e então, num esforço súbito, passou para a frente. Sem olhar para trás ou para os lados como alguns faziam, correu o mais depressa que pôde até que Liz, atônita e com as lágrimas a correrem pelo rosto, percebeu que ele chegara em primeiro. A fita rompeu-se no peito dele e Jamie arfava, olhando em volta à procura dela, enquanto o “congratulador” oficial lhe dava os parabéns. Havia sempre voluntários para fazerem isso. Liz correu o mais depressa que pôde e Jamie agarrou-se a ela.

— Ganhei! Ganhei! Fui o primeiro!... Ganhei, mãe! Nunca consegui com o paizinho!

Jack teria ficado tão contente e tão orgulhoso que lhe parecia vê-lo todo

sorridente. Apertou o filho de encontro a si agradecendo a Deus e a Jack, e deu-lhe um beijo no alto da cabeça, dizendo-lhe que estava muito satisfeita. Então, Jamie olhou-a e viu que ela chorava.

— Não está contente, mãe? — parecia confuso, o que a fez rir.

— Claro que estou! Você foi fantástico! — acenaram os dois para Peter e para as irmãs, na arquibancada, com gestos de vitória.

Eles levantaram-se e aplaudiram quando foi anunciado pelos alto-falantes o vencedor da corrida e Jamie recebeu a sua medalha de ouro. Acontecesse o que acontecesse nesse dia, Jamie era o vencedor.

Ficou em segundo lugar no salto em distância, ganhou a medalha de prata, e em primeiro *ex aequo* na corrida de sacos. No fim do dia, tinha duas medalhas de ouro e uma de prata e nunca se sentira tão feliz. No carro, a caminho de casa, com as três ao pescoço, era a verdadeira imagem de felicidade. Fora um dia maravilhoso, cheio de excitação, vitórias, momentos de ternura, e Liz levou-os para jantar fora e comemorar algo que iriam recordar para sempre com orgulho.

— Nunca consegui ganhar com o paizinho — disse Jamie mais uma vez durante o jantar. — A mãe é boa treinadora. Não pensei que fosse, sabe?

— Nem eu — confessou Megan, olhando a mãe com orgulho.

Rachel e Annie brincaram com ele, chamando-o de “grande atleta” e Liz disse que ia emoldurar as medalhas.

— Fez um belo trabalho, mãe — reconheceu Annie.

— O Jamie é que fez o mais difícil, eu só o cronometrei no pátio e isso foi bem fácil.

Mas treinara-o todos os dias, durante cinco semanas seguidas, e valera a pena. Nunca vira o filho tão feliz ou tão orgulhoso. No restaurante, mostrou as medalhas às pessoas das mesas vizinhas e quando a mãe se despediu dele, já na cama, agradeceu-lhe, passou-lhe os braços pelo pescoço e puxou-a para baixo.

— Adoro-a, mãezinha. Sinto muito a falta do paizinho, mas adoro-a mesmo!

— E você é um rapaz fantástico e eu também o adoro, Jamie. Eu também sinto também muitas saudades do paizinho, mas acho que ele esteve vendo você hoje e ficou muito orgulhoso.

— Também acho — concordou o garoto com um bocejo.

Voltou-se de lado e a mãe coçou-lhe as costas. Adormeceu antes que ela saísse do quarto e Liz ainda sorria ao entrar no seu. Peter tinha levado Megan ao cinema, Rachel e Annie estavam vendo um vídeo e ela deitou-se silenciosamente, pensando no marido.

— Conseguimos — murmurou no quarto escuro. Olhou em volta, quase sentindo a presença dele, uma presença e uma força, um amor difícil de esquecer. — Obrigada — disse baixinho, acendendo a luz, mas já sem esperar vê-lo ou esperar que ele voltasse, pois o que ele lhe deixara era infinitamente precioso.

CAPÍTULO 6

Partiram para Tahoe três dias depois dos Jogos Olímpicos Especiais, com Jamie ainda muito animado, aliás, como todos. Um velho amigo de Jack emprestara-lhes a casa, em Homewood, onde já tinham estado. A mulher dele não gostava de Tahoe, os filhos eram crescidos e raramente a usavam, mas era perfeita para Liz e as crianças. Tinha um alpendre largo, via-se o lago de quase todos os quartos e, em torno, tinha um grande terreno com belas árvores. Na chegada, a disposição geral era excelente.

Peter e as irmãs ajudaram a mãe a tirar tudo do carro, e Jamie levou os mantimentos para dentro e ajudou-a a arrumá-los na cozinha. Carole fora passar essa semana na casa da irmã, em Santa Bárbara.

— Que tal um banho? — sugeriu Peter assim que chegaram.

Meia hora mais tarde estavam todos mergulhando na água fria, o que fazia parte do divertimento, e a mãe organizara uma sessão de esqui aquático para o dia seguinte.

Fez-lhes o jantar nessa noite, com Peter a ajudá-la na churrasqueira do pátio; o pai o ensinara a trabalhar com ele. Depois se sentaram diante da lareira, contando histórias. Annie contou uma, divertida, sobre o pai e Liz sorriu, lembrando-se de outra ocasião e de outra peripécia. Contou-a, todos riram e então Rachel recordou a vez em que o pai ficara fechado numa cabina que haviam alugado e fora obrigado a sair pela janela. De repente parecia que estavam num concurso, vendo quem se lembrava das histórias mais divertidas e malucas, como se quisessem trazê-lo para junto deles de uma forma que já eram capazes de suportar. Aqueles meses tinham abrandado o sofrimento, deixando-os não só com as lágrimas, mas também com as gargalhadas.

Quando finalmente foram para a cama, Liz concluiu que nunca se sentira tão bem durante todos aqueles meses. Continuava com imensas saudades, mas não tão triste e todos estavam felizes por ter ido para Tahoe. Eram umas férias de que muito precisavam e ainda bem que Peter conseguira a semana de folga na clínica veterinária, graças ao seu excelente trabalho.

No dia seguinte todos foram fazer esqui aquático, Peter levou Rachel e Jamie para pescar no rio atrás da casa e apanharam um peixe. No outro dia, entraram no barquinho que estava amarrado no pequeno cais, afastaram-se um pouco e os rapazes e Megan pescaram muitos, um até bem grande. Depois, apanharam camarões de água doce perto do cais e Liz cozinhou-os para o jantar. Foram uns dias calmos e felizes e uma noite dormiram no alpendre, dentro dos sacos de dormir, quase sob as estrelas. Tiveram umas férias perfeitas.

Quando arrumaram as coisas para voltar para casa sentiram realmente pena de partir e obrigaram a mãe a prometer que repetiriam a dose ainda nesse verão.

Ela pensava que talvez pudessem pedir a casa emprestada no Dia do Trabalho, para evitar a festa que costumavam dar. Tal como o piquenique de 4 de Julho, que tinham decidido não organizar nesse ano, a festa do Dia do Trabalho era uma tradição da família, mas ir para o lago Tahoe seria a alternativa ideal.

Estavam todos descontraídos e felizes quando pararam em Auburn para comer hambúrgueres e tomar uma vitamina de leite.

— Não estou com vontade de voltar ao trabalho — confessou Liz ao filho mais velho, quando acabaram de comer. — Isto foi tão divertido que gostaria de poder descansar durante todo o verão.

— Então por que não tira mais umas férias, mãe? — sugeriu ele, mas Liz abanou a cabeça.

Estava imaginando o que a esperava no escritório, com tribunal durante todo aquele mês e um julgamento no princípio de setembro, que precisava preparar.

— Estou cheia de trabalho.

— Trabalha demais, mãe. Por que não arranja outro advogado para trabalhar com a senhora? — perguntou Peter, consciente de que a mãe tinha sobre os ombros os casos dela e os do pai.

— Já pensei nisso, mas acho que o seu pai não iria gostar.

— Como também não iria gostar que a mãe se matasse trabalhando — disse o rapaz.

Jack sempre soubera divertir-se e, embora obcecado pelo trabalho, ninguém apreciava mais umas férias do que ele. Teria adorado a semana que acabavam de passar no lago Tahoe.

— Vou pensar nisso. Talvez daqui a alguns meses convide um colega para trabalhar comigo, mas por enquanto estou bem sozinha.

Isto era verdade desde que não fizesse um intervalo para ler um livro ou mesmo uma revista, ou para almoçar com uma amiga ou ir ao cabeleireiro. Se continuasse a trabalhar sem parar em todos os minutos que não passava com os filhos, as coisas corriam bem, mas não era grande vida e tinha consciência disso, assim como eles.

— Não espere eternamente, mãe — recomendou Peter.

Depois foi buscar os irmãos que tinham ido comprar puxa-puxa, pois sempre que paravam ali voltavam para casa com sacos cheios de guloseimas.

Carole estava à espera quando chegaram. Liz sabia que as semanas seguintes iam ser duras para ela, até os garotos recomeçarem as aulas. Peter ia continuar trabalhando na clínica veterinária durante mais uma semana ou duas, mas os outros passariam a maior parte do tempo na piscina, convidando amigos todos os dias. Carole ia fazer almoço para meia dúzia deles e, às vezes, jantar para o dobro, mas Liz gostava de saber onde estavam e preferia que os amigos deles fossem à sua casa.

Carole preparara um jantar delicioso e quando foram para a cama nessa noite

sentiam-se felizes por estarem em casa e contaram-lhe muitas histórias sobre as férias. Quanto a Liz, ainda tinha um ar bem descansado quando saiu para trabalhar na manhã seguinte, mas depois de dez minutos já o perdera. As pilhas de papéis em cima da secretária haviam-se multiplicado dramaticamente durante a sua ausência e nunca recebera tantos recados como nesse dia. Resolvia os seus casos bem demais e os colegas enviavam constantemente novos clientes para ela. Lembrou-se das palavras de Peter quanto a convidar outro advogado para trabalhar com ela.

Falou nisso com Jean nessa tarde enquanto faziam o trabalho e lhe ditava umas cartas.

— Já tem alguém em vista? — perguntou ela interessada, pois há bastante tempo que ela mesma pensava no assunto e aplaudiu a sugestão de Peter.

— Ainda não — admitiu Liz. — Nem mesmo sei se quero fazer isso.

— Devia pensar melhor. Olha que o seu filho tem razão. Não pode fazer tudo sozinho. Já era demais para duas pessoas, antes da morte do seu marido e o trabalho aumentou nos últimos seis meses. Não sei se reparou, mas eu sim. Está se encarregando quase do dobro dos casos que os dois tinham.

— Como aconteceu isso? — perguntou Liz admirada, embora reconhecendo o que a secretária dizia.

— Pela sua competência — respondeu Jean com um sorriso.

— Mas o Jack também era super competente e eu sempre pensei que ele era melhor advogado do que eu — retorquiu Liz, saltando imediatamente em sua defesa.

— Não diria isso, mas ele rejeitava mais casos. Quando não lhe agradavam, despachava-os para algum colega, o que agora não acontece... — respondeu Jean honestamente.

— Talvez eu devesse fazer isso...

— Não me parece que tenha coragem.

Jean conhecia-a bem, Liz era incrivelmente escrupulosa.

— Nem eu — concordou Liz com uma gargalhada, retomando o trabalho, pois precisava enviar várias cartas a colegas e juizes sobre os casos que tinha entre mãos.

Chegou tarde em casa, quase às oito horas, mas era o resultado das férias. Encontrou os filhos ainda na piscina e Carole servindo pizza.

— Olá, turma! — exclamou Liz com um sorriso, contente por ver também Peter, mas um pouco menos quando dois amigos dele mergulharam e foram um pouquinho brutos para com os mais novos. Pediu-lhes moderação e disse ao filho que não queria violências para não se machucarem.

Carole concordou com ela e contou-lhe que passara toda a tarde dizendo a mesma coisa aos amigos de Megan. Liz ficou preocupada, sobretudo com Jamie, que não era um nadador exímio. À noite, depois que os rapazes e moças foram

embora, tornou a falar no assunto:

— Não quero acidentes aqui... nem nenhum processo!

— Ora, a mãe se preocupa demais — comentou Annie sem parecer dar importância às palavras de Liz, mas esta as repetiu e disse-lhe que estava falando muito sério.

No dia seguinte quando saiu, lembrou-lhes o que se passara e quando voltou as coisas pareciam um pouco mais calmas. Mas na quinta-feira, ao chegar em casa, viu meia dúzia de amigos de Peter mergulhar na piscina depressa demais, sem esperar que os mais novos se afastassem. Então disse ao filho, com toda a firmeza, que os amigos dele não tornariam a pôr os pés ali se não cumprissem as regras básicas de segurança e respeitassem os mais novos.

— Não quero ter de falar nisto outra vez — disse ela calmamente.

— Está com ar cansado, mãe — observou Peter.

— E estou, mas isso não vem ao caso. Não quero uma desgraça aqui. Vocês não podem ser brutos na piscina!

— Está bem, mãe, eu ouvi.

Tinha amadurecido muito nesse ano, mas não completamente. Era novo e alguns dos seus amigos pareciam exaltados e inconseqüentes, o que a preocupava. Um acidente na piscina era uma dor de cabeça que não lhe fazia falta. Tinham sofrido o suficiente nos últimos tempos e não tinha medo de dizer isso ao filho ou aos outros.

Nessa noite foi mais uma vez para o quarto trabalhar, pois precisava preparar uma audiência. Sentia-se cansada e nervosa, precisando de uma boa noite de sono.

No dia seguinte, justamente ao sair da audiência que preparara na véspera, o celular tocou. Era Carole, com uma voz formal e calma:

— Você precisa vir já para casa — disse ela claramente e Liz ficou logo tensa. Carole só falava assim quando algum dos garotos se machucava ou havia um problema sério.

— Que foi que aconteceu? Alguém se machucou? — mas sabia antes mesmo de ouvir a resposta.

— É o Peter. Teve folga e vieram junto uns amigos dele...

— O que foi que aconteceu? — interrompeu Liz, num tom de voz agudo que soou estranho a ela mesma, mas os seus nervos já não eram como antes.

— Ainda não sabemos. Mergulhou e bateu com a cabeça, acho eu. A ambulância já chegou.

— Está perdendo sangue?

Só conseguia pensar no marido estendido no chão do escritório sangrando por todos os lados. Para ela, sangue significava tragédia.

— Não, mas está inconsciente — respondeu Carole com uma calma que não sentia. Detestava ter que contar aquilo para ela, mas sabia que era preciso, e só

não arranjou coragem para dizer que talvez Peter tivesse quebrado o pescoço. Ainda não tinha certeza. — Vão levá-lo para o hospital de Marin. Pode ir direto para lá. Lamento muito.

— E os outros estão todos bem? — perguntou Liz, já correndo para o carro.

— Mais ninguém se machucou. Só o Peter.

— E ele vai ficar bom?

Ninguém sabia realmente. Havia paramédicos por todo o lado e Liz conseguiu ouvir a sirene tocando quando arrancaram.

— Acho que sim. Não sei grande coisa. Eu estava vendo... e disse-lhes...

Carole não conseguiu continuar. Começou a chorar e Liz acabou a conversa, fez o carro funcionar e arrancou, rezando para que o filho estivesse bem. Não podiam viver com outro desastre, que Deus não permitisse outra perda. Não aguentaria. Foi para o hospital o mais depressa possível, sem passar sinais vermelhos ou atropelar algum pedestre e chegou pouco tempo depois de terem levado o filho para a emergência. Fora diretamente para o Serviço de Traumatologia e Liz seguiu para lá.

Correu pelos corredores, à procura, até que chegou ao serviço e o viu. Estava pálido, ainda molhado, recebendo oxigênio e com o pessoal em volta dele. Ocupados demais para lhe prestarem muita atenção, uma enfermeira explicou-lhe rapidamente o que se passava. Peter sofrera um grave traumatismo craniano com possível fratura de várias vértebras e concussão cerebral. Ia ser radiografado assim que fosse possível, e estavam dando soro e colocando-lhe monitores.

— Ele vai ficar bom? — perguntou Liz sem tirar os olhos do filho, submersa em uma onda de pânico, pois Peter parecia estar morrendo e ela não tinha certeza se não estava mesmo.

— Ainda não sabemos — respondeu a enfermeira com honestidade. — O médico fala com a senhora assim que tiver todos os dados.

Liz queria tocar-lhe e falar-lhe, mas nem sequer podia aproximar-se. A única coisa a fazer era ficar ali parada lutando contra o pânico. Trouxeram um aparelho de raios X para junto da maca onde ele jazia nu, depois de lhe terem cortado a sunga.

Radiografaram a cabeça, o pescoço e pareciam examinar-lhe cada parte do corpo enquanto a mãe assistia, lavada em lágrimas. Pareceu-lhe uma eternidade até que um médico de bata verde se dirigiu a ela. Trazia o estetoscópio ao pescoço e falou-lhe com uma expressão grave. Era alto, com olhos escuros sombrios, mas o cinza dos cabelos fez com que ela acreditasse que sabia o que estava fazendo.

— Como está ele? — perguntou Liz, desesperada.

— Não muito bem no momento. Ainda não temos certeza da gravidade da concussão cerebral ou das implicações. Há muitas possibilidades numa situação

como esta. Tem um edema considerável. Vamos fazer-lhe um encefalograma e uma tomografia daqui a alguns minutos, mas tudo depende do tempo que ele levar para sair do estado em que se encontra. Penso que talvez tenha tido sorte. Quando o trouxeram, pensei que o pescoço estava quebrado, mas agora acho que não. As radiografias não demoram.

Ocorriam muitos casos de tetraplegia resultantes de acidentes em piscinas, principalmente com rapazes da idade de Peter, no fim da adolescência, que mergulhavam de qualquer maneira. Mas aquele parecia menos grave, não encontrara paralisia nos membros e tinha boa mobilidade, tanto quanto podia dizer de momento. Quanto muito, rachara a quarta vértebra cervical, mas sem lesão da medula. Precisava se concentrar na concussão.

Por um instante, antes de levarem Peter, Liz pôde estender a mão e tocá-lo. A única coisa que conseguiu dizer foi:

— Adoro você... — mas o filho continuava inconsciente, sem poder ouvi-la.

Só voltou quase uma hora depois, ainda muito pálido. O médico veio falar com ela de novo e não parecia satisfeito.

Liz soubera que ele era o chefe do serviço e se chamava Bill Webster.

— O seu filho tem uma forte concussão, senhora Sutherland, e um enorme edema. Por enquanto a única coisa a fazer é esperar e, se o edema aumentar, vamos ter que abrir para aliviá-lo.

— Está falando de cirurgia cerebral? — perguntou Liz horrorizada. — E ele vai ficar... ele está... — nem conseguia formular as palavras, tal era o pânico.

— Não sabemos ainda. Há muitas variáveis nesta situação. Vamos mantê-lo tranqüilo por enquanto e esperar.

— Posso ficar junto dele?

— Desde que não nos atrapalhe e não mexa nele. Precisamos mantê-lo imobilizado.

Falou-lhe como se ela fosse o inimigo e Liz sentiu-se isso mesmo. Havia uma dureza naquele homem, uma falta de sensibilidade, que odiou instantaneamente. Mas ele só estava interessado em salvar-lhe o filho, o que o redimia ligeiramente.

— Eu não vou atrapalhá-los — prometeu baixinho.

O médico disse-lhe onde podia sentar-se e ela puxou um banco para junto da maca, pegando suavemente a mão do filho. Peter tinha um monitor de oxigênio num dedo e outros por todo o lado, para vigiar o coração e o cérebro. Pelo menos no momento parecia estável.

— Onde se encontrava a senhora quando isto aconteceu? — perguntou o médico num tom acusador.

— No tribunal, sou advogada. A minha governanta estava junto deles na piscina, mas acho que não conseguiu controlar a situação.

— Tudo indica que não — comentou ele secamente, afastando-se para falar com outro médico. Voltou uns minutos depois e disse: — Vamos esperar mais

uma ou duas horas e então o levaremos para o bloco cirúrgico.

Liz acenou com a cabeça, ainda sentada junto do filho, de mão dada com ele.

— Ele me ouviu, se eu lhe falar?

— É pouco provável — disse o médico com a testa franzida. Liz estava tão pálida como Peter, apesar de ser ruiva e ter a pele muito clara. — Sente-se bem? Não temos tempo para tratar da senhora, se desmaiar. Se não agüenta pode ir para a sala de espera e nós chamamos se acontecer alguma coisa.

— Eu não saio daqui — respondeu Liz firmemente.

Aguentara o que acontecera ao marido oito meses antes sem desmaiar. Detestava os modos daquele homem, mas uma das enfermeiras dissera-lhe que ele era o melhor e acreditava nela, apesar do modo como o médico agia. Era evidente que estava habituado a lidar com situações de vida ou morte, com a salvação de vidas e não tinha tempo para os parentes. A última coisa que ele queria era preocupar-se com qualquer coisa sem ser o seu doente. Afastou-se de novo com pressa, para chamar um neurocirurgião e uma enfermeira aproximou-se e perguntou a Liz se queria café.

— Não, obrigada, eu estou bem — respondeu baixinho, embora fosse óbvio que não era verdade. Parecia completamente desesperada, tal como acontecera quando o marido morrera. Só sabia que, daquela vez, não podia perder. Nem conseguia pensar nessa hipótese e, quando isso acontecia, inclinava-se e incentivava o filho:

— Vamos lá, Peter... acorde... fale comigo... é a mãe... abre os olhos... fale comigo... é a mãezinha, meu querido... eu adoro você... Acorde... — repetia as palavras como se fosse um mantra, rezando para que ele a ouvisse, onde quer que estivesse, nos confins da inconsciência.

Das duas e meia às quatro da tarde nada se modificou e o médico voltou para falar com ela. Iam dar mais uma hora a Peter para recuperar a consciência. Depois fariam novo exame. Liz ia dizendo que sim com a cabeça. Peter não se movera desde o momento em que chegara ao hospital, mas tanto ela como o médico achavam que tinha uma cor melhor. Nesse momento, o médico reparou que Liz, ao contrário, continuava extremamente pálida, o que o fez falar com um pouco mais de suavidade, embora não muito. Perguntou apenas se chamara o pai do rapaz e Liz abanou a cabeça, sem lhe dar qualquer explicação.

— Talvez fosse boa idéia — observou o médico cautelosamente, vendo alguma coisa nos olhos dela que o fez hesitar. Talvez houvesse ali um mau divórcio ou alguma outra situação desagradável. — Ele ainda não está fora de perigo.

— O pai dele morreu há oito meses e eu não tenho outra pessoa a quem chamar — explicou Liz finalmente.

Já telefonara para casa, dizendo que Peter estava vivo e que não voltaria a ligar até ter mais notícias sobre o estado dele. Falara com uma calma aparente, que evidentemente não sentia. A única coisa que podia fazer era rezar para que

ele não fosse para junto do pai e para que o salvassem.

— Lamento — disse o médico, desaparecendo de novo.

Embora preferisse morrer a confessá-lo, Liz sentia-se mal, com a sala rodopiando lentamente à sua volta. Aquilo era demais para ela, terrível demais, aterrador demais. Não podia perdê-lo, não podia. Não ia deixar que fosse embora. Baixou a cabeça o máximo que pôde e sentiu-se melhor. Continuou a falar com o filho em voz baixa. Então, como se tivesse ouvido as preces da mãe, ele moveu-se levemente e tentou virar a cabeça, mas estava imobilizado. Os olhos mantinham-se fechados. Liz começou a falar mais alto, incentivando-o a abri-los e a falar com ela, ou a piscá-los se estivesse ouvindo, a apertar-lhe a mão, a mexer os dedos dos pés, qualquer coisa! Contudo não houve sinal até que soltou um leve gemido. No entanto, era impossível saber se o fizera inconscientemente ou em resposta ao que ela dizia. Uma enfermeira apareceu correndo para verificar os sinais vitais, olhou para os monitores e afastou-se com toda a pressa para ir chamar o médico. Liz não sabia se aquilo era bom ou mau sinal, mas continuou falando com ele, implorando-lhe que a ouvisse. Precisamente quando o médico apareceu, Peter voltou a gemer, mas dessa vez abriu os olhos, com a mãe de pé olhando para ele, com um misto de esperança e terror.

—MmmmmmmmaaaaeEEEEEE... — balbuciou Peter, num longo e doloroso som, mas ela percebeu, e Bill Webster também.

Tinha dito “mãe”, embora com um esforço terrível, e as lágrimas corriam pelas faces de Liz, que se debruçou e repetiu que o adorava. Quando olhou para o médico, viu com espanto que ele estava sorrindo.

—Estamos chegando lá, continue falando com ele. Preciso lhe fazer mais uns exames.

Peter fechara outra vez os olhos, mas abriu-os ao ouvir a mãe, soltando um terrível gemido e apertando-lhe de leve a mão. Estava recuperando a consciência, avançando milímetro a milímetro.

—Aaaaaiiii... — fez ele, olhando para a mãe com a testa franzida. —Aaaaii... — repetiu e Liz deu um passo para o médico.

— Ele tem dores — ela disse baixinho e Bill Webster acenou com a cabeça.

— Claro que tem. Deve ter uma bela dor de cabeça — declarou injetando um medicamento na solução intravenosa de Peter, enquanto um técnico recolhia mais sangue. Minutos depois apareceu o neurocirurgião e Webster disse-lhe: — Estamos conseguindo.

Os dois disseram a Liz que não iam operar já e, com sorte, talvez nem fosse preciso. Eram seis da tarde e Liz não abandonara o filho por um instante sequer.

— Se quiser ir beber um café, nós tomamos conta dele — propôs o médico, mas ela recusou.

Não tinha intenção de abandonar o filho até ele estar melhor, por mais tempo

que isso demorasse. Não comia desde aquela manhã, mas também não seria capaz de engolir.

Só depois de uma hora é que Peter emitiu outro som, mas dessa vez pronunciou “mãe” com muito mais clareza. E depois acrescentou “dói”, numa voz que era pouco mais do que um gemido, mas levantou a mão e apertou a da mãe. Tinha a força e a energia dum bebê e os médicos não queriam dar-lhe alguma coisa para as dores e arriscar-se a vê-lo de novo em coma. “Casa”, disse ele finalmente.

— Quer ir para casa? — perguntou Bill Webster e Peter moveu levemente a cabeça em sinal afirmativo. — Muito bem. Nós também queremos que você vá, mas tem que falar mais comigo antes de deixarmos você sair daqui. Como se sente, Peter? — insistiu, com muito mais delicadeza do que a que utilizara para com a mãe do seu doente, mas ela estava grata pelo que faziam por ele.

— Horrível, dói — respondeu Peter.

— Onde dói mais?

— Cabeça.

— E o pescoço? E outros lugares?

— Não... mãezinha...

— Estou aqui, queridinho. Eu não saio daqui.

— Desculpe... — disse Peter olhando-a. — Fui estúpido. — Liz abanou a cabeça; naquele momento não tinha que pedir desculpa.

— Sim, muito! — exclamou o médico, respondendo por ela. — Você tem muita sorte em não ficar tetraplégico, com uma gracinha dessas!

Depois, pediu-lhe que mexesse as pernas e os braços, os pés e as mãos, o que Peter fez, embora mal conseguisse apertar os dedos do médico. Apesar disso, os dois clínicos ficaram satisfeitos com as melhoras e, às nove horas, disseram a Liz que iam levá-lo para os Cuidados Intensivos de Traumatologia a fim de continuarem a vigiá-lo.

— Acho que pode ir para casa descansar um pouco e voltar de manhã — sugeriu Bill Webster a Liz.

— Não posso dormir aqui?

— Se quiser realmente... Ele vai acabar adormecendo, talvez até com uma ajuda, se melhorar um pouco mais. E a senhora também precisa descansar. Passou um dia difícil aqui. — Apesar de tudo tinha pena dela embora, como regra, tentasse não se envolver demais com os doentes, mas Liz parecia desfeita. — Tem mais filhos em casa? — perguntou e ela acenou com a cabeça. — Talvez seja melhor ir para junto deles. Devem estar preocupados. Peter estava muito mal quando chegou aqui. Eles viram o que aconteceu?

— Acho que sim. Vou telefonar e digo-lhes que o irmão está melhor — atéaquele momento, não houvera melhoras a relatar.

— Por que não vai para casa um pouco? Eu a chamo se acontecer alguma

coisa — sugeriu Webster, em tom firme.

— Vai ficar aqui?

Não gostava dele, mas começava a confiar nas suas qualidades de médico.

— Toda a noite e até ao meio-dia de amanhã. Prometo. — Sorriu e Liz ficou admirada ao constatar que até era bem interessante quando não a tratava sem consideração ou olhava para os monitores com expressão carrancuda.

— Detesto a idéia de deixá-lo — disse ela francamente.

— Mas vai lhe fazer bem. Daqui a pouco temos que transferi-lo e a senhora só atrapalha, — dizia as coisas duma maneira que fez Liz sorrir.

Então disse ao filho que voltaria dali a pouco e que ia um pouquinho para junto dos seus irmãos.

— Eu volto o mais depressa possível, prometo.

Peter olhou-a com um ligeiro sorriso nos lábios e disse:

— Desculpe, mãe. Fui mesmo estúpido.

— Você teve sorte, Peter! E eu adoro você. Por isso, melhore depressa!

— Diga ao Jamie que estou bem — pediu ele com grande esforço, mas evidenciando nítidas melhoras. Era a frase mais comprida que proferia desde que acordara.

— Digo, sim. Até já.

— Estou bem.

Estava tentando sossegá-la, o que era bom sinal. Via-se que sabia onde se encontrava e também que compreendia as conseqüências do que acontecera. Liz nem conseguia pensar no que teria sido ele não acordasse do coma, ou pior, não tivesse sobrevivido. Era impossível pensar nisso.

— Quando voltar espero ver você correndo pelos corredores, está certo? — Ele riu e Liz deu-lhe um beijo e saiu acompanhada pelo médico.

— Ele teve muita sorte — observou Webster, parecendo impressionado com ela, por não ter fraquejado em nenhum momento. — No início pensei que não passava sem a operação, mas se recuperou mais depressa do que eu julguei. É novo, saudável e quem sabe se não o ajudou com a sua conversa?

— Fosse o que fosse, graças a Deus que acordou — disse Liz, sentindo as pernas fraquejarem.

— Vai ficar aqui por umas duas semanas, calculo eu, por isso não se esgote de uma vez. Volte de manhã e vai encontrá-lo muito melhor.

— Prefiro dormir aqui, mas vou até em casa ver como estão os outros e regresso daqui a duas horas.

— Quantos filhos tem? — perguntou o médico, curioso.

Não sabia quem ela era, mas uma coisa lhe parecia evidente: era uma mãe maravilhosa e amava profundamente o filho.

— Cinco. Ele é o mais velho.

— Deixe o seu número de telefone na recepção. Eu ligo se acontecer alguma

coisa. E, se resolver ficar em casa, não se sinta culpada. Os seus outros filhos devem estar bastante perturbados, sobretudo se assistiram. O mais novo que idade tem?

— Dez. Dez, onze, treze e catorze.

— Tem com que se ocupar...

— São bonzinhos — disse Liz.

Webster teve vontade de dizer que tinham uma boa mãe, mas calou-se. Em vez disso, voltou para junto de Peter e ela foi embora.

Passava das nove quando chegou em casa e encontrou os filhos todos ainda acordados. As meninas estavam sentadas à mesa da cozinha chorando e Jamie, no colo de Carole, pálido e com um ar exausto. Pareciam órfãos em uma zona de guerra e se levantaram num salto assim que ouviram a chave na porta, tentando ler o rosto da mãe, mas ela vinha sorrindo, apesar de cansada e despenhada.

— Ele vai ficar bom. Tem um forte traumatismo craniano e rachou uma vértebra do pescoço, mas ficará bom. Teve muita sorte.

— Podemos ir vê-lo? — perguntaram todos em coro.

— Ainda não — respondeu a mãe, enquanto Carole punha diante dela um prato com o resto do enrolado de carne do jantar, mas Liz não conseguia comer.

— Quando ele volta para casa? — perguntou Megan, ansiosa.

— Só daqui a umas duas semanas, talvez mais. Depende da recuperação.

Todos queriam saber tudo, mas Liz poupou-os aos horrores daquela tarde, só precisavam saber que o irmão estava vivo. Ficaram conversando durante uma hora e, quando foram se deitar, Carole disse-lhe como lamentava o sucedido e que se sentia totalmente responsável.

— Não seja boba — exclamou Liz, cansada demais para falar com ela, quanto mais mitigar-lhe a culpa, embora sentisse que devia acalmá-la. — Você não pode controlar tudo, Carole. É evidente que exageraram e ele teve muita sorte em não ter morrido ou ficado paralisado.

— Ai, meu Deus! E vai mesmo ficar bom? — perguntou Carole, com as lágrimas rolando-lhe pelo rosto.

— Os médicos acham que sim. Só recuperou a consciência há cerca de duas horas, mas agora já fala. Durante um momento, cheguei a pensar... — Não conseguia dizer as palavras, mas Carole acenou com os olhos cheios de lágrimas. Tinha pensado o mesmo e como Liz demorara a telefonar para casa, começara a achar que ia acontecer o pior. E estiveram muito perto de acontecer. — Eu vou voltar para lá — continuou Liz. Vou por algumas coisas numa sacola e fico junto com ele.

— Por que você não dorme aqui? Está com um ar exausto. É melhor descansar e ir vê-lo amanhã.

— O médico disse a mesma coisa, mas quero ficar com ele esta noite. Mesmo

com dezessete anos, o hospital deve ser assustador, e tem muitas dores por causa da concussão.

— Pobre pequeno! Que maneira tão triste de acabar o verão! Acha que ele poderá ir para o colégio em setembro?

— Ainda não se sabe.

As aulas eram o de menos. Toda aquela tarde havia sido um autêntico pesadelo e Liz sentia-se como se um trem tivesse passado por cima dela.

Subiu a escada lentamente e foi dar um beijo de boa-noite em Jamie, mas ele já dormia profundamente. As filhas também tinham se deitado e a casa parecia estranhamente silenciosa sem Peter, quando ela entrou no quarto e se sentou em cima da cama. Queria colocar algumas coisas numa sacola, mas de repente foi incapaz de se mexer. Só conseguia pensar no que quase acontecera e chorar de alívio. Já passava das onze quando finalmente arrumou a sacola, e da meia-noite quando chegou ao hospital para ver o filho. Telefonara à mãe, que ficara horrorizada com o acidente do neto.

— Meu Deus! E ele vai ficar bom? — perguntara Helen com a voz entrecortada.

Liz acalmou-a e prometeu que voltaria a ligar para que o próprio Peter falasse com ela assim que se sentisse melhor.

Ele estava acordado quando Liz chegou e continuava a progredir satisfatoriamente. Falava quase normalmente quando ela entrou nos Cuidados Intensivos.

— Olá, mãe. Como está o Jamie? — perguntou, assim que a viu.

— Está ótimo e todos queriam vir ver você. Mandaram beijinhos, mas tive de lhes dizer que não podem, por enquanto.

A enfermeira tinha-lhe preparado uma cama num canto da sala de espera e Liz estendeu-se com um cobertor, com a promessa de que a acordariam se o filho precisasse dela ou piorasse, embora os médicos não previssem qualquer problema. Os sinais vitais eram bons e falava pelos cotovelos.

Estava prestes a adormecer quando viu o Dr. Webster entrar. Sentou-se de um salto, em pânico, com o coração acelerado. O médico trocara a roupa verde do bloco cirúrgico por outra semelhante, mas cinzenta, nada atraente.

— Que foi que aconteceu?

— Nada. Ele está ótimo. Não queria assustá-la. Vim só ver se precisava de alguma coisa... alguma coisa para dormir... — pareceu hesitar e Liz percebeu que ele se preocupava realmente, sentindo-se grata pelo que estava fazendo e já tinha feito pelo seu filho.

— Eu estou bem, obrigada — garantiu ela, descontraindo-se lentamente. — Agradeço-lhe muito tudo o que fez. Acho que consigo dormir — mas parecia cansadíssima, o que não o espantava, pelo que passara nesta tarde.

— Estou contente por ele estar tão bem — disse o médico, com ar sincero.

— Eu também! Não tenho certeza de que fosse capaz de aguentar, se alguma coisa corresse mal.

— O seu marido ficou doente muito tempo? — perguntou Webster que, por algum motivo, parecia pensar que Jack tinha morrido de câncer.

Liz abanou a cabeça.

— Foi morto com um tiro pelo marido de uma cliente na manhã do dia de Natal — respondeu.

— Lamento. Lembro-me de ver isso nos noticiários — acrescentou o médico, sem saber muito bem o que dizer e calculando o que ela passara.

Apagou a luz e saiu da sala. Era difícil não admirá-la. Mantinha-se em movimento, coerente, tomava conta dos filhos e trabalhava, mesmo depois daquilo. Foi ver Peter de novo. Sorriu ao olhá-lo, pensando que fora uma autêntica dádiva para a mãe nessa noite e que ela a merecia. Certamente muito mais do que ele próprio conseguia imaginar, mas o que sabia era suficiente. O rapaz estava bem. Continuando a sorrir, dirigiu-se ao seu gabinete. Gostava de dias como aquele, em que ganhava em vez de perder e que compensavam o que fazia. Naquele caso a sorte sorria ao seu doente. Sentou-se e fechou os olhos por um instante. Depois, abriu-os e tratou da papelada que estava sobre a secretária. Ainda tinha uma longa noite pela frente, mas não se importava. Tudo correria bem e sentia-se satisfeito.

CAPÍTULO 7

Liz dormiu um sono agitado durante algumas horas, na sala onde Bill Webster a deixara, e voltou para junto do filho antes que ele acordasse. Quando despertou, queixou-se de uma grande dor de cabeça, do incômodo causado pelo “colar” colocado para proteger o pescoço e também de dores na nuca.

O médico foi vê-lo às seis da manhã, como fizera durante a noite, de hora em hora. Pareceu-lhe estar tudo bem. Dali a pouco, apareceu o neurocirurgião, que também ficou satisfeito com o que encontrou e disse a Liz que o filho era um rapaz com muita sorte.

Liz ajudou as enfermeiras a lhe darem banho, viu como o passavam para uma dieta líquida e, no princípio da tarde, foi para casa. Os outros continuavam ansiosos e as meninas tinham mil perguntas, mas assim que entrou deu pela falta do filho mais novo. Perguntou a Carole se sabia onde ele estava e a governanta disse que não o via desde o café da manhã. Acabou encontrando Jamie no quarto.

— Olá, querido, que está fazendo aqui sozinho? — perguntou Liz, preocupada, mais ainda quando o garoto se voltou e ela viu o rosto choroso e os olhos vermelhos. Sentiu um baque no coração. Sentou-se no chão, ao lado dele, e pegou-lhe na mão. — O Peter manda dizer que está com saudades. Ele vai tentar vir para casa o mais depressa possível! — Mas Jamie abanou a cabeça e duas lágrimas correram-lhe pelo rostinho.

— Não vem, não. Ele desapareceu como o paizinho. Eu sonhei com ele esta noite.

— Olhe para mim — pediu Liz, virando o rosto dele e fitando o filho nos olhos. — Eu não estou mentindo, Jamie. O Peter vai ficar bom. Machucou o pescoço e tem um “colar” para segurá-lo e uma grande, grande dor de cabeça, mas promete que ele volta para casa.

Fez-se um longo silêncio entre os dois, com a criança olhando fixamente a mãe.

— Posso ir vê-lo?

Peter ainda apresentava um aspecto bastante assustador com tubos por todo o lado e monitores apitando, mas Liz perguntou a si mesma se não seria melhor para Jamie ver o irmão e ter certeza de que estava vivo.

— Se você quer mesmo, pode. Há muitas máquinas em volta dele fazendo uns barulhos esquisitos e tem tubos nos braços.

— Que tipo de tubos? — perguntou Jamie, curioso e menos assustado.

— Uma espécie de mangueira pequena. Bom, mais ou menos...

— E eles me deixam vê-lo?

Não era permitida a entrada de crianças nos Cuidados Intensivos, mas Liz

decidiu pedir autorização ao Dr. Webster, explicando-lhe a situação. Ele dissera-lhe que estava novamente de serviço nessa noite e ela prometera a Peter dormir lá.

— Eu pergunto — prometeu Liz, puxando o filho para si com meiguice. — Adoro você, Jamie. Vai correr tudo bem.

— Jura que ele não vai embora como o paizinho?

— Juro — respondeu a mãe, tentando não chorar, pois aquilo ainda era muito difícil para todos, não apenas para ela.

— Jura mesmo? — insistiu o garoto.

— Sim, Jamie. Assim que eu falar com o médico, logo à noite, pergunto-lhe se deixa você ver o Peter. Olha, e se telefonássemos para lá agora mesmo e você falasse com ele?

— Com o Peter? Posso? — e os olhinhos do garoto iluminaram-se instantaneamente.

— Claro — concordou Liz, percebendo que seria um alívio também para as filhas.

Foram para baixo, chamou-as e marcou o número do hospital, pedindo que ligassem para os Cuidados Intensivos de Traumatologia.

Depois levaram um telefone para Peter e ouviu-se a voz dele, rouca e fraca, mas relativamente normal, apesar de tudo, prometendo voltar para casa assim que pudesse e dizendo às irmãs que fossem corajosas. Depois pediu a Jamie que tivesse muito cuidado na piscina e confessou que fora estúpido.

— Tenho saudades de vocês, turma — disse ele. — Eu volto o mais depressa possível! — Liz “ouviu” lágrimas na voz do filho mais velho, enquanto escutava na extensão.

— A mãe disse que vai perguntar se eu posso ir aí ver você — disse Jamie, todo orgulhoso, e Peter pareceu ficar contente.

Liz falou nesse momento e disse que ia voltar para o hospital dali a algumas horas, se ele se sentisse bem, porque queria jantar com os irmãos.

— Claro que sim, mãe. Pode trazer-me alguma coisa para comer?

— O que você quer?

Ainda estava só com líquidos e ouvira as enfermeiras falarem em dar-lhe gelatina nessa tarde, o que não lhe agradava muito.

— Um hambúrguer!

A mãe deu uma risada.

— Você deve estar muito melhor! — Estava longe o dia anterior, com ela pedindo que ele abrisse os olhos e lhe respondesse. — Acho que é melhor esperar uns dias para isso, meu querido.

— Já calculava que ia ser essa a sua resposta — lamentou-se Peter.

— Até logo!

Foi para junto dos outros filhos e Jamie sentou no seu colo, parecendo menos

preocupado. Falar com o irmão tinha ajudado. Dali a pouco foi brincar no jardim e Liz aproveitou para telefonar para o escritório. Segundo Jean, não havia nada de importante para contar. Conseguiu adiar uma ida ao tribunal e transferir várias consultas para a semana seguinte. No entanto a conversa recordou a Liz que tudo lhe caía sobre os ombros. Não tinha quem a substituísse, tudo dependia dela. Os filhos, o trabalho, a catástrofe que quase atingira Peter e destruíra toda a família. Era uma sobrecarga tremenda. Nessa noite, ao dirigir-se ao hospital para ficar com Peter, pensou no assunto.

O Dr. Webster já lá estava e sorriu quando a viu, apesar de parecer muito ocupado e se limitar a fazer-lhe um aceno com a mão, afastando-se apressadamente. Apareceu quase uma hora depois para ver Peter e falar com ela.

— Então como está o nosso doente especial?

— Pediu-me um hambúrguer, o que me parece bom sinal, não acha? — informou-o Liz, afastando uma mecha de cabelo ruivo dos olhos. Estivera massageando suavemente os ombros do filho, que continuava a queixar-se da dor de cabeça. Mas as enfermeiras tinham lhe dado um medicamento para a dor, o que o aliviara um pouco.

— Na verdade, é um ótimo sinal! Que tal amanhã, Peter?

— Sério? — perguntou o rapaz, encantado.

— Acho que sim. Vamos começar a fisioterapia para o pescoço daqui a alguns dias e o melhor é você ganhar forças, se o estômago não protestar.

Eram boas notícias para Peter, que detestava gelatina e se recusara a comê-la, bem como o caldo sem graça que lhe deram.

O médico verificou algumas coisas na ficha de Peter, observou atentamente os monitores, tomou umas notas antes de sair do quarto e Liz foi atrás dele. Queria perguntar-lhe se podia trazer Jamie no dia seguinte, para ver o irmão.

— Tenho um favor a pedir-lhe — começou ela cautelosamente.

A roupa do médico nesse dia era azul e o cabelo parecia não ter visto pente. Estivera ocupado com as vítimas de um choque frontal de veículos, três crianças e cinco adultos. Duas das crianças tinham morrido nessa noite. Sentia-se deprimido e fora um alívio para ele ver os progressos de Peter.

— Eu sei que não é permitida a entrada de crianças aqui... mastodos nós temos passado por momentos muito difíceis este ano, desde que o meu marido morreu, e o mais novo está muito perturbado por causa do irmão.

O médico ouviu-a, acenando com a cabeça e com uma expressão levemente impaciente. Na opinião dele, havia bons motivos para não se permitir a entrada de crianças no hospital. Principalmente, porque eram autênticas fábricas de germes e os doentes não estavam em estado de lutar contra infecções. Mas Liz olhava para ele com uma expressão séria.

— Que idade tem ele?

— Dez — Liz hesitou, sem saber se devia contar-lhe tudo, mas depois decidiu confiar nele. Afinal, aquele homem salvara a vida de Peter. — Jamie tem dificuldades de aprendizagem. Foi prematuro e o oxigênio que lhe deram quando nasceu causou alguns estragos. Isto é muito difícil para ele. Viu o que aconteceu na piscina e acha que o irmão talvez não volte para casa, como o pai. Ajudaria muito se ele pudesse vê-lo o mais depressa possível.

Fez-se um longo silêncio, com Bill Webster olhando para ela. Depois, acenou com a cabeça. Aquela mulher tinha atravessado um período muito complicado e os filhos também.

— O que posso fazer para ajudá-la? Tem um fardo pesado às costas, não é? — perguntou ele, num tom de voz que fez as lágrimas saltarem dos olhos de Liz.

Ela se virou para poder refazer-se antes de responder. Era como depois da morte de Jack, quando as pessoas eram simpáticas: quebravam as suas defesas e a faziam chorar.

— Deixe-o ver o irmão — pediu baixinho.

— Quando quiser. E os outros? Como se sentem?

Era evidente que a família tinha sido profundamente atingida pela morte do pai e ele queria fazer alguma coisa para ajudar. Começava a perceber o que Peter significava para os irmãos e para a mãe, e entendia melhor o que vira entre Liz e o filho, na véspera.

— Acho que as meninas compreendem, embora também ficariam mais tranquilas se o vissem. Só não queria abusar. Para o Jamie é que é crucial.

— Traga-o amanhã pela manhã.

— Obrigada — murmurou Liz, comovida pelas palavras dele e sem saber como agradecer-lhe.

Voltou para junto de Peter e ficou até que ele adormeceu. Então deitou-se outra vez na sala de espera. Estava escuro, mas ainda não adormecera quando o médico abriu a porta e espreitou. Não conseguia ver se ela estava ou não dormindo e não queria incomodá-la. Aproximou-se silenciosamente e ficou observando durante um momento, antes de falar.

— Liz? — era a primeira vez que a tratava pelo nome e ela sentou-se, novamente preocupada com o filho.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, pousando os pés no chão e desfazendo-se do cobertor.

— Não, não, está tudo bem. Desculpe, não queria assustá-la. Só vim ver se estava bem... Pensei que talvez quisesse uma xícara de chá ou alguma outra coisa. — No meio da noite, café não lhe parecia uma sugestão apropriada. Ele estava trabalhando, mas ela devia querer dormir. — Acordei-a? — perguntou ele no escuro, sentindo-se culpado, embora quisesse falar com ela.

— Não, eu estava acordada. Os meus hábitos de sono já não são o que eram... — Não precisou explicar. — Talvez uma xícara de chá ajude, ou uma sopa, ou

uma coisa assim.

Havia uma máquina no corredor, ao lado do gabinete dele. Já a usara para tirar sopa e chá, mas quando chegaram lá o médico ofereceu-lhe chá de um bule que tinha no gabinete.

Liz sentou-se, sentindo-se mal arrumada, mas isso não parecia incomodar o seu anfitrião, que tinha um aspecto ainda pior do que o dela, após uma noite de trabalho.

— Trabalha em alguma especialidade? — perguntou Webster, bebendo um golinho de café de uma caneca.

— Questões familiares... divórcio...

— Tenho alguma experiência nisso, mas já foi há muito tempo — comentou ele, acenando com a cabeça e com um sorrisinho gelado, como se a recordação não fosse muito agradável.

— É divorciado? — perguntou Liz e ele tornou a acenar com a cabeça. — Tem filhos?

— Não, não houve tempo. Estava fazendo residência quando casamos. Há quem consiga ter filhos nessas circunstâncias, mas para mim sempre pareceu um disparate. Não os quis antes de poder passar mais tempo com eles, entende? Só depois dos oitenta!

Sorriu ao dizer as últimas palavras. Tinha um sorriso bonito e uma expressão bondosa no olhar, que ela não julgara possível quando o conhecera. Não gostara dele, no começo, por achá-lo brusco e desinteressado, mas acabara compreendendo que o médico tinha coisas mais importantes em que pensar, por exemplo, como salvar vidas. Claro que isto implicava obter informações dos parentes dos doentes o mais depressa possível. Ainda na véspera lhe parecera rude e agora se mostrava atencioso.

— Divorciei-me há dez anos — disse ele, dando mais explicações do que ela esperava.

Mas aquilo acontecia constantemente, os clientes também lhe contavam sempre mais do que ela precisava saber, o que ajudava às vezes. Quanto ao médico, percebeu que queria saber ainda mais.

— Sem vontade de voltar a casar? — perguntou, interessada.

— Muito pouca. E sem tempo. Acho que uma vez foi bastante para mim. O divórcio foi muito desagradável. A minha mulher teve um caso com o chefe dos médicos residentes, o que não me agradou, como deve calcular. Todos aqui sabiam antes e tiveram pena de mim. Quanto a eles, acabaram casando e têm três filhos. Ela abandonou a medicina, que encarava apenas como passatempo. Éramos muito diferentes. Para dizer o mínimo...

— O meu marido e eu trabalhamos juntos durante dezoito anos, e nos dávamos muito bem. É agradável ter a mesma profissão — declarou Liz calmamente, tentando não pensar muito nele. Estava cansada e sabia que choraria com

facilidade, se o médico lhe fizesse certas perguntas sobre Jack — Para falar francamente, ele apreciava mais este tipo de trabalho do que eu. Sempre preferi casos filantrópicos e causas desesperadas, sabe? A luta pelos direitos dos mais fracos. Mas Jack tinha uma boa percepção de onde se ganha dinheiro, e com razão, já que tínhamos cinco filhos em quem pensar.

— E agora continua a tratar de divórcios? Por quê? Pode fazer qualquer outra coisa que lhe interesse.

— Não exatamente. Continuo a ter cinco filhos, agora com os pés maiores e precisando de sapatos mais caros. E depois há a educação deles, qualquer dia estarão os quatro na faculdade. Jack tinha razão, os divórcios são lucrativos, embora me deprimam de vez em quando. Vejo as pessoas pelo seu lado pior e as mais simpáticas transformam-se em monstros quando têm razões de queixa dos cônjuges. Mas acho que devo ao meu marido manter o escritório funcionando. Ele trabalhou muito no início e não posso abandonar tudo agora.

O escritório, a casa, os filhos, as responsabilidades, tudo isso lhe pertencia, e o médico compreendeu.

— Nunca pensa em tratar de outros casos, então?

Bill Webster estava intrigado com ela. Parecia uma mulher inteligente, simpática e muito bonita, com uma suavidade que o atraía e um amor pelo filho que o comovia.

— Às vezes penso, mas não com muita frequência. E você? — perguntou Liz, enquanto ele colocava mais café na caneca que tinha na mão e abanava a cabeça.

— Nunca. Gosto muito do meu trabalho. Estou sempre sujeito a uma grande pressão e sou obrigado a tomar decisões rápidas e que têm de ser as certas. A aposta é alta e não há lugar para erros, o que me obriga a fazer o melhor que sei a cada momento. E gosto.

— É uma espécie de escalada diária do Everest e às vezes deve ser penosa — concordou Liz, pensando no que acontecera na véspera com o filho e em como teria sido fácil perdê-lo. E nas duas crianças falecidas nessa noite.

— É penosa com frequência demais — concordou o médico. — E eu detesto perder.

— O Jack também — observou Liz, sorrindo. — Eu também não gosto, mas no caso dele era uma afronta pessoal perder um único caso. Tinha de ganhar sempre e foi isso provavelmente que lhe custou a vida. Foi duro demais com um homem e ele enlouqueceu. Era uma coisa que eu receava... e avisei Jack.. mas ele não acreditou. Bom, ninguém podia imaginar que aquilo ia acontecer; foi uma autêntica loucura o que o marido da nossa cliente fez. Enlouqueceu, pura e simplesmente. Matou a mulher, depois o meu marido e, por fim, suicidou-se no nosso escritório.

Só falar no assunto fazia-a recordar a cena sangrenta e teve que fechar os

olhos por um momento, com o médico a encará-la.

— Deve ter sido um pesadelo para você e para as crianças — comentou ele, penalizado.

— E ainda continua sendo, às vezes. Vamos precisar de muito tempo para transpor isto, mas já nos sentimos melhor. Estive casada dezenove anos, o que não se esquece em meia dúzia de meses. Tivemos um casamento muito feliz.

— Sorte a sua — disse o médico baixinho.

Nunca sentira algo semelhante por alguém, nem mesmo pela mulher com quem casara ou pelas duas com quem vivera depois dela. Nos anos seguintes desistira de encontrar a mulher perfeita. Elas entravam e saíam da sua vida vez por outra, sem que ele se prendesse a elas. Parecia mais seguro assim e muito mais simples. Não sentia necessidade nem desejo por outra coisa.

— Tivemos muita sorte, sim — confirmou Liz, levantando-se e agradecendo-lhe o chá. — Acho melhor tentar dormir um pouco antes que o Peter acorde. Estava pensando em ir para o escritório de manhã e voltar à tarde com o Jamie.

— Eu estarei aqui — respondeu Webster, sorridente, lembrando-lhe que queria conhecer o garoto.

Liz voltou-se para ele, na porta do gabinete, com uma expressão triste. Como lhe dissera o pesadelo de perder o marido ainda não terminara.

— Obrigada por ter me deixado falar. Às vezes ajuda.

— Quando quiser, Liz.

Mas não havia sido só por ela. Gostava de ouvi-la, gostava do rapaz e lamentava que tivessem sofrido tanto.

Liz voltou para a cama, na sala de espera, onde ficou acordada durante muito tempo, pensando no médico e na vida exigente e solitária que levava. Não lhe parecia muito boa, mas a dela também não era melhor, exceto no que respeitava ao trabalho e aos filhos. Acabou por adormecer e sonhou com o marido, que parecia querer dizer-lhe alguma coisa. Apontava e queria avisá-la e, quando ela se voltou, viu Peter mergulhar de um trampolim diretamente para o cimento. Acordou com uma sensação de pânico misturada à tristeza já familiar. Havia sempre aquele terrível momento ao acordar, em que lembrava de que lhe acontecera uma coisa horrível, em que recordava que o marido morrera. Continuava a detestar as manhãs e era isso que tornava tão difícil adormecer, sabendo o que a esperava ao despertar.

Penteou-se e lavou o rosto e os dentes, mas sentiu-se desarrumada. Peter estava acordado e se queixando de que tinha fome e de que ninguém lhe dava comida. Por fim, trouxeram-lhe uma tigela de mingau de aveia, que lhe provocou caretas.

— Isto é nojento! — exclamou ele, parecendo ter cinco anos em vez de dezessete.

— Seja bonzinho e coma que vai fazer bem — ralhou a mãe, mas ele fechou a

boca e ela foi obrigada a pousar a colher e desatou a rir. — Do que tem vontade?

— Panquecas — respondeu, referindo-se àquelas que a mãe costumava fazer até à manhã em que Jack morrera. Agora não era capaz, os filhos compreendiam e, apesar de todos gostarem, nunca tinham pedido que ela voltasse a fazê-las. Mas dessa vez Peter se esquecera. — E toucinho defumado — acrescentou. — Detesto mingau de aveia.

— Eu sei. Talvez comecem a dar comida de verdade para você hoje. Eu falarei com o Dr. Webster.

— Acho que ele gosta da senhora — disse Peter, sorrindo para a mãe.

— Eu também gosto dele. Salvou a sua vida. Foi uma boa maneira de me impressionar favoravelmente!

— Não, acho que ele gosta mesmo da senhora. Reparei como olhava para a senhora ontem.

— Acho que você está com alucinações, mas é um amorzinho, apesar de não comer o mingau.

— E se ele a convidar para sair? Vai aceitar? — perguntou Peter com um sorriso de orelha a orelha.

— Não seja ridículo. Ele é o seu médico e não um Romeu de colégio. Acho que a pancada na cabeça abalou o seu cérebro. — Estava alegre, mas não particularmente interessada no que o filho dizia. Bill Webster era um homem simpático e haviam mantido uma conversa agradável, mas nada daquilo tinha qualquer significado para ambos.

— Vai aceitar, mãe? — insistiu Peter, mas Liz limitou-se a dar uma risada, recusando-se a levar a questão a sério; o que ele dizia era absurdo.

— Não, não aceito. Não estou interessada em sair seja com quem for e ele não está interessado em sair comigo, por isso pare de bancar o casamenteiro e concentre-se em ficar bom.

Ajudou as enfermeiras a lavá-lo e depois saiu para ir ao escritório. Jean resolvera o que pudera e, felizmente, não havia tanto trabalho. Era metade de agosto e a maioria das pessoas aproveitava ainda as férias de verão.

À tarde, foi para casa ver os filhos e jantar com eles. Falou com Peter várias vezes e ficou contente por ele estar bem-disposto. Alguns amigos tinham ido visitá-lo e até lhe levaram comida. Acabara a relação com Jessica em junho e estava sem namorada para mimá-lo, mas a visita dos amigos lhe agradara muito. Finalmente, Liz fez duas chamadas, uma para Victoria e outra para a mãe. Avisara as duas do acidente logo que ele ocorrera e era agradável poder sossegá-las agora. Como sempre a mãe fez previsões sombrias sobre consequências letais e Victoria perguntou o que podia fazer para ajudar. Nada, no momento, embora fosse bom ouvir a voz da amiga e trocar meia dúzia de palavras com ela. Trabalhou um pouco, tomou um banho, mudou de roupa e disse a Jamie que calçasse os sapatos, porque ia levá-lo a ver o irmão depois do jantar. Tinham

comido cedo e Liz pedira às filhas que esperassem mais um dia, porque sabia que a conversa, o riso e as perguntas delas iam esgotá-lo, não falando nos bem-intencionados cuidados que iam querer dispensar-lhe. Contudo, a visita de Jamie era importante para ambos, talvez mesmo mais para o garoto que continuava precisando ver que Peter estava bem.

Foi calado até o hospital, embora a mãe o achasse ligeiramente ansioso. Finalmente, quando ela parou o carro, perguntou:

— Vou ficar assustado, mãezinha? — Era uma pergunta direta que a comoveu e foi também direta com ele.

— Talvez um pouquinho. Os hospitais são sempre um pouco assustadores. Há muita gente, muitos aparelhos e sons estranhos. Mas o Peter não tem um aspecto assustador. Puseram-lhe uma espécie de “colar” esquisito no pescoço e está numa grande cama que anda para cima e para baixo quando se aperta um botão — e tinha algumas manchas pretas, mas nada de importante.

— E ele vai voltar logo para casa?

— Claro, querido, daqui a alguns dias. Antes de começarem as aulas.

— E isso é daqui a quanto tempo? — não era muito bom em fazer estes cálculos e sabia disso.

— Daqui a umas duas semanas — explicou a mãe. Talvez até antes disso. Aqui há um médico muito simpático que quer conhecer você, Jamie. Chama-se Bill.

— E vai dar-me uma injeção? — perguntou o garoto, em pânico.

Para ele, aquilo não era uma aventura, mas sim uma provação que estava disposto a suportar, como seria capaz de atravessar um deserto para ver o irmão.

— Não, não vai — garantiu a mãe suavemente.

— Ainda bem. Detesto injeções. Ele deu uma no Peter? — estava preocupado com o irmão.

— Muitas, mas o Peter é crescido e não se importa — só detestava gelatina e mingau de aveia, mas os amigos tinham levado uma pizza nessa tarde, segundo ele lhe contara todo satisfeito. — Vamos entrar? — Jamie acenou com a cabeça e deu-lhe a mão quando entraram no hospital.

Liz sentiu-lhe a palma úmida enquanto subiam no elevador e depois o viu hesitar diante duma pessoa deitada numa maca, no corredor.

— Está morto? — perguntou ele num murmúrio horrorizado, chegando bem perto da mãe, pois o homem tinha os olhos fechados e uma enfermeira do lado.

— Está só dormindo, Jamie, está tudo bem. Não tenha medo.

Conduziu-o rapidamente pelo corredor e viram Peter assim que entraram no quarto. Estava sentado na cama e deu um grito de alegria assim que avistou o irmão. Jamie, por sua vez, sorriu de orelha a orelha.

— Olá, preguiçoso, vem cá me dar um beijo! — gritou Peter. Jamie começou a correr, mas parou assim que viu a parafernália de aparelhos e monitores, com medo de se aproximar. — Ande! Só mais um passo e eu te pego — encorajou-o

Peter e o garoto avançou como quem passa por cima de um rio cheio de cobras, mas o irmão agarrou-o assim que pôde e puxou-o para si, com um abraço e um beijo. Que saudades que eu tinha! — e Liz viu o rostinho radiante de Jamie.

— Eu também tive saudades. Pensei que você tinha morrido, mas a mãe disse que não. No começo não acreditei nela. Por isso é que me trouxe aqui — explicou o garoto com toda a simplicidade.

— Claro que não morri, mas foi uma grande burrice saltar para a piscina daquela maneira. É melhor você nunca fazer uma coisa tão estúpida como aquela, se não quer arranjar uma confusão comigo, rapazinho! Como vão as coisas lá em casa?

— Chatas. As meninas passam o tempo todo contando o que aconteceu a você para todos e choraram muito quando trouxeram você na ambulância. Eu também — acrescentou Jamie, olhando para o irmão com ar aliviado. — Posso pôr a sua cama para andar para cima e para baixo? — perguntou, olhando em volta. Havia mais doentes no quarto, mas com as cortinas corridas à sua volta ele não os via.

— Claro.

Peter mostrou-lhe onde estavam os botões e como funcionavam, mas depois se encolheu quando o irmão fez subir e descer a parte superior da cama, deixando-o finalmente na posição de sentado.

— Doe? — perguntou o garoto, fascinado.

— Um pouquinho — admitiu Peter.

— Quer ficar deitado?

— Está bem, mas você tem que parar quando eu disser.

Peter estava sempre disposto a satisfazer o irmão e quando Jamie, muito concentrado, acabara de colocar a cama reta de novo, o Dr. Webster entrou, observando a cena com interesse. Olhou para Liz e depois se voltou para os dois irmãos. Peter disse que a cama estava bem desse jeito e Jamie achou que tinha feito um bom trabalho, tanto que quis repetir as manobras, mas o irmão pediu-lhe que não, porque ainda tinha mais dores do que estava pronto a admitir.

— Olá, doutor! — exclamou Peter, e Jamie olhou desconfiado para o médico.

— O senhor vai se deitar? — perguntou delicadamente, olhando para a roupa verde.

— Não, eu uso isto para trabalhar. Assim posso ir dormir a qualquer hora. — Estava brincando com ele, mas Jamie encarou-o com os grandes olhos castanhos muito sérios. Apesar do cabelo escuro do pequeno e da cabeleira ruiva do mais velho, a semelhança entre eles era flagrante. — Apresente-me ao seu irmão — pediu o médico e Peter assim o fez.

— Não quero uma injeção — declarou Jamie, para que não houvesse qualquer mal-entendido logo de início.

— Nem eu — declarou o médico, mantendo uma distância respeitosa para não

assustá-lo, pois sabia, pela mãe, das suas limitações.

— Prometo que não dou nenhuma, se você também não me der nenhuma.

— Prometo — respondeu solenemente Jamie, mas depois deu uma risada. Então, aparentemente sem propósito, resolveu dar uma informação a seu respeito, como se pensasse que isso fazia parte da conversa: — Este ano ganhei três medalhas nos Jogos Olímpicos Especiais. Foi a mãe que me treinou.

— Em que modalidades? — perguntou Bill Webster, parecendo profundamente interessado.

— Salto em distância, cem metros e corrida de sacos — falou o garoto com orgulho e Liz não pôde deixar de sorrir.

— A sua mãe deve ser uma treinadora muito boa, para você ganhar isso tudo.

— Pois é. Com o meu pai só fiquei em quarto lugar. Ele gritava muito mais do que a mãe, mas ela obrigou-me a trabalhar mais e os treinos foram mais compridos.

— A persistência é que ganha prêmios — comentou o médico, mais para a mãe do que para o filho, recebendo em troca um sorriso ligeiramente embaraçado diante dos elogios de Jamie. — Deve ter sido fantástico.

— Foi — confirmou o garoto, sorridente.

Depois se voltou para o irmão e perguntou se podia pôr a cama para andar para cima e para baixo. Embora a idéia não o agradasse muito, Peter disse que sim e Webster e a mãe afastaram-se para conversar.

— Como está ele? — perguntou Liz, pois o filho ainda lhe parecia muito cansado e percebia que tinha dores na cabeça e no pescoço.

— Está bem — garantiu o médico. — É o meu doente especial. E o seu mais novo é um menino fantástico. Deve ter muito orgulho nele — acrescentou, olhando para o garoto pela divisória de vidro do quarto.

— E tenho. Obrigada por me deixar trazê-lo. Ele estava em pânico por causa do irmão e isto o tranquilizou. Há dois dias que não o via tão contente.

— Pode vir a qualquer hora, desde que não me dê uma injeção — declarou Webster, sorridente, e ela soltou uma gargalhada. Entraram de novo no quarto e Liz salvou Peter do irmão, que fazia bagunça com o mecanismo da cama.

— Acho que são horas de irmos para casa. O Peter precisa descansar e você também. O doutor disse que você pode voltar — disse ela solenemente a Jamie.

— Na próxima vez traga uma pizza! — pediu Peter, dando um beijo no irmão.

Jamie começou a afastar-se, mas voltou-se para trás ao chegar à porta e acenou, antes de se encaminhar para o elevador com a mãe. Estavam esperando o elevador quando o médico se aproximou e lhe agradeceu a visita.

— Eu gostei, foi seguro. Eu pensava que ia ter medo — confessou Jamie honestamente, o que era parte do seu encanto; dizia sempre o que tinha em mente. — A ambulância fez barulho demais quando foi buscar o Peter — informou ele e o médico concordou com um aceno de cabeça.

— As ambulâncias são assim, mas aqui está tudo geralmente bem calmo. Venha visitar-nos outra vez — sorriu e Jamie fez que sim.

— As minhas irmãs vêm amanhã. Elas falam muito e, se deixarem, vão cansar o Peter.

O médico deu uma risada, mas não se atreveu a comentar que as mulheres às vezes eram assim. Não conhecia Liz o suficiente para isso e ainda não estava seguro do seu senso de humor, mas o comentário do garoto divertiu-o.

— Eu tomo conta para elas não cansarem o Peter. Obrigado por ter me avisado.

O elevador chegou nesse momento e Jamie acenou-lhe antes que as portas se fechassem. O médico tinha perguntado a Liz se voltaria nessa noite, mas ela decidira dormir em casa com os filhos e regressar de manhã para ver Peter. E agradecera por ele ter permitido a visita de Jamie, que estava radiante.

— Gostei muito da cama do Peter e do doutor. É simpático e também detesta injeções. E acho que o meu irmão também gosta dele — declarou Jamie no caminho de casa.

— Todos nós gostamos — concordou a mãe. — Ele salvou a vida do Peter.

— Então eu gosto muito dele.

Quando chegaram fez um relato completo para as irmãs, com os pormenores da cama que andava para cima e para baixo e do médico que detestava injeções e salvara a vida de Peter. Tinha sido uma grande aventura para ele. Dormiu na cama da mãe nessa noite, mas sossegado e sem pesadelos. Ao contrário dela, que sonhou incessantemente com o marido, com o acidente do filho, com o médico e com Jamie e as filhas. Foi uma noite cheia de ansiedades, acidentes e pessoas e, quando acordou, sentia-se como se tivesse participado de um rodeio.

— Está cansada, mãezinha? — perguntou Jamie, acordando-a as seis da manhã.

— Muito — gemeu Liz.

Os últimos dias tinham deixado marcas. O terror de quase perder o filho acabara com ela. Era como uma repetição do que passara com a morte do marido, mas pelo menos daquela vez o final fora feliz.

Fez o café para os filhos, saiu para o escritório, esteve no tribunal e voltou ao hospital, onde combinara encontrar-se com Carole e as filhas. Tinham deixado Jamie com uma vizinha, porque não queriam que ele exagerasse. Além disso, era a vez das garotas. Riram, falaram e choraram, verificaram tudo, deram notícias ao irmão, contaram-lhe detalhes dos seus romances e disseram-lhe que estavam muito contentes por vê-lo melhor. Mas Jamie tivera razão, percebeu a mãe. Peter ficou exausto quando elas foram embora uma hora depois e precisou de uma injeção para as dores. Depois que Peter adormeceu finalmente, Liz e o médico conversaram na sala de espera.

— O Jamie tinha razão. As meninas o deixaram exausto — lamentou ela.

— Pois é, as meninas são assim — concordou ele sorrindo. — Mas acho que lhe

faz bem um contato com a vida real para contrabalançar o efeito dos Cuidados Intensivos. Estava precisando.

Depois conversaram sobre a provável data da ida de Peter para casa e o médico falou em duas semanas ou até um pouco menos. Em qualquer dos casos, só quando o inchaço no cérebro desaparecesse por completo, para não haver complicações, o que pareceu sensato a Liz. Então se lembrou de uma coisa que queria discutir com os filhos: a festa anual do Dia do Trabalho. Não estavam planejando fazê-la naquele ano, mas depois do que acontecera e da tragédia a que tinham sido poupados, achava que deviam mudar de opinião. E o lago Tahoe estava totalmente fora de questão, já que Peter não poderia viajar tão cedo.

— Ele poderá ir à aula, assim que começar? — perguntou Liz, com ar preocupado.

— Possivelmente, talvez com uma semana de atraso, o que não é importante. Porém não pode dirigir nem andar muito de carro.

Liz tinha planejado uma visita a várias universidades com ele em setembro, mas isso, portanto, teria de esperar.

Falaram sobre detalhes da recuperação de Peter e o médico convidou-a para tomar um café no seu gabinete, onde ela se deixou cair numa cadeira, exausta.

— Dia comprido, não foi? — perguntou ele, condoido. Via que ela tinha enormes responsabilidades e sentia-se impressionado com o modo como lidava com elas, como se mostrava calma e era carinhosa com os filhos.

— Não foi maior do que o seu, com certeza — respondeu ela, compreensiva.

— Mas eu não tenho cinco filhos, um dos quais no hospital! Nem uma criança com dificuldades de aprendizagem, que obviamente necessita de mais cuidados do que as outras, para não falar em três filhas adolescentes a exigirem constantemente a sua atenção. Quando penso nisso, não entendo como consigo.

— Às vezes nem eu. Faço o que é preciso.

— E você? Quem trata de você, Liz? — perguntou ele baixinho, olhando para ela por cima da caneca de café que segurava na mão.

— Eu, algumas vezes o Peter, além da minha secretária, a minha governanta, os meus amigos. Tenho muita sorte.

Era uma maneira estranha de encarar as coisas, na perspectiva dele. Depois de perder o marido, com quem contara durante vinte anos, tentava resolver tudo sozinha. Webster admirava-a muito pelo que ela fazia, ainda por cima fazia bem.

— Quando olho para você, sinto-me culpado por assumir tão poucas responsabilidades. Nem mesmo sou dono de um peixinho encarnado. Só eu. Acho que sou um pouco egoísta.

Comparado com aquela mulher, o médico admitia que tinha realmente muito poucos problemas.

— Não, é apenas diferente, e tem necessidades diferentes, Bill. Você as conhece e age de acordo com elas.

O médico tinha idade suficiente para saber o que estava fazendo. Alguns dias antes, dissera-lhe que já completara quarenta e cinco anos e era evidente que levava o tipo de vida que lhe convinha. Como ela, que se sentiria perdida sem os filhos.

— Eu compreendo o que a motiva: a sua família, que é fantástica, o que não acontece por acaso. Você se esforça bastante e isso dá resultado.

Estava lembrando o que Jamie dissera sobre o treino para os Jogos Olímpicos Especiais e não entendia como ela arranjava tempo para tudo.

— Eles merecem e me fazem feliz. Por falar nisso, o melhor é ir para casa antes que me abandonem — comentou Liz, pousando a caneca e levantando-se. — Até amanhã.

— Amanhã não. Vou estar fora uns dias, mas o Peter fica em boas mãos.

Deu-lhe o nome do colega que ia substituí-lo e disse-lhe quando estaria de volta; ia até Mendocino.

— Divirta-se, merece — disse ela sorrindo.

Nessa noite, quando chegou em casa, falou com os filhos da festa do Dia do Trabalho e ficou admirada com a diferença de idéias que encontrou. Megan e Jamie acharam que era uma grande idéia, mas Rachel e Annie encararam como uma traição ao pai. Fora a festa preferida dele, mais ainda do que a do dia 4 de Julho.

— Quem cuidará da churrasqueira? — perguntou Rachel, com um queixume na voz.

— Nós — respondeu a mãe calmamente e o Peter pode ajudar. Eu acho que devemos celebrar o fato de que ele está bem e junto de nós.

Colocando as coisas daquela maneira, acabaram aceitando. No fim da semana, já estavam mesmo excitadíssimas. Iam convidar amigos, e a mãe também. Fizeram uma lista com cerca de sessenta nomes, e Liz começou a ficar igualmente excitada. Era a primeira vez que recebia desde a morte do marido, mas já tinham passado oito meses e lhe parecia aceitável. Quanto a Peter, ficou encantado com a idéia.

Quando pôde finalmente deixar o hospital, quatro dias antes da festa do Dia do Trabalho, mais de cinquenta pessoas já tinham aceitado o convite. Liz conferiu o tratamento do filho com Bill Webster, e lembrou-se de convidá-lo também.

— É uma espécie de celebração por causa do Peter — explicou. — Seria ótimo que você pudesse ir. É uma coisa muito informal, calças jeans e camiseta.

— Posso ir com a roupa do hospital? Acho que não tenho outra. Nunca vou a festas — mas parecia satisfeito e afirmou que, se não tivesse uma urgência, estaria lá.

— Gostaríamos muito que fosse.

Tinham tanto a lhe agradecer e era uma maneira simpática de fazê-lo. Já lhe enviara uma caixa de garrafas de vinho, que ele aceitara satisfeito, mas de

repente parecia-lhe bom que ele estivesse presente na celebração do regresso de Peter à sua casa. Sem ele talvez o filho nunca voltasse, o que era um pensamento intolerável.

O principal conselho de Bill Webster foi que não deixasse Peter exagerar. Era muito novo e ia certamente querer fazer tudo ao mesmo tempo assim que se visse em casa. Contudo, achava que o rapaz ia ficar bom, sem seqüelas do acidente, assim que terminasse a fisioterapia, o que devia acontecer por volta do Natal.

— Mantenha as rédeas curtas durante algum tempo — recomendou e ela acenou com a cabeça.

— Esteja descansado, nós nos arranjaremos.

Liz sabia que ele não poderia dirigir durante um mês ou dois, até tirar o colar de proteção e que isso ia ser difícil para os dois, porque teria de servir de motorista, apesar da falta de tempo, pois a maior parte do dia de Carole estava reservada a Jamie e às meninas.

—E já sabe, me telefone imediatamente se surgir algum problema.

Na manhã em que Peter saiu do hospital, o médico veio despedir-se e apertou a mão de Liz com uma expressão calorosa. Era evidente que ia sentir a sua falta. Liz passara algum tempo no gabinete dele, tomando café e conversando; sentiam-se bem um com o outro. Ela recordou-lhe a festa e ele respondeu que faria o possível para ir.

— Ele vai, mãe — garantiu Peter quando se afastaram no carro.

— Não se tiver de trabalhar —respondeu ela num tom de voz normal, mas pensando que seria uma pena se nunca mais o visse.

Depois do que haviam passado, considerava-o mais um amigo a quem estaria sempre agradecida.

— Ele vai — repetiu Peter, com ar entendido. — Já lhe disse que gosta da senhora.

— Não banque o engraçadinho! — exclamou Liz rindo e sem ligar muito ao que o filho dizia; era apenas o médico dele.

— Aposto dez dólares como ele aparece! — insistiu Peter, arrumando o colar ortopédico.

— Você não tem dinheiro — comentou a mãe, dirigindo suavemente.

E, quer Bill Webster aparecesse ou não na festa do Dia do Trabalho, isso não tinha nenhuma importância. Pelo menos, estava convencida de que não, embora Peter, sorridente, pensasse o contrário.

CAPÍTULO 8

A festa do Dia do Trabalho foi um grande êxito. Todos os amigos das crianças apareceram, bem como a maior parte dos pais e algumas pessoas que Liz não via desde a morte de Jack, como Victoria que trouxe o marido e os trigêmeos. Liz e Peter trataram dos grelhados e ele trabalhou bem, apesar do colar de proteção. Annie, Rachel e Megan circulavam entre os convidados e todos pareciam alegres. Bill Webster chegou com meia hora de atraso e ficou meio perdido até ver Jamie.

— Olá, lembra-se de mim?

O médico estava de calças jeans, camisa xadrez de mangas compridas e o cabelo penteado. Jamie sorriu assim que o viu.

— Lembro sim. Também não gosta de injeções — e dirigiu-lhe um enorme sorriso.

— Exatamente. Como está o Peter?

— Bem, exceto quando grita comigo para não pular em cima dele.

— Olha que ele tem razão. Não quanto aos gritos, mas você precisa ter cuidado porque o pescoço dele ainda está machucado.

— Eu sei. Por isso é que anda com aquele colar tão grande.

— É isso mesmo. Onde está a sua mãe? — perguntou o médico, risonho.

— Daquele lado — respondeu Jamie, apontando para a churrasqueira e Webster acenou com a cabeça, vendo-a fazer hambúrgueres. Tinha um grande avental por cima das calças jeans e o cabelo ruivo sobressaía na multidão, tal como o de Peter. Apesar de não parar de trabalhar, sorria e estava muito bonita. Seu cabelo crescera durante o verão e ela o trazia caído sobre os ombros. Como se pressentisse a chegada do médico ela ergueu os olhos, acenou-lhe com uma espátula e ele aproximou-se lentamente, seguido por Jamie. Quando chegou à churrasqueira descobriu que Peter estava lá também.

— Como vai isso? — perguntou ele ao seu paciente.

Peter sorriu e segredou a Liz, estendendo a mão:

— Me deve dez dólares, mãe!

— Ele veio ver você — replicou ela no mesmo tom.

Depois, voltou-se para cumprimentar o médico e oferecer-lhe um copo de vinho, mas Bill Webster preferiu uma Coca-Cola, porque estava de plantão. O ambiente em volta deles era descontraído e festivo.

— Está com um ar muito profissional aí na churrasqueira — comentou o médico, bebericando a Coca-Cola.

— Apreendi com um especialista.

— O Peter parece muito bem — disse ele, olhando para o seu paciente, que ria com os amigos e fazia saltar os hambúrgueres, apesar do incômodo colar.

— Quer ir para o colégio já nesta semana — informou Liz, com uma expressão preocupada.

— Se lhe parece que está bem disposto, deixe-o ir. Confio em sua opinião.

— Obrigada.

Entregou os grelhados a Carole e um dos vizinhos prontificou-se a ajudar, então ela pôde afastar-se dali com Bill Webster durante algum tempo. Instalaram-se em duas cadeiras e ela abriu uma Coca-Cola também. Não era grande bebedora.

— Como vão as coisas no hospital? — quis saber.

Parecia estranho tê-lo ali, longe das preocupações que haviam compartilhado em relação a Peter. Assim eram duas pessoas comuns e Liz sentiu-se subitamente pouco à vontade.

— As coisas no hospital estão muito movimentadas. E com certeza vão piorar em vez de melhorar neste fim de semana. Sempre que há um feriado, a mortandade aumenta. Desastres de carro, ferimentos de bala, tentativas de suicídio... É espantoso o que as pessoas arranjam quando não têm de trabalhar durante uns dias, sobretudo se estão com um volante nas mãos.

— Foi simpático ter conseguido uma folga para vir aqui.

— Não estou de folga, mas de plantão. Podem chamar-me a qualquer momento, mas achei que podiam passar sem mim um pouquinho. O meu chefe dos residentes ficou tomando conta daquilo. É competente e só me chamará se for mesmo necessário. E você, Liz? Como têm sido estes dias para você? Não podem ser fáceis.

— Hoje foi melhor do que eu esperava. A primeira vez que tenho de passar por uma data com algum significado para nós é sempre complicado. O Dia de São Valentim, a Páscoa, os aniversários das crianças, o 4 de Julho... mas hoje foi diferente e pensei que ia ser divertido para eles.

Todos pareciam estar gostando, principalmente os filhos, e era a primeira vez que recebiam desde o Natal.

— Eu costumava adorar os feriados, quando era jovem, mas agora não passam de dias de trabalho.

A vida dele devia ser muito solitária, mas parecia agradar-lhe. Liz tinha reparado que estivera quase sempre no hospital enquanto Peter ficara internado, o que ainda tornava mais simpático o fato de ter aparecido na festa.

— E você, o que faz em seu tempo livre, quando não está trabalhando ou correndo atrás dos filhos? — perguntou Webster, fazendo-a soltar uma gargalhada.

— O que há mais para fazer? Você quer dizer que existe alguma coisa além do trabalho e das crianças? Olha, acho que não me lembro disso.

— Talvez precise de que alguém a lembre disso — respondeu ele em um tom casual. — Quando foi a última vez que foi ao cinema?

—Hmmm, deixe-me ver... — Pensou no assunto e abanou a cabeça, custava a acreditar que tivesse passado tanto tempo. Deixara e fora buscar os filhos algumas vezes à porta do cinema, em Mill Valley, mas não via um filme há meses. — Acho que a última vez foi no Dia de Ação de Graças — com o marido, claro. Tinham ido depois do jantar como faziam habitualmente. Era uma tradição.

— Talvez pudéssemos ir ao cinema um dia destes — sugeriu Webster, mas logoouviu-se um toque de celular.

Ele baixou os olhos para o cinto onde prendera o pequeno aparelho, viu que era uma emergência e tirou o telefone do bolso para ligar para o hospital. Ouviu cuidadosamente, disse o que deviam fazer e voltou-se para Liz com uma expressão despondida.

— Aconteceu um acidente, Liz. Dois garotos numa colisão frontal. É melhor eu voltar. Esperava comer um hambúrguer e conversar mais um pouco, mas tem de ficar para outra vez.

— Por que não leva um para você? — perguntou Liz, acompanhando-o até o portão dos fundos, junto ao qual estava instalada a churrasqueira.

Pediu ao filho que embrulhasse um em papel de alumínio, entregou-o ao médico e levou-o até o carro, um Mercedes com dez anos. Ele tinha certo estilo, embora fosse difícil enxergar isso no hospital, vendo-o sempre com a roupa do bloco cirúrgico e chinelos, mas ali, com calças jeans impecáveis, sapatos bem engraxados e o cabelo penteado, ele parecia totalmente diferente.

— Obrigado pelo hambúrguer — agradeceu Bill com um sorriso. — Eu lhe telefono para o tal filme. Talvez na próxima semana?

— Gostaria muito — aceitou Liz, sentindo-se de novo acanhada e, de repente, muito nova, ao receber um convite daquele gênero. Mas que diabo, era agradável, Bill era simpático e respeitável e tinha razão, ela precisava sair. Victoria comentou a breve aparição do médico, quando Liz parou para falar com ela depois que ele foi embora.

— É bonito e gosta de você — comentou ela, com um sorriso malicioso.

— Isso é o que o Peter diz — replicou Liz, também sorridente. — Ele é fantástico no trabalho.

— Convidou você para sair? — perguntou a amiga, esperançosa.

— Não seja tola, Vic, somos apenas amigos.

Mas a verdade era que tinha convidado, embora Liz percebesse com surpresa que não queria que Victoria soubesse. Não tinha qualquer significado, era só um filme e talvez até nunca viesse a acontecer. Disse para si mesma que não valia a pena comentar com a amiga e afastou-se para conversar com os outros convidados.

A reunião prolongou-se por bastante tempo e já passava das onze quando os últimos convidados foram embora. A comida tinha sido boa, o vinho abundante e

as pessoas agradáveis e alegres. Tinham-se divertido e ela estava contente com a festa. Os filhos ajudaram a levar a louça para dentro e estava, com Carole, colocando-a na máquina quando o telefone tocou. Olhou para o relógio, sem compreender quem poderia ligar para lá depois da meia-noite.

Atendeu pensando que talvez alguém tivesse esquecido alguma coisa e ficou admirada ao ouvir uma voz conhecida. Era Bill Webster, para lhe agradecer.

— Pensei que ainda devia estar de pé. Já foram todos embora?

— Há alguns minutos. Calculou bem. E a emergência, como correu?

O médico suspirou antes de responder, não gostava muito de falar no assunto, umas situações eram melhores do que as outras...

— Perdemos um dos garotos, mas o outro está se recuperando. Acontece, sabe? — mas parecia sofrer diretamente, de cada vez que não salvava um doente.

— Não sei como você consegue — disse ela baixinho.

— É o meu trabalho — e era evidente que gostava muito dele, particularmente quando obtinha resultados positivos, como acontecia na maioria dos casos. — Então quando vamos ao cinema? Que tal amanhã? — perguntou sem lhe dar tempo para reconsiderar ou para responder. — Não trabalho à noite, nem mesmo estou de plantão, o que é uma raridade, acredite. O melhor é aproveitarmos enquanto podemos. Que tal pizza e cinema?

— Foi a melhor oferta que tive em toda a noite... em todo o ano — respondeu Liz, sorridente. — Parece-me uma boa idéia.

— Para mim também. Vou buscá-la às sete.

— Até amanhã então, Bill, e obrigada. Desejo-lhe uma noite calma aí no hospital.

— Para você também — respondeu ele suavemente, lembrando-se da dificuldade que ela tinha em adormecer.

Liz continuava sorrindo enquanto largava o telefone. Nesse momento Peter entrou na cozinha, olhou-a e levantou uma sobrancelha.

— Quem era?

— Ninguém importante — respondeu Liz vagamente, mas o filho fitava-a com uma expressão concentrada. Não acreditou e depois, de repente, entendeu e começou a brincar com ela:

— Era o Bill Webster, não era, mãe? Diga a verdade. Era, não era?

— Talvez — respondeu a mãe, assustada.

— Eu não disse que ele gostava da senhora? Fantástico!

— O que é fantástico? — perguntou Megan, entrando na cozinha.

Carole acabara de colocar a louça na máquina e os mais novos tinham ido para a cama poucos minutos depois dos últimos convidados saírem.

— O meu médico gosta da mãe — declarou Peter, com um prazer evidente.

— Qual médico? — perguntou Megan, admirada.

— O que me salvou a vida, pateta. Qual havia de ser?

— O que você pretende insinuar com “ele gosta da mãe”? Que quer dizer isso?

— Que lhe telefonou agora mesmo.

— E convidou-a para sair? — parecia horrorizada, olhando alternadamente para o irmão e para a mãe.

— Não sei. É verdade, mãe? — perguntou imediatamente o rapaz, divertidíssimo, ao contrário da irmã.

— Mais ou menos — admitiu Liz, o que fez a filha ficar indignada. — Vamos ao cinema amanhã.

Não valia a pena esconder aquilo dos filhos, porque iam vê-lo chegar, além de que não tinha nada para esconder, era um homem simpático e médico do filho. Eram apenas dois amigos e tinha a certeza de que Bill não alimentava segundas intenções ao convidá-la para comer uma pizza e ir ao cinema com ele.

— Não é um acontecimento especial e pensei que podia ser divertido — continuou, desculpando-se diante do olhar indignado de Megan.

— Isso é repugnante. E o paizinho?

— O que tem o paizinho a ver com o caso? Ele infelizmente morreu e a mãe não, e não pode ficar aqui trancada cuidando de nós para sempre.

— Por que não? — Megan não entendia bem o que ele dizia e o que realmente parecia não lhe agradava. Na opinião dela, Liz não devia sair com homens. — A mãe não precisa, tem a nós! — declarou para ambos.

— A questão é exatamente essa, ela necessita de mais do que isso. Afinal tinha o paizinho — replicou Peter com firmeza.

— Isso é diferente — continuou Megan teimosamente.

— Não, não é — insistiu Peter, com a mãe ficando de fora, mas fascinada com aquele conflito de opiniões.

Megan intransigente em que ela não devia sair com homens e Peter claramente afirmando que precisava de mais na sua vida do que trabalho e filhos, precisamente o motivo do convite de Bill Webster; as palavras dele tinham sido quase iguais às do filho. Contudo, era óbvio que Megan se sentia ameaçada pela idéia de outro homem na vida da mãe.

— O que acha que o paizinho diria do fato da mãe sair? — perguntou Megan diretamente a Liz.

— Acho que concordaria que é mais do que tempo — meteu-se Peter. — Já passaram quase nove meses e ela tem todo o direito. Bolas, quando a mãe do Andy Martin morreu, no ano passado, o pai voltou a casar só cinco meses depois! E a mãe nem mesmo olhou para outro homem desde que o pai morreu — continuou ele, mas a irmã parecia ficar ainda mais preocupada.

— A senhora vai casar com o médico?

— Não Megan, não vou casar com quem quer que seja. Vou comer uma pizza e ver um filme — respondeu Liz calmamente. — Tudo perfeitamente inofensivo.

Contudo era interessante ver a reação dos filhos, tanto a favor como contra, o

que a fez pensar no assunto enquanto subia lentamente a escada. Estava errado? Era loucura ou impróprio? Era cedo demais para começar a “sair”? Mas ela não ia “sair” com Bill Webster, só iam ao cinema e comer uma pizza; era evidente que não queria casar fosse com quem fosse, como Megan parecia pensar. Não conseguia imaginar-se vivendo com outro homem depois de Jack. Ele fora o marido perfeito para ela e qualquer outra pessoa ficaria diminuída, tinha certeza. Bill era apenas um amigo. Mas Megan ainda estava em pé de guerra quando o médico chegou às sete em ponto da tarde seguinte. Abriu a porta, olhou-o duramente e retirou-se imediatamente para o seu quarto. Não disse nem uma palavra nem se apresentou e Liz pediu desculpa pela indelicadeza, mas Jamie compensou a situação aparecendo com um sorriso aberto e cumprimentando-o. Estava contente por vê-lo e Bill conversou com ele até sair com Liz.

— Divertiu-se ontem na festa? — perguntou-lhe o médico, passando a mão na sua cabeça.

— Me diverti. Comi cachorros-quentes demais e fiquei com dor de estômago. Mas foi bom, antes disso — respondeu o garoto.

— Também achei — confirmou o médico, que depois se fingiu preocupado. — Não vai me dar uma injeção, não é, Jamie? — O pequeno riu da piada e então Bill perguntou-lhe se alguma vez brincara com papagaios de papel e ele admitiu que não.

— Então você tem que vir empinar o meu um dia destes! É fantástico, apesar de antigo. Fui eu que o fiz e voa muito bem. Podemos levá-lo até à praia e deixá-lo voar lá.

— Gostaria muito! — exclamou Jamie, com os olhos muito abertos e um ar interessado.

Rachel e Annie desceram para cumprimentar o médico, mas Megan não tornou a aparecer. Ficou amuada no quarto e furiosa com a mãe. Peter saíra com amigos que tinham ido buscá-lo por não poder dirigir e o médico deixou-lhe um recado, que Jamie prometeu transmitir logo que o irmão chegasse.

— São umas crianças fantásticas — comentou Webster com admiração. — Não sei como você consegue.

— É fácil. Basta gostar muito delas — declarou Liz, entrando no confortável Mercedes do médico.

— Quem a ouvir achará que é assim tão simples. Eu não consigo me ver no seu papel — comentou ele, como quem pensa num transplante de fígado, numa cirurgia de coração aberto, ou em outra operação dolorosa e difícil. Ser pai sempre fora um mistério para ele.

— Em qual papel? — perguntou Liz, enquanto ele funcionava o carro e arrancava.

— Ser casado e ter filhos. Você faz isso parecer simples, mas eu sei perfeitamente que não é. A pessoa tem de ser boa nisso. É uma arte e é muito

mais difícil do que praticar medicina, tanto quanto sei.

— Aprende-se pelo caminho. As crianças nos ensinam.

— Não Liz, não é tão simples assim e você sabe muito bem disso. A maior parte dos jovens age como delinquentes juvenis e acaba na droga ou em outros problemas. Tem uma sorte dos diabos em ter cinco filhos como os seus.

Incluía Jamie no elogio, pois era uma criança incrível e, apesar dos seus problemas, só precisava de um pouco mais de cuidado e de atenção do que as outras. Liz tinha que vigiá-lo para evitar que se machucasse, fizesse alguma coisa perigosa ou se perdesse.

— Acho que você tem umas idéias muito esquisitas sobre as crianças. Nem todas são pequenos malandros, sabe? — replicou ela.

— Não, nem todas, mas muitas são e as mães às vezes são ainda piores — ele garantiu, o que a fez dar uma gargalhada.

— Não será melhor eu sair do carro antes de você descobrir a verdade a meu respeito? Ou posso jantar?

— Sabe muito bem o que quero dizer — insistiu ele. Quantos casamentos você conhece que tenham dado certo, dado certo mesmo? — perguntou francamente, no tom de um autêntico cínico ou de um solteirão empedernido.

— O meu deu certo — disse ela simplesmente. — Fomos muito felizes durante muito tempo.

— Bom, mas a maioria das pessoas não é e você sabe perfeitamente disso — objetou ele, tentando convencê-la.

— Está bem, tem razão, a maior parte das pessoas não é tão feliz, mas algumas são.

— Pouquíssimas — insistiu ele.

Nesse meio tempo chegaram ao restaurante e lá dentro Liz olhou para ele cautelosamente enquanto se sentavam.

— Como arranjou essas idéias terríveis sobre o casamento, Bill? O seu foi assim tão ruim?

— Péssimo; quando acabou nós nos detestávamos. Nunca mais a vi nem quero vê-la. E ela provavelmente desligaria o telefone na minha cara, se eu lhe ligasse. Foi mau desse jeito. E não me parece que tenhamos sido uma exceção — era evidente que acreditava no que dizia, mas Liz não.

— Pois eu acho que foram — afirmou ela calmamente.

— Se tivéssemos sido, você estaria sem trabalho.

Ela deu uma gargalhada e encomendaram uma pizza com paio e cogumelos. Gostaram e foram comendo, mas era muita e deixaram quase a metade. Depois tomaram café.

Falaram sobre muitas coisas, medicina, advocacia, os anos que ele passara em Nova York durante a residência e como apreciara esse tempo. Liz contou-lhe a viagem à Europa com Jack, que ela adorara, principalmente Veneza. Tocaram

numa variedade de assuntos, mas ela continuava intrigada com o que ele dissera sobre o casamento e os filhos. Era óbvio que tinha uma opinião formada sobre isso, o que lhe dava pena. Afinal ele se privara de coisas que ela adorava, seria incapaz de prescindir dos anos de casamento e nunca dos filhos. Sem eles a sua vida ficaria vazia, como suspeitava que fosse a dele. Só parecia interessar-se pelo trabalho e pelas pessoas de quem tratava ou com quem lidava. Era muito, mas não o suficiente na opinião dela, para preencher uma vida. No entanto não voltaram a tocar no assunto; em vez disso, falaram de cinema.

Ele tinha um gosto muito eclético, gostava de filmes estrangeiros, de filmes “intelectuais” e ainda de algumas grandes películas comerciais. Liz admitiu que apreciava o gênero de filmes que via com os filhos, todos comerciais e, no caso de Peter, de ação. E adorava ir com eles ao cinema, o que lhe recordou que fizera bem poucas coisas com os filhos fora de casa, desde a morte do pai. Dedicava-se totalmente a eles, mas era raro sair com eles e prometeu a si própria que as coisas iam mudar. Bill Webster dera-lhe o empurrão que precisava e depois de sair do cinema, disse para si mesma que voltaria lá com os filhos em breve. Chegara a hora de retomarem as atividades em conjunto.

Convidou-o para entrar e tomar alguma coisa quando pararam na porta de casa, mas Bill disse que precisava levantar cedo no dia seguinte para estar no hospital às seis da manhã e Liz ficou comovida por ele ter ficado até àquela hora com ela. Eram onze horas e seria difícil levantar-se tão cedo. Pediu desculpas e ele sorriu.

— Acho que você vale isso.

Ficou surpreendida com aquelas palavras, mas ao mesmo tempo satisfeita; tinha gostado de sair com ele. Agradeceu-lhe, Bill prometeu que telefonaria e Liz entrou enquanto ele se afastava no carro. Peter e Megan ainda estavam de pé e percebeu, mesmo antes de fechar a porta da rua, que ia ser alvo de um interrogatório.

— Ele deu-lhe um beijo? — perguntou Megan, com um misto de acusação, censura e repulsa.

— Claro que não. Mal o conheço.

— Isso não é seguro na primeira vez em que saem — declarou Peter, com ar entendido, e a mãe soltou uma gargalhada.

— Lamento desapontá-los, mas somos apenas amigos. Acho que ele tem muito cuidado em não se envolver; está mais interessado no seu trabalho e eu em vocês. Não precisa se preocupar, Megan — disse ela com firmeza.

— Aposto dez dólares em como ele lhe dá um beijo na próxima vez! — exclamou Peter, divertido.

— Essa você não ganha. Além disso, quem disse que vai haver uma próxima vez? Talvez ele tenha se chateado muito e nunca mais me telefone.

— Duvido — disse Megan, sombria, pensando no desastre pronto a cair sobre

eles sob a forma de Bill Webster.

— Obrigada pelo voto de confiança, Meg, mas não vale a pena perder tempo com isso. Além disso, tenho um julgamento para a próxima semana e muito que fazer até lá.

— Boa! Pode ficar em casa conosco. Não precisa de um homem, mãe.

— Enquanto eu tiver você, não é, Megan?

Contudo tinha de admitir que fora agradável sair com Bill Webster, falar sobre assuntos de adultos e começar a conhecê-lo. Sentira que existia uma admiração e simpatia mútuas. Nada queriam um do outro, tinham-se limitado a passar uma noite muito agradável. Mesmo que ele nunca mais desse notícias, disse para si mesma que fora bom estar com ele no seu papel de mulher e não apenas de mãe. Era agradável a companhia de alguém que queria que ela se divertisse e estava interessado em conversar e em ouvir o que ela tinha para dizer.

Mandou os filhos para a cama e foi deitar-se também. Jamie já estava na cama dela, à espera. Continuava dormindo ali às vezes, e Liz gostava de senti-lo junto de si. Ao adormecer ao lado do filho perguntou a si mesma se Megan teria razão ao dizer que ela não precisava realmente de um homem. Mas já não se sentia tão convencida. Depois de quase nove meses sem o marido junto dela, sem fazer amor, parecia ter se passado uma eternidade. Mesmo assim, nesse momento pelo menos não sentia desejo de modificar a situação; no seu pensamento essa parte da vida acabara para sempre.

Bill Webster pensava nela ao adormecer nessa noite e em como se divertira. Não sabia o que viria dali, mas não tinha dúvidas de que gostava dela.

CAPÍTULO 9

Bill Webster telefonou no fim da semana e convidou-a para ir ao teatro. Foram de carro até o centro e jantaram antes do espetáculo. Depois entrou em sua casa, bebeu um copo de vinho e falaram durante algum tempo sobre a peça e sobre livros. Liz contou-lhe um caso difícil em que estava trabalhando e que envolvia a custódia de uma criança que ela desconfiava estar sendo maltratada. Tinha denunciado os pais e se descobrira que era verdade. De certo modo, o caso apresentava um dilema moral e ela desejava poder representar a criança e não os pais.

— E não pode? — perguntou ele naturalmente. Parecia-lhe simples, mas para ela não era.

— É um pouquinho mais complicado do que isso. Teria que ser nomeada pelo tribunal para representar a criança e não fui. Sou considerada suspeita por ter representado o pai. E eles têm razão. Seria um conflito de interesses, mas eu preferia mil vezes estar do lado da criança.

— Uma vez me aconteceu uma coisa parecida, sabe? Uma garota que diziam ter sido espancada por um vizinho. Quiseram apresentar queixa dele e contaram uma história muito convincente. Fiquei muito indignado. Afinal descobriu-se que o pai é que agredia a criança e ela já tinha lesões cerebrais quando chegou às minhas mãos. As autoridades tiraram-lhes a garota quando pôde deixar o hospital, mas ela implorou que a deixassem voltar para casa. Fiquei com medo de que o pai acabasse matando a filha. O juiz mandou-a para um lar adotivo durante alguns meses, mas a criança regressou depois para junto da família.

— E que aconteceu? — perguntou Liz, interessada.

— Não sei. Perdi-lhes o rastro, o que parece ruim, mas o meu trabalho é tão momentâneo e rigoroso que, quando as pessoas melhoram, eu as perco. É o que acontece nos serviços de traumatologia e na emergência. Nós fazemos e o que se pode fazer no momento e depois elas desaparecem das nossas vidas.

— Não sente a falta de um relacionamento mais prolongado com os seus pacientes?

— Acho que não. Penso até que é em parte por isso que gosto do que faço. Não preciso me preocupar em resolver problemas que não me dizem respeito. Assim é muito mais simples.

Era claramente uma pessoa que não queria relacionamentos, de nenhuma espécie, a longo prazo, mas Liz gostava dele apesar de tudo. E às vezes, quando ouvia dizer coisas como aquela, sentia pena dele. A vida de Bill Webster, a sua filosofia, era contrária à dela. Tudo o que dizia respeito à sua vida tinha a ver com “longo prazo” e com um profundo envolvimento; clientes se mantinham em contato com ela durante anos após o divórcio. Era apenas uma diferença de estilo

e eram realmente muito diferentes, mas também era evidente que gostavam um do outro.

Era tarde quando ele se despediu, quase uma da manhã e Bill ficou com pena por não poder ficar conversando mais com ela, mas os dois precisavam levantar cedo, Liz para ir ao tribunal e ele para o Serviço de Traumatologia.

Peter tinha uma expressão maliciosa nos olhos quando perguntou à mãe, durante o café da manhã, se ganhara a aposta.

— Não, desta vez você perdeu — respondeu ela com uma gargalhada.

— Quer dizer que ele não lhe deu um beijo?

Peter parecia desapontado e Megan fez uma careta indignada.

— Você é nojento! — acusou-o ela. — De que lado está, afinal?

— Do lado da mãe — respondeu claramente. Depois se voltou para Liz: — Mãe, prometa que dirá a verdade se ele lhe der um beijo, ou mentirá só para ganhar o dinheiro? — ele adorava implicar com ela e fazê-la rir.

— Que insulto Peter! Como se eu fosse capaz de mentir à minha própria família para ganhar uma aposta! — indignou-se Liz, entregando-lhe um prato com panquecas e colocando doce por cima.

— Pois eu acho que está mentindo! — insistiu Peter.

— Não estou. Já disse que somos só amigos e é assim que eu gosto das coisas.

— Deixe as coisas ficarem assim, mãe — disse Rachel, dando também a sua opinião.

Liz olhou para a filha mais nova e perguntou:

— Desde quando você se interessa por isto?

— O Peter diz que ele gosta da senhora e a Meg garante que a senhora vai casar com ele.

Em muitas coisas Rachel era sofisticada para os seus onze anos, bom, quase doze. Acabara de fazer os onze quando o pai morreu e, como todos, tinha amadurecido muito nesse ano, assim como a própria mãe.

— Garanto-lhes que dois jantares não constituem um noivado — explicou Liz com um sorriso aberto, enquanto acabavam de tomar o café.

— É cedo demais para sair com homens — declarou Annie, olhando severamente a mãe.

— E quando você acha que seria apropriado? — perguntou Liz, interessada.

— Nunca — respondeu Megan em lugar da irmã mais nova.

— São todas umas tolas — considerou Peter, levantando-se da mesa. — A mãe pode fazer o que quiser e até o pai acharia certo. Ele já estaria saindo com outras mulheres, com certeza, se aquilo tivesse acontecido à mãe.

Liz pensou que, de fato, tudo podia ter acontecido de forma inversa e achou o comentário do filho interessante e foi pensando nele até chegar ao escritório. O marido já estaria saindo com outras mulheres se ela tivesse morrido? Nunca pensara no assunto, mas desconfiava que a resposta fosse afirmativa. Jack

sempre tivera uma atitude saudável para com a vida e muita alegria de viver para se fechar num quarto chorando pela esposa. Peter tinha razão. Provavelmente já estaria procurando companhias femininas, o que a fez sentir-se melhor a respeito de Bill Webster.

Ele telefonou para o escritório nesse dia e convidou-a para ir ao cinema outra vez no fim de semana seguinte. De repente viam-se com frequência, mas ela não se importava. Gostava de estar com ele.

Dessa vez quando ele foi buscá-la, foi Jamie quem lhe abriu a porta e informou-o da situação.

— As minhas irmãs acham que o senhor não devia sair com a mãe, mas o Peter pensa que isso está certo e eu também. Os rapazes gostam do senhor e as meninas não.

O resumo foi feito de uma maneira simpática. Bill soltou uma gargalhada e depois contou a Liz o que o garoto dissera, quando iam a caminho de um pequeno restaurante francês, em Sausalito.

— Elas estão mesmo perturbadas por sairmos juntos? — perguntou o médico.

— E saímos? Pensei que éramos dois amigos que se viam de vez em quando — respondeu Liz, descontrada.

— É isso o que você quer, Liz? — perguntou ele em tom suave.

Tinham chegado ao restaurante e ele acabava de parar o carro. Voltou-se para ela, ansioso por ouvir a resposta.

— Não tenho bem certeza do que quero — respondeu ela honestamente. — Gosto de estar com você, apenas isso.

Ele sentia a mesma coisa, mas também começava a pensar nela de uma forma diferente. No princípio pensara que lhe bastaria serem amigos, mas já não tinha tanta certeza, lhe parecia que desejava algo mais. Mas não insistiram no assunto, entraram e falaram de outras coisas durante o resto da noite.

Quando a levou para casa, Peter ganharia a aposta se ainda estivesse em vigor. Antes de Liz entrar, Bill puxou-a delicadamente para si e, com uma expressão terna no olhar, beijou-a finalmente. Primeiro ela ficou um pouco espantada, mas depois se descontraiu e retribuiu o beijo. Quando se separaram parecia triste e ele ficou preocupado.

— Está tudo bem, Liz? — perguntou num murmúrio.

— Acho que sim — respondeu ela baixinho.

Por um segundo o beijo fizera-a pensar em Jack e quase parecera que o estava traindo. Não estava esfomeada por um homem, nem procurava sexo, mas o médico entrara na sua vida e agora teria de lidar com os seus sentimentos por ele e pelo falecido marido. Assim, limitou-se a acrescentar:

— Não estava esperando isto.

— Nem eu. Aconteceu. Você é uma mulher espantosa.

— Não, não sou — contrariou-o Liz, sorrindo.

Era agradável estar ali ao ar livre, fora do alcance dos ouvidos dos filhos. Ficaria pouco à vontade se eles tivessem visto e ouvido o que acabava de acontecer. Como para reforçar o que ambos sentiam, Bill tornou a beijá-la e dessa vez ela retribuiu o beijo com fervor. Quando se separaram estava ofegante e um pouquinho preocupada.

— O que estamos fazendo? — perguntou, sob as estrelas daquela noite de setembro, e ele lhe sorriu.

— Acho que estamos nos beijando — respondeu com toda a simplicidade.

Mas era muito mais do que isso; não se tratava de mera curiosidade nem de fome de dois corpos solitários. Era a nítida atração que surge por vezes entre um homem e uma mulher, um encontro de mentes além de lábios. Ambos gostavam de muitas das qualidades que viam no outro, embora concordando que eram diferentes. Ele apreciava relações fugazes de todos os gêneros, enquanto tudo na vida de Liz se apoiava na permanência: casamento, filhos, carreira e até as suas duas empregadas trabalhavam para ela há anos. Nada existia de temporário na vida dela e Bill sabia; para ele era quase um desafio ser diferente. Mas já não tinha certeza, naquele momento, se desejava ou não ter com Liz uma relação duradoura. Era uma experiência nova para ele e ela não era o tipo de mulher por quem normalmente se sentia atraído.

— Vamos levar as coisas com calma, sem pensar muito. Veremos o que acontece — propôs ele.

Liz acenou com a cabeça, sem saber bem como responder nem se aconteceria mais alguma coisa. Já dentro de casa, depois que ele foi embora, sentiu-se consumida pela culpa, como se tivesse traído o marido. Mas ele morreu, disse para si mesma, e não vai voltar. Então por que se sentia tão estranha por ter beijado Bill Webster, tão culpada e ao mesmo tempo tão excitada? Quanto mais pensava, mais nervosa ficava e manteve-se acordada durante muito tempo nessa noite, pensando nele e em Jack, sem saber no que estava se metendo.

Quando acordou de manhã, cansada de uma noite de insônia, disse para si mesma que tinham que voltar à amizade anterior, sem complicações. Depois de tomada a decisão começou a sentir-se melhor, até que ele ligou por volta das dez da manhã.

— Pensei toda a noite em você e quero saber como está — disse ele meigamente.

— Lamento muito a noite passada — disse Liz simplesmente.

— Por quê? Eu só lamento não termos nos beijado mais. Foi muito bom, pelo menos no que me diz respeito — confessou ele, numa voz estranhamente calma e mais do que feliz.

— Era isso que eu receava. Eu não estou pronta, Bill...

— E eu compreendo, ninguém está forçando você. Isto não é uma corrida, não

precisamos chegar a lugar algum. Só estamos cientes um do outro. — Era uma maneira bonita de pôr as coisas e Liz ficou agradecida por ele não pressioná-la, mas sentiu-se ao mesmo tempo uma idiota por se preocupar tanto. — Que tal se eu for aí fazer o jantar para todos no sábado? Estou de folga e sou um cozinheiro bastante razoável. Que tal?

Sabia que devia recusar, mas ficou admirada ao descobrir que não era capaz de tomar essa atitude. E que mal havia em deixá-lo ir lá fazer o jantar?

— Está bem. Eu ajudo.

— Eu levo o que for preciso. Há alguma coisa especial de que eles gostem?

— Comem tudo: frango, peixe, bife, pizza, espaguete. Têm boa boca.

— Vou pensar em alguma coisa.

— O Jamie vai ficar encantado — disse Liz.

E as garotas ficaram furiosas, pensou ela, mas não o disse. Era uma boa oportunidade para animá-las a se descontraiem acerca dele. Podiam ver como era inofensivo... seria? Teriam elas razão ao dizerem que se tratava de uma situação potencialmente perigosa? Detestava a idéia. Queria ser amiga dele e gostava de beijá-lo, mas teria de ir mais longe? Não percebia por que. Talvez pudessem ficar só nos beijos. Ela não deixaria que fossem mais longe por sua causa e não por causa dos filhos.

Webster chegou às seis horas de sábado, conforme prometido, com três sacos de compras. Disse que ia fazer frango frito à moda do sul, milho em espiga e batatas assadas. Trouxera também sorvete. E começou a andar na cozinha de um lado para outro, sem deixá-la ajudar.

— Você fica descansando — ordenou ele.

Estendeu-lhe um copo de vinho, serviu outro para ele e tratou de cozinhar um jantar excelente. Até as meninas se mostraram admiradas e satisfeitas quando comeram, embora Megan continuasse na recusa de lhe falar. Mas Jamie não se calou durante toda a refeição, bem como Peter e até mesmo Annie e Rachel se juntaram à conversa com o médico. Falaram de estudos e de universidades para Peter, que marcara uma data para visitar algumas com a mãe, em outubro. Bill deu a sua opinião. Embora lhe parecesse que Berkeley talvez fosse divertida, Stanford e a UCLA pareciam-lhe mais indicadas para ele, por diversos motivos. E no fim do jantar ainda estavam discutindo o assunto quando Rachel, Annie, Jamie e a mãe tiraram as coisas da mesa. Peter continuou absorvido na conversa com o médico e Megan aproveitou a distração escapando para o quarto sem agradecer o jantar, o que deixou Liz furiosa, mas Bill disse-lhe que não a pressionasse.

— Ela vai se habituar a mim, dê-lhe tempo. Não há pressa.

Estava sempre dizendo coisas assim, o que a deixava ligeiramente nervosa. Por que tinham de fazer isso?

Com certeza Bill não ia ficar ali tempo suficiente para que a atitude dela

tivesse importância, mas ele não parecia pensar assim.

Tornou a beijá-la nessa noite, depois dos garotos terem ido todos para a cama e Liz ficou nervosa também por ser na sua própria casa. As coisas estavam ficando muito confortáveis e familiares demais e ele tinha sido amoroso com as crianças. Tudo aquilo indicava um verdadeiro romance. Jack partira há nove meses e ela começava a sentir-se como quem avança por um campo minado, sujeita a uma explosão a qualquer momento. Megan estava em pé de guerra; as irmãs inseguras e, mais do que tudo, ela própria tinha emoções contraditórias: Bill Webster e a sua propensão para ligações temporárias, segundo ele mesmo admitia, e o seu sentido de lealdade para com Jack, que começava a ser ameaçado pelo que sentia pelo médico.

Esses sentimentos mantiveram-se durante todo o mês de setembro e continuaram em outubro, fazendo com que a projetada volta pelas universidades com Peter, fosse um alívio. Mesmo assim, Bill telefonava todos os dias, até mesmo para o hotel onde ficaram em Los Angeles. Foi uma surpresa ouvir-lhe a voz, mas sorria ao desligar e dessa vez, o filho não fez comentários. Não queria prejudicar o romance, ainda mais porque gostava do médico e por querer que desse certo. E sabia, por pequenas coisas ditas pela mãe, que ela se sentia ambivalente, dividida, indecisa.

Quando voltaram Liz esperou alguns dias para ver Bill e encontraram-se apenas para um hambúrguer rápido no refeitório do hospital em uma noite que ele estivesse trabalhando. E isso porque ele se mostrara ansioso por vê-la. As enfermeiras a reconheceram e algumas se aproximaram para conversar, assim como o chefe dos médicos residentes e todos mandaram lembranças para Peter.

— Todos gostam de você, Liz — observou Bill.

Ela causara uma excelente impressão pela sua devoção pelo filho, pois nem todos os pais se comportavam assim: de fato, muito poucos. E era atenciosa também para Bill, sempre fazendo perguntas sobre o trabalho e preocupada com ele por causa das tensões e desafios diários que uma profissão daquelas implicava. Quando estava com ela, Webster se sentia consciente do interesse que Liz lhe dedicava, às vezes mesmo mais do que ela, que tinha dificuldade em admiti-lo, pois as implicações ainda eram muitas.

Mas não foi por acaso que, na semana seguinte ao regresso de Los Angeles, Liz ficou parada diante do roupeiro de Jack no sábado de manhã. Olhou para os casacos ainda pendurados ali e pareceram-lhe tristes e sem vida, deprimentes. Já não encostava o rosto nele nem os acariciava como no começo e já passara bastante tempo desde a última vez que cheirara as lapelas dos casacos. Olhando-os naquele momento, percebeu o que tinha que fazer, para seu próprio bem. E não tinha nada a ver com Bill Webster, disse Liz para si mesma.

Os dez meses decorridos desde a morte de Jack bastavam. Então, um por um, tirou-os dos cabides e dobrou-os numa pilha. Podia dá-los ao filho, se este não

fosse alto demais e novo demais para usá-los, mas era mais fácil desfazer-se deles do que ver outra pessoa com eles.

Precisou de duas horas para esvaziar a parte dos cabides e as gavetas. Já acabara quando Megan entrou e viu o que a mãe estava fazendo. Desatou imediatamente a chorar e, por um instante, Liz teve a sensação de ter matado o marido. A filha ficou ali olhando fixamente para as pilhas de roupa do pai e soluçando, até que Liz não conseguiu conter-se e chorou também; pelos filhos, por ele, por si própria. Mas, por mais que se agarrassem a objetos, tinham perdido Jack, ele não voltaria e já não precisava daquelas roupas. Era melhor dá-las, pensava, mas ao ver o desgosto da filha, ficou indecisa.

— Por que a senhora está fazendo isto agora? É por causa dele, não é? — Ambas sabiam que se referia a Bill e Lizabanou a cabeça, enquanto as duas continuavam a chorar.

— Já é tempo, Meg... teve de ser... Me dói muito ver esta roupa... — justificou-se Liz, lavada em lágrimas e tentando abraçá-la, mas a menina se afastou, saiu correndo para o seu quarto e bateu com a porta. Alguns minutos depois a mãe foi atrás dela, mas a filha não quis falar com ela. Então voltou para o quarto e começou a arrumar a roupa do marido em caixas. Peter passou então no corredor e viu o que a mãe estava fazendo. Parou, olhou-a e perguntou baixinho se queria ajuda.

— Eu faço isso mãe. Não precisa tratar dessas coisas.

— Mas quero — respondeu Liz, triste.

Era o que restava, o que Jack deixara para trás, além de taças, fotografias, algumas recordações e, claro, os filhos de ambos.

Peter ajudou-a a levar as caixas para o carro e, como sentissem que haviam chegado a uma encruzilhada, os outros foram aparecendo um a um e ficaram olhando. Todos tinham uma expressão de perda nos olhos. A última foi Megan, que olhou para a mãe e acabou por perceber que aquilo também não era fácil para ela. Então, como num movimento silencioso de apoio, cada um pegou em alguma coisa: uma caixa, um saco, um casaco e transportou tudo para o carro. Foi o derradeiro gesto de despedida do pai. Megan levou a última braçada de roupa.

— Desculpa, mãe — murmurou ela por entre lágrimas, e Liz voltou-se e abraçou-a, grata pela compreensão.

— Eu adoro você, Meg.

Mãe e filha ficaram abraçadas chorando e quando acabaram de carregar o carro os outros choravam também.

— Eu também a adoro, mãe — retribuiu Megan baixinho e os irmãos aproximaram-se e abraçaram as duas.

Liz ia levar a roupa para um ponto de recolhimento de uma instituição de caridade e Peter ofereceu-se para dirigir o carro.

— Eu estou bem. Posso ir sozinha — garantiu Liz.

Ele ainda usava um colar ortopédico, embora menor e recomeçara há pouco tempo a dirigir de novo. Insistiu porque viu que a mãe estava perturbada demais e ela acabou aceitando, admitindo que o filho estivesse com a razão. Juntos se afastaram de casa com o carro cheio com a roupa de Jack.

Os dois voltaram meia hora depois, Liz com um ar desolado. Nessa tarde, quando viu o roupeiro do marido vazio, sentiu um baque no coração, mas também uma sensação de liberdade. Precisara de muito tempo, mas percebeu que fizera bem em esperar até estar pronta, apesar de nunca acabar de conselhos sobre o momento adequado para se desfazer da roupa de Jack.

Ficou sentada um pouco no quarto, olhando lá para fora e pensando nele. Quando Bill telefonou mais tarde, percebeu pela voz dela que alguma coisa acontecera.

— Você está bem? — perguntou preocupado.

— Mais ou menos.

Contou-lhe o que tinha feito nesse dia e como lhe custara e ele acompanhou a dor de Liz. Nos últimos dois meses, aprendera a gostar profundamente dela.

— Sinto muito, Liz. Posso fazer alguma coisa? — Sabia que aquilo era algum sinal, uma prova de que ela estava lentamente se libertando do passado, dizendo um último adeus ao marido; ele seria sempre lembrado e o seu legado eram os filhos, mas Liz começava finalmente a abrir mão da sua realidade e presença diária.

— Não — respondeu ela triste. No fundo ambos sabiam que era um sofrimento íntimo e um momento solitário.

— Ia perguntar se queria sair esta noite, mas talvez não seja uma boa idéia...

Liz concordou e ele disse que telefonava na manhã seguinte, mas ligou ainda na mesma noite, só para saber como ela estava. Continuava triste, embora ligeiramente melhor. Tinha passado a noite tranquilamente com os filhos, todos mais calmos depois do desgosto dessa manhã, e só Liz ficara com as suas recordações e o seu sentimento de perda; os outros pareciam aceitar a realidade antes dela.

No dia seguinte, quando Bill telefonou, ela atendeu com uma disposição mais normal e ele ficou contente quando ela concordou em se encontrarem à noite. Parecia mais calada do que habitualmente, mas falaram um pouco e o médico conseguiu até mesmo fazê-la rir.

À noite deram um longo passeio silencioso, de mãos dadas e quando ele a beijou, os dois perceberam que alguma coisa tinha mudado. Ela estava pronta para enfrentar o futuro, para largar o passado e caminhar em frente.

— Amo você, Liz — disse ele, apertando-a nos braços. Ela sentiu o cheiro já familiar da loção da barba. Era tão diferente de Jack em tantas coisas... e gostava dele, mas ainda não era capaz de pronunciar aquelas palavras, ainda não, e talvez

nunca.

— Eu sei — limitou-se a responder e Bill não esperava mais. No momento era suficiente para os dois serem ditas por ele.

CAPÍTULO 10

Quando chegou a Noite das Bruxas, ambos sabiam que o caso era sério. Nenhum deles se habituara ainda à idéia ou entendera o que significava para o futuro, mas era evidente que Bill estava apaixonado por Liz e, embora ela ainda não o admitisse, era evidente que também o amava. Mas ela se sentia num dilema, porque não sabia o que ia fazer nem o que dizer aos filhos. Tinha falado com Victoria sobre o assunto mais de uma vez e o único conselho da amiga fora que não se apressasse e deixasse as coisas correrem, o que lhe parecera sensato; no devido tempo, ambos saberiam como se sentiam e como agir.

Bill foi buscá-la e levaram Rachel e Jamie para a ronda habitual naquele dia, mas Annie e Megan declararam que eram grandes demais para isso e ficaram em casa com Carole. Quanto a Peter, estava visitando a nova namorada.

E nessa noite, com os filhos já deitados, Liz ouviu Bill perguntar-lhe se queria passar o fim de semana com ele. Hesitou durante muito tempo e o médico ficou com medo de ter estragado tudo, mas saíam juntos há dois meses e a paixão aumentara até o ponto de ser quase impossível contê-la. Bill sabia que não interpretara mal a situação e os sentimentos de ambos eram evidentes, pelo menos para ele. Quando Liz respondeu calmamente que sim, que ia com ele para Napa Valley, sentiu-se como um garoto. Concordearam em não informar as crianças e ele disse que reservaria o hotel. Queria levá-la para o *Aubergedu Soleil*, o lugar mais romântico de que se lembrava para o primeiro fim de semana a dois.

Foi buscá-la na sexta-feira à tarde. Trabalhara desde a noite anterior, mas estava tão feliz e excitado que nem se sentia cansado. Liz fizera planos para manter os filhos ocupados nesse fim de semana e dissera-lhes que ia para casa de uma colega de curso e Bill passaria para buscá-la numa hora em que não estivessem em casa. Só Carole sabia para onde ela ia realmente. Bill ficou meio surpreso com a estratégia dela, mas percebeu que era mais simples para ambos. Não havia necessidade de aborrecer as crianças. Embora Peter e Jamie talvez ficassem contentes, as meninas com certeza não iam gostar. Havia ainda bastante resistência entre elas, gerada por Megan, que se mostrava educada com ele, mas apenas isso, e seria melhor não antagonizá-la mais ainda.

A paisagem era muito bela ao longo do caminho, com as folhas das árvores de vários tons acobreados e a relva ainda verde. Era uma estranha combinação do leste com o oeste: as cores outonais da Nova Inglaterra combinadas com os verdes da Califórnia. Conversaram todo o caminho até Santa Helena, com alguns momentos silenciosos de Liz, que ele preferiu não perguntar a que se deviam. Sabia que estar com ele ainda era complicado para ela; confessara-lhe mais de uma vez que, a cada pouco, ainda parecia que atraía o marido. Percebia que

o fim de semana, em alguns aspectos, não ia ser fácil para Liz que, a certa altura, olhou de soslaio para a aliança que continuava a usar.

Registraram-se perto da hora do jantar e ela ficou alegre com a elegância das instalações. Ele tinha-se esforçado realmente para fazê-la feliz. A imagem do vale que se estendia a perder de vista, deixou-a sem respiração. Foi para o banheiro mudar de roupa e apareceu com um vestido preto novo, para irem jantar.

Comeram na sala de jantar do hotel e depois se instalaram diante da lareira do bar, onde uma mulher cantava ao piano. Sentiam-se confortáveis e descontraídos quando voltaram lentamente para o quarto. Assim que entraram, Bill beijou-a; um beijo que revelou o que ela significava para ele e dali a poucos minutos se envolviam na paixão que sentiam um pelo outro. A lareira estava acesa, o quarto em penumbra e Bill acendeu as velas em cima da mesinha. Sentaram-se no sofá abraçados e, lentamente, ele tirou-lhe o vestido preto e ela desabotoou-lhe a camisa. Era maravilhoso estarem sozinhos e terem a liberdade de fazer o que quisessem. Depois, meigamente, ele conduziu-a até à cama, onde acabou de despi-la lenta e sensualmente. Estenderam-se nos lençóis e ficaram deitados, nus, durante um longo minuto, abraçados.

— Amo tanto você, Liz...

— E eu amo você... — murmurou ela.

Era a primeira vez que dizia isso, mas daquela vez as palavras surgiram com toda a naturalidade, assim como o que aconteceu a seguir, quando se beijaram e deram finalmente largas à paixão. Liz sentiu-se arrebatada por ele e de repente o desgosto, a solidão e o medo desapareceram como um casulo em que se tivesse envolvido e do qual já não necessitasse. Não precisava de proteção nem de se esconder e entregou-se totalmente. Depois, ofegante e saciada, sorriu-lhe com uma expressão nostálgica no olhar e Bill percebeu que o passado e as recordações ainda lhe tocavam o coração. Nem seria de esperar outra coisa e ambos tinham consciência disso.

— Você está bem? — perguntou Bill meigamente, preocupado com ela e com pena de vê-la ainda tão triste, mas apesar da expressão dos seus olhos, ela sorria para ele.

— Eu estou bem... melhor do que isso... você me faz muito feliz.

Era quase verdade; tão verdade quanto possível naquele momento e Bill viu lágrimas nos olhos dela. Era difícil não pensar em Jack na hora em que se entregava a outra pessoa. Era mais um passo importante para longe dele, um passo que adiara durante muito tempo e que agora queria dar, como se atravessasse uma ponte de uma vida para outra. Além disso, ela se sentia segura com Bill e podia dizer-lhe tudo; ele não se sentia ferido ou aborrecido por ela admitir que aquilo não fosse fácil.

Ficaram deitados lado a lado conversando durante bastante tempo e ele acabou

por admitir que nunca tinha amado assim uma mulher. E Liz sentiu-se bem junto dele, tentando não pensar em Jack, mas era difícil, embora Bill fosse sensível aos seus sentimentos.

À medida que o fim de semana transcorria Liz foi se sentindo cada vez menos consciente de Jack e cada vez mais perto de Bill e de tudo o que partilhava com ele. Deram longos passeios e falaram sobre muitos assuntos: do trabalho, dos filhos dela, dos sonhos de ambos. Evitaram o mais possível abordar o passado e, inevitavelmente, no domingo de manhã, sentados na varanda do quarto olhando para Napa Valley, a conversa dirigiu-se lentamente para o futuro.

Bill vestia calças jeans e camiseta e ela tinha um roupão quente de lã, na fresca manhã de novembro. O dia estava bonito e era agradável ficarem ali fora, ao sol, lendo o jornal a dois. Quando Liz levantou os olhos e lhe entregou a seção desportiva, viu que ele lhe sorria.

— Porque está com esse ar tão alegre, Dr. Webster? — perguntou, sorrindo também.

— Por sua causa e por tudo isto — respondeu Bill, com um gesto em direção ao vale.

Durante aquele fim de semana, tivera a sensação de estarem em lua-de-mel. Em alguns dos aspectos mais importantes, ela agora pertencia a ele e Jack ia desaparecendo lentamente no nevoeiro. E, embora parte dela ainda quisesse se agarrar a Jack, como sempre aconteceria, Liz sabia que tinha de ir em frente e Bill era um companheiro maravilhoso.

— O que vamos fazer depois disto? — perguntou então ele, suavemente.

— O que você quer dizer com isso? — Liz pareceu preocupada com o teor da pergunta dele.

Eram palavras que ainda não estava pronta para ouvir e ele sabia, mas não foi capaz de ficar calado; tinha aquela idéia em mente desde o princípio.

— Não temos que fazer nada — respondeu ela, nervosa.

— Mas talvez fosse bom. Você acha cedo demais para falar no assunto, Liz?

Tinham feito amor de novo no dia anterior, à noite, em frente da lareira, e nessa mesma manhã. Eram incrivelmente compatíveis e custava a crer que tivessem esperado tanto tempo, quando parecia que era realmente o que ambos queriam; nem valera a pena fingir.

— Nunca pensei que chegaria a dizer isto, mas acho que devíamos casar — continuou Bill, sentindo-se de repente jovem e desajeitado, mas tão apaixonado que não queria perdê-la. Mas ela ficou chocada. Nunca esperara ouvi-lo dizer uma coisa daquelas, completamente estranha à sua maneira de ser.

— Pensei que você não acreditava no casamento — observou Liz, assustada com o que ele acabava de dizer.

— E não acreditava antes de conhecer você. Acho que, em algum lugar no meu coração, sempre esperei que isto acontecesse um dia e não queria gastar as

minhas fichas bilhete com alguém que não desse certo, como a minha primeira mulher. Quase acabamos um ao outro.

Aquilo, pelo menos aos olhos dele, era perfeito e ela conseguia imaginar uma ligação duradoura, talvez para sempre, mas ainda não estava pronta para dizer isso. Era cedo demais e as recordações de Jack muito recentes. Ainda não passara um ano, embora faltasse pouco.

— Eu não quero estragar as coisas por falar nisto agora, Liz, mas queria que você soubesse que estou pensando nisso.

Ela não era mulher para ser encarada com displicência e tinha os filhos para considerar. Bill pensara muito neles e sabia que podia vir a amá-los. Já gostava muito de Jamie e tinha uma forte ligação com Peter. Quanto às garotas, pensava que acabariam por aceitá-lo. Nunca tivera problemas em conquistar mulheres e crianças, quando lhe interessava, e naquele caso interessava-lhe mesmo.

— Não sei o que dizer. Jack morreu há onze meses, não é muito tempo, e eu preciso de mais algum para me reajustar e retomar a minha vida. E as crianças também.

Ela tinha amigas que saíam com homens durante anos sem que eles as tomassem a sério ou as pedissem em casamento e a ela isso acontecia logo no primeiro fim de semana passado com Bill.

— Eu sei e não tenho pressa. Sei como este ano é importante para você — Liz falava muito nisto, era uma data que ela obviamente respeitava, assim como os filhos e ele devia respeitá-la igualmente. — Tinha esperança de que pudéssemos falar nisto outra vez em janeiro, depois das férias, para ver como você reage. Pensei no Dia de São Valentim...

Liz sentiu um baque no coração. O Dia de São Valentim tinha significado tanto para ela e para Jack! Mas muitas outras coisas eram também importantes e haviam desaparecido, exceto os filhos.

— Isso já é daqui a três meses! — replicou ela, com uma expressão de pânico, embora fosse muito agradável ouvi-lo falar assim.

— Então já nos conheceremos a seis meses. É rápido, mas aceitável. Muita gente namora durante muito menos tempo e tem casamentos muito felizes.

Liz sabia que era verdade, mas ela e Jack tinham namorado muito tempo e não estava preparada para o que Bill lhe dizia. Não que fosse contrária à idéia, mas precisava de tempo para pensar. Nesse momento o médico olhou para ela com tudo o que sentia expresso no olhar e declarou:

— Eu faço o que você quiser, Liz. Só quero que saiba como amo você.

— Eu também amo você e sinto que fui muito afortunada. Há pessoas que não têm sorte nem uma vez e eu fui abençoada duas, mas continuo precisando de tempo para assimilar o que está acontecendo.

— Eu sei e não estou apressando você. Só queria saber se, na hora certa, você quer o mesmo futuro que eu.

— Acho que sim — respondeu ela com um sorriso tímido. Depois, respirou fundo e deixou-se comandar pelas emoções durante um momento. — Só preciso de tempo para chegar lá. Falaremos no assunto depois do Natal — queria respeitar essa data por causa de Jack, por si mesma e pelos filhos.

— Era tudo o que eu precisava saber — disse ele suavemente, pegando-lhe a mão. — Adoro você e não tenho pressa; temos todo o tempo do mundo para resolver isto. Desde que ambos queiramos o mesmo, está tudo certo.

Era razoável, bom e compreensivo. Ela não podia exigir mais de um homem e nem mesmo tinha certeza se Jack seria assim tão compreensivo. O marido mostrara-se muito mais impaciente e teimoso, muito menos disposto a aceitar a vontade dela. Na maior parte das vezes era ele quem determinava a velocidade e a direção na vida de ambos. Em certos aspectos existia mais participação com Bill, o que agradava a Liz.

Voltaram para Tiburon lentamente nessa tarde e as crianças estavam todas em casa quando chegaram. Ela viu Megan erguer uma sobranceira quando saía do carro de Bill, mas ninguém disse nada até à noite, quando os mais novos já estavam na cama e Peter trabalhava no quarto.

— Por que veio no carro do Bill? — perguntou Megan, enfrentando finalmente a mãe. — Passou o fim de semana com ele?

Liz hesitou um instante, mas depois acenou com a cabeça. Se ela ia casar com ele, e tudo indicava que sim, queria ser honesta com a filha.

— Passei, sim. Estivemos em Napa Valley.

— Oh, mãe! Isso é nojento! — exclamou Megan.

— Por quê? Ele gosta muito de mim e eu dele. O que tem isso de errado, Meg? Não fazemos mal a ninguém e acho que nos amamos — mas a dose era grande demais para a filha engolir.

— E o paizinho? — perguntou a jovem, com lágrimas nos olhos.

— O paizinho já não está conosco, Meg. Amei-o com todo o meu coração e sempre vou amá-lo, mas isto não é a mesma coisa; é diferente para mim e para todos nós e não vou ficar sozinha para o resto da vida. Tenho direito de ter alguém ao meu lado.

— Isso é doentio! — gritou Megan, indignada. — Ainda nem passou um ano desde que o paizinho morreu. Nunca pensei que a mãe fosse uma prostituta!

Os olhos dela faiscavam e Liz levantou-se furiosa. Nunca batera na filha, nem pretendia fazê-lo naquela altura, mas não podia consentir em tal comportamento.

— Não fale comigo dessa maneira. Vá para o seu quarto imediatamente e fique lá até aprender a ser bem-educada. Se você quer falar neste assunto comigo, tudo bem, mas não pode faltar-me ao respeito.

— Não tenho motivos para respeitá-la — declarou Megan com ar importante, já perto da porta, que fechou com força.

Correu então para o quarto de Peter a fim de lhe contar, mas em vez de

concordar com ela, o irmão chamou-a de megera e disse-lhe que tinha que pedir desculpas à mãe.

— De que lado você está, afinal? — perguntou-lhe Megan.

— Do dela — respondeu Peter firmemente — porque tem feito tudo por nós e gostava do pai tanto como nós. Mas está sozinha, sem ninguém que a ajude ou cuide dela, trabalha como uma escrava por todos nós e para manter o escritório do pai funcionando. Além disso, o Bill é um cara legal e eu gosto dele. Podia ser bem pior, por isso se você quer saber de que lado eu estou, estou do deles e não me peça aprovação quando você faz essa droga com a mãe.

— Você é um bobalhão! — gritou Megan, com os olhos cheios de lágrimas. — Ela tem a nós, não precisa de um tipo qualquer para dormir!

— A mãe não pode dormir com o Jamie o resto da vida. O que vai acontecer quando formos todos para a faculdade? Eu vou no próximo ano e você daqui a dois. E depois? Ela tem de ficar aqui sentada esperando que voltemos para casa para ter outra vez uma vida? A mãe não a tem sem o pai, Meg. Olhe para ela! A única coisa que faz é trabalhar... até de motorista. Merece algo melhor e você sabe disso perfeitamente.

— Não tão cedo — respondeu a irmã, arrasada pelas palavras de Peter. Deitou-se na cama dele e desatou a chorar. — É muito cedo. Não posso aceitar ainda. — O irmão sentou-se ao lado dela e abraçou-a; amadurecera muito durante aquele ano e mais ainda desde o acidente na piscina e ambos tinham consciência disso. — Sinto falta do paizinho... — soluçou Megan, parecendo Jamie.

— Eu também eu, mas com Bill ou sem Bill, nada mudará e temos que aceitar o que aconteceu — respondeu Peter, lutando contra as lágrimas, pois por muito que tivesse amadurecido ou por mais sensato que fosse, ele também sentia a falta do pai.

— Não quero!... — soluçou ela, sujando-lhe a camiseta com a pintura dos olhos. — Quero que ele volte...!

Peter não encontrou palavras para lhe responder, por isso limitou-se a abraçá-la, deixando-a chorar, ambos com o pensamento no pai. Por fim falou bastante com ela, quando a viu mais calma e Megan foi pedir desculpa à mãe. Parou à porta do quarto e abriu-a sem bater.

— Eu não gosto dele, mas peço desculpas pelo que disse a seu respeito — era o melhor que podia fazer e a mãe aceitou a desculpa com expressão séria.

— Sinto muito que você se sinta tão infeliz, Meg. Eu sei que isto não é fácil.

— Mas não sabe como é para nós. Agora tem a ele — replicou a jovem, acusando-a mais uma vez, e Liz suspirou.

— Estar com o Bill não me faz ter menos saudades do paizinho, às vezes sinto ainda mais. Isto não é fácil para vocês nem para mim e sei perfeitamente o que significa. — Estava melhorando para todos, mas muito lentamente.

— A senhora gosta mesmo dele, mãe? — perguntou Megan, ainda horrorizada

com o que a mãe dissera e desejando nunca ter ouvido tais palavras.

— Acho que sim — respondeu Liz com sinceridade — mas preciso de tempo para entender bem isso. Ele é um amor de pessoa, é tudo quanto sei por enquanto e ainda tenho uma série de coisas a resolver comigo mesma sobre o paizinho.

— Parece que quer esquecê-lo — disse Megan tristemente.

— Eu nunca vou esquecê-lo, Megan. Faça o que fizer, vá para onde vá... Amei-o durante metade da minha vida e tivemos a todos vocês... Depois aconteceu aquilo. Não foi justo para nenhum de nós, mas temos de enfrentar a realidade da melhor maneira possível e seguir em frente, como ele iria querer.

— Está dizendo isso só para se sentir melhor.

— Não, é porque acredito que é assim mesmo.

Megan limitou-se a abanar a cabeça e foi para o quarto. A mãe tinha-lhe dado muito em que pensar e ela nem mesmo queria partilhá-lo com as irmãs.

Quando a filha a deixou sozinha Liz abriu a caixa das jóias que guardava no roupeiro, e tirou a aliança que Jack um dia lhe colocara no dedo, sentindo que arrancava, ao mesmo tempo, o coração, mas sabia que chegara a hora. Peter reparou nisso logo de manhã, mas não comentou com a mãe ou com os irmãos, embora até ele ficasse triste.

Nas duas semanas seguintes, sempre que Bill ia buscar a mãe, Megan mostrou-se ligeiramente mais respeitosa. Não lhe disse muita coisa, mas também não foi malcriada e Liz sentiu-se grata, pois era o máximo que podia esperar no momento. De todos, Jamie e Peter continuavam os simpatizantes mais entusiastas do médico.

Liz e Bill passavam muito tempo juntos; a maior parte das vezes em casa dele e faziam amor sempre que o médico tinha tempo e não estava trabalhando. Às vezes passavam a noite juntos quando ele ficava de plantão o que, com frequência, o obrigava a saltar da cama e atender ao telefone, mas Liz nunca protestou. Respeitava profundamente o trabalho dele, mais do que o dela própria. Ultimamente vinha repetindo com frequência que o tipo de advocacia que praticava a deprimia e já não parecia gostar do que fazia. Fora divertido com o marido, mas já não era, parecia-lhe frívolo e argumentativo e, sobretudo, sem termos. A única coisa de que gostava nos últimos tempos era de estruturar bons termos de tutela para os filhos dos clientes.

— Pensando bem, acho que estou perdendo o jeito; já nem gosto de ir ao tribunal — comentou Liz um dia, quando se encontraram no refeitório do hospital.

Acabava de vir do tribunal e estava furiosa com um cliente que se portara como uma besta com a mulher diante do juiz. Sentira-se até tentada a abandonar o caso, mas não o fizera.

— Talvez esteja precisando de férias — observou Bill. Só tirara duas semanas no ano anterior e trabalhara fins de semana e noites, dando conta das tarefas de dois.

— Talvez devesse matricular-me num curso de esteticista e depois arrumar emprego num salão de beleza. Quem sabe se não era mais útil?

— Não seja tão dura consigo mesma — replicou Bill sorrindo, mas Liz continuou desmotivada.

— O Jack adorava este tipo de trabalho, era muito mais o gênero dele. Eu só me especializei neste ramo para acompanhá-lo, mas agora não sei...

Era uma das melhores advogadas de divórcios na região e custava a crer que não gostasse do que fazia. Os clientes teriam ficado boquiabertos com o que Liz estava dizendo, pois parecia sempre enérgica, cheia de idéias brilhantes e sugestões criativas! Contudo, ultimamente sentia-se como um boneco com as pilhas fracas. Já não gostava do seu trabalho e não se sentia feliz, embora achasse que tinha de continuar, pelo marido.

Perguntou a Bill o que ia fazer no Dia de Ação de Graças. Já tinham falado nisso uma vez, mas ele ainda não sabia se estava de serviço. Mas poucos dias depois verificou que não, nem mesmo ficaria de plantão, podendo assim fazer o que quisesse.

— Porque não o passa conosco? — perguntou Liz com naturalidade.

Os filhos estavam se habituando a ele e talvez fosse uma boa maneira de se habituarem ainda mais. Todos adoravam aquele dia ou pelo menos tinham adorado quando o pai era vivo. Liz sabia que ia ser diferente naquele ano tanto para as crianças como para ela e tentando diminuir a tensão, convencera a mãe a não vir passar o dia com eles.

Apesar de tudo, não previa a reação dos filhos quando lhes disse que Bill estaria presente. Megan teve um ataque, Rachel e Annie disseram que ele não era da família e que não fazia sentido que estivesse com eles e até Jamie pareceu ficar ligeiramente surpreso. Discutiu com Peter a hipótese de pedir a Bill que não viesse, mas ele achou que isso não era correto e que talvez fosse agradável recebê-lo. Liz acabou por não lhe contar a reação dos filhos, esperando que eles se habituassem à idéia e se portassem bem, mas quando o dia chegou, percebeu depressa que tal esperança fora infundada, pois as três meninas ainda estavam muito zangadas com ela.

Bill entrou com calças cinzentas, casaco de *tweed* e gravata vermelha. Liz vestira calças e casaco de veludo castanho. Os filhos também estavam impecáveis, Peter com o terno usado no enterro do pai e Jamie de calças cinzentas e *blazer*. Formavam um belo grupo e enquanto servia vinho a Bill, Liz sentiu-se de repente satisfeita por ele estar ali. Percebeu que a mesa lhes pareceria vazia sem Jack e que a celebração teria sido mais uma lembrança enlutada. A presença de Bill obrigava-os a fazer cara alegre e a falar com ele e entre si.

Sentaram-se à mesa às cinco da tarde como sempre e ela agradeceu a Deus as muitas bênçãos compartilhadas, as pessoas sentadas àquela mesa e os

ausentes, especialmente Jack. De cabeça baixa e em silêncio, ouviram as palavras dela. Apenas Megan olhou incisivamente para Bill Webster. Então Liz disse “Amém” e levantou-se para ir à cozinha com Peter, para buscar o peru.

O rapaz sentara-se à cabeceira da mesa e isso recordou a todos que as coisas tinham mudado; o rosto novo ao lado de Liz acentuava o fato.

A ave era magnífica e Liz cozinhará-a com perfeição. Carole estava fora naquele fim de semana e as filhas tinham ajudado a fazer o recheio. Rachel, em particular, gostava de culinária e Jamie também ajudara, mas ao tentar trincar o peru, Peter provou ser totalmente incapaz, e Liz nunca dominara essa arte. Bill levantou-se e aproximou-se da cabeceira da mesa com um sorriso.

— Eu ajudo você, filho — disse ele amistosamente. Estava adorando a cena familiar em volta da mesa. Há anos que não celebrava o Dia de Ação de Graças, estava sempre trabalhando, mas a sua frase atingiu o coração de Megan como uma espada e ela falou tão baixo que mal se ouviu, mas suficientemente alto para Bill.

— Ele não é seu filho — disse ela num tom venenoso e o médico, surpreendido olhou primeiro para Liz e depois se voltou para a jovem.

— Desculpe, Megan, não quis ofender.

Fez-se um profundo silêncio enquanto ele trinchava o peru, o que conseguiu com toda a perícia. Liz distribuiu os pratos e começou a falar um pouco demais e muito alto, para compensar o momento desagradável. Porém, quando Bill voltou a sentar-se, os ânimos pareciam ter serenado.

Foi uma refeição mais sossegada do que habitualmente. Era o primeiro Dia de Ação de Graças que passavam sem o pai e todos estavam conscientes do sofrimento que ia ser o Natal que se avizinhava.

Bill perguntou se já tinham feito as compras habituais e todos ficaram com uma expressão tristonha. Não era um grupo fácil, mas Jamie acabou conseguindo fazê-los rir com alguma coisa que disse e Annie lembrou o ano em que o pai deixara cair o peru no chão da cozinha enquanto o trinchava e ninguém contara à mãe. Ela nunca soubera que o bicho andara patinando antes de servi-lo.

Bill riu com eles e Liz encheu-lhe o copo de novo e então, quando Rachel a ajudou a levar os pratos vazios para a cozinha, disse em voz alta que o médico bebia demais e Bill ouviu.

— Não faz mal, Rachel, hoje não tenho que trabalhar — replicou ele com um sorriso bem humorado.

Ela não reagiu e Bill continuou a conversar com Jamie. Era evidente que não estava embriagado, mas bebera três copos de vinho e parecia tranquilo e contente, falando de futebol com o garoto.

— O pai detestava futebol — declarou Megan malcriadamente, para provocá-lo e todos tiveram consciência disso.

— Que pena, Megan! É um grande esporte. Eu jogava na faculdade.

— O pai dizia que só os brutos e os imbecis é que jogam futebol — insistiu ela, passando dos limites, e Liz interveio rapidamente.

— Já chega, Megan!

— Chega mesmo, mãe! — gritou ela atirando o guardanapo e levantando-se com os olhos cheios de lágrimas. Por que ele tem que estar aqui conosco? Não é nosso pai, é só seu namorado!

Os irmãos ficaram chocados e Liz tremia quando lhe respondeu:

— O Bill é um amigo e hoje é Dia de Ação de Graças. E isso significa precisamente amigos em volta de uma mesa, agradecer a Deus e darmos as mãos com amizade.

— É só isso que faz com ele? “Dão as mãos”? Aposto que é muito mais do que isso e que o paizinho a odeia! — insistiu Megan, que subiu depois a escada correndo e se enfiou no quarto, batendo a porta.

Peter pediu desculpas por ela, mas Rachel e Annie também abandonaram a mesa. Jamie aproveitou então para se servir de torta de maçã enquanto ninguém via. Parecia boa demais para não ser comida e os outros, aparentemente, não tinham intenção disso.

— Ora bolas para os feriados em família... — lamentou-se Bill, com uma expressão amarga, diante do olhar desolado de Liz.

Ela percebia que tinha sido ambiciosa demais ao convidá-lo e incluí-lo na família. Não ia ser tão fácil como esperara. Na realidade compreendia perfeitamente que seria um pesadelo.

— Eu vou lá falar com ela — disse Peter, envergonhado por todos e depois se dirigiu a Bill: — Peço desculpas pelas minhas irmãs.

— Não se preocupe, eu compreendo — mas a verdade era que ele não compreendia e então olhou para Liz, tenso e amargo, vendo-a limpar os olhos com o guardanapo.

— Acho que é mais duro para elas do que eu pensava — reconheceu ela.

— Para mim também não foi exatamente um piquenique, Liz — respondeu Bill francamente. — O papel de intruso não me serve, acho eu. Estão reagindo como se eu fosse um assassino ou como se tivesse culpa da morte do pai.

Sentia o ego ferido e os seus sentimentos haviam sido severamente atingidos pelas filhas dela. Além disso, não tinha em quem se desforrar além dela.

— Você tem que compreender como é difícil para elas. É o primeiro Dia de Ação de Graças sem o pai — disse Liz.

Todos pareciam culpá-la: Bill e três dos filhos. Só Jamie continuava a comer como se nada fosse com ele e não havia ninguém mais à mesa.

— Eu sei, Liz, mas não é por culpa minha! — protestou ele levantando a voz, o que fez Jamie olhá-lo consternado.

— Ninguém disse que era, mas você está aqui e ele não. É tudo por minha culpa. Não devia ter dito a você que viesse — criticou-se Liz ainda chorando e

Jamie observou-os em silêncio.

— E no próximo ano? Pode descansar que eu arrumo um jeito de trabalhar setenta e duas horas seguidas no hospital na ocasião do Dia de Ação de Graças. É evidente que não vou ser bem-vindo aqui, pelo menos até as suas filhas saírem de casa — estava dominado pela ira.

— O senhor vem aqui no Dia de Ação de Graças do próximo ano? — perguntou Jamie, interessado.

— Eu estava pensando em vir, mas agora já não sei — respondeu Bill bruscamente, mas depois se odiou por responder mal à criança, estendeu a mão e tocou na de Jamie. Em um tom de voz normal para não assustá-lo, disse: — Desculpa... Eu estou só aborrecido.

— A Megan foi malcriada para com a mãe — observou Jamie com toda a naturalidade. — E a Annie também. Elas não gostam do senhor?

Parecia com pena do amigo e Liz viu Bill contrair os maxilares antes de responder.

— Acho que não gostam e o problema é esse, não é? — A pergunta era dirigida a Liz, que desejou desesperadamente poder tranquilizá-lo. — Percebo que não sou *persona grata* nesta casa e estou tentando me enganar ao pensar que alguma vez será diferente. Como Megan disse tão claramente no princípio da refeição, eu não sou o pai delas e nunca serei.

— Mas ninguém espera que seja — retorquiu Liz no tom mais calmo que conseguiu arranjar. — Você só tem que ser amigo. Ninguém espera que ocupe o lugar do Jack — continuou, lutando contra as lágrimas, diante do olhar irado dele.

— Talvez eu esperasse e esse seja o problema. Talvez eu estivesse me iludindo pensando que podia ser importante para você e para eles, em vez de um intruso sempre em segundo lugar em relação a ele. Que foi que a Megan disse, “um bruto e um imbecil”?

— Ela estava provocando você...

A sua lealdade era para com os filhos, mas também devia lealdade a ele; era uma situação muito difícil para ela.

— E consegui com perfeição! Olha, sabe que mais? Acho que vou dar um alívio a todos e a mim também. Chegou a hora de voltar para o trabalho — declarou ele, pousando o guardanapo em cima da mesa e levantando-se.

— Pensei que você não trabalharia hoje — replicou Liz, confusa e aborrecida, pois Bill tinha-lhe dito que estava de folga e fora assim que tudo começara.

— Seja como for eu vou para o hospital, pelo menos lá sei o que faço. Parece-me que os ambientes familiares, sobretudo nestes dias especiais, não são o meu forte.

Na verdade, comportara-se perfeitamente bem, mas as cartas estavam contra ele e Bill sabia disso; fora uma situação impossível desde o início. Olhou para Liz e nenhum dos dois se moveu, mas ela não ignorava que ia acontecer uma coisa

terrível e que ambos tinham receio de traduzi-la por palavras.

— Obrigado pelo jantar, Liz. Eu telefono depois. — e, sem mais, saiu e fechou a porta com força, deixando-a de olhos postos nela.

Jamie levantou o rostinho para a mãe, com o prato vazio, e comentou a situação à sua maneira:

— Ele se esqueceu de me dizer tchau. Está zangado comigo?

— Não, querido, é comigo. As suas irmãs foram muito malcriadas com ele.

— A senhora vai bater nelas? — perguntou Jamie, o que provocou um sorriso em Liz.

Nunca lhes tocara e não tinha intenção de começar na idade delas, mas a sugestão era tentadora.

— Não, mas bem precisavam.

— O Papai Noel vai pôr carvão nas meias delas — declarou Jamie em tom solene, o que provocou novo sorriso da mãe.

Mas pensar no Natal a fazia tremer, era o aniversário da morte de Jack e percebeu que em nenhuma circunstância poderia incluir Bill no que fizessem. O Dia de Ação de Graças que acabavam de passar ensinara-lhe uma dolorosa lição.

Tirou as louças da mesa com a ajuda de Jamie e depois subiu para falar com as filhas. Peter estava com elas e era evidente que Megan estivera chorando.

— Eu o detesto! — exclamou ela imediatamente para a mãe, mas Liz conseguiu manter-se calma apesar dos estragos feitos pela filha, porque percebia o que estava por trás daquilo.

— Não me parece, Meg. O que tem ele para você detestá-lo? É um homem bom, apesar de ter jogado futebol na faculdade. O que você detesta é o fato do teu pai ter morrido, e eu também, mas nada podemos fazer a esse respeito e a culpa não é do Bill. Não devia tê-lo convidado hoje, é apenas isso.

Peter tocou-lhe no braço, com um sorriso meigo. Admirava-a muito. Era sempre honesta com eles e o rapaz sabia que os adorava e, no seu caso pessoal, a dedicação de Liz redobrava desde o acidente na piscina. Lamentava, por ela, que o jantar tivesse sido um desastre tão grande e que Bill fosse o bode expiatório de Megan. Tal como a mãe, entendia perfeitamente o que acontecera, melhor até do que Bill. Em sua opinião o médico tinha reagido mal e disse isso a Liz, acompanhando-a até à porta do quarto.

— Não sei se posso censurá-lo, elas foram muito duras e Bill não está habituado. Nunca teve filhos e há muito tempo que não é casado... Acho que ficou ofendido e pensa que não consegue chegar aos pés do seu pai.

— Dê-lhe tempo. Elas acabarão se habituando a ele — e sorriu esperançoso.

— Espero que sim.

Ficou deitada na cama durante muito tempo, no escuro, sem se despir, pensando em Jack, em Bill e nos filhos. Era uma situação complicada e ela tinha

o seu próprio desgosto e os seus sentimentos, apesar de raramente ter tempo para eles, ocupada como sempre estava com os das outras pessoas. Começou a chorar, ao pensar no marido e na saudade que tinha dele. Jack deixara um enorme vazio e, às vezes, parecia que não tinha nenhum modo de preenchê-lo. Amava Bill, mas não do modo como adorara Jack, pelo menos, não ainda, embora pensasse que talvez um dia... Mas seria sempre diferente, porque eram pessoas diferentes.

O telefone tocou e Liz estendeu a mão sem acender a luz. Era Bill, muito tenso. Não parecia melhor do que ao sair da casa e, na realidade, parecia até pior, mas disse que precisava falar com ela.

— O que é? — perguntou Liz de olhos fechados, ainda com saudades do marido e sentindo-se mal com o que acontecera. Parecia-lhe ter a escalada do Everest pela frente, apesar de ter começado a escalar onze meses antes.

— Lamento Liz, mas não sou capaz. Estive pensando e não sei o que me aconteceu. Acho que enlouqueci temporariamente. Conheci você, me apaixonei e a sua família parecia tão saudável vista de fora e você tão vulnerável, que caí na ratoeira. Mas não é para mim e quero sair dela.

— O que está dizendo? — perguntou ela com os olhos muito abertos olhando para a escuridão; mas sabia, ele fora bem claro, ela é que não queria ouvir.

— Estou dizendo que cometi um erro e que acabou. Eu amo você e os seus filhos são fantásticos, mas não sou capaz. A Megan fez-nos um grande favor, podíamos ter levado meses ou até anos para ver isto com nitidez. Tudo ficou claríssimo assim que saí daí. Fui correr e tudo se esclareceu no meu espírito. Enlouqueci temporariamente, mas agora estou lúcido... Liz... lamento... mas acabou.

Não encontrou palavras para responder, ficou ali deitada sentindo-se como se alguém a tivesse atingido no peito, deixando-a sem respiração. Incapaz de falar só conseguia lembrar-se das ondas de pânico que a tinham dominado quando o marido morreu. E agora ia perder Bill, antes de ter tempo para se habituar a ele, para deixá-lo entrar melhor no coração. Já estava lá, mas queria sair. Tudo acabado. Num golpe cruel o tinha perdido. Obrigada, Megan.

— Não quer pensar um pouco no assunto? Você entrou em pânico e se sente magoado, mas elas acabarão se habituando a você, eu tenho certeza. Só preciso de tempo — insistiu Liz tentando convencê-lo, como faria com um dos filhos.

— Não vale a pena, Liz. Isto não é o que eu quero, vejo agora com toda a clareza e acho que devemos ambos dar graças a Deus. — Mas ela não se sentia grata, pelo contrário, estava destruída. — Eu ligo daqui a alguns dias para saber de você. Lamento de verdade, mas tem que ser assim. Eu sei.

Como sabia? E o que sabia? Duas das filhas dela haviam sido malcriadas com ele, mas não passavam de crianças com saudades do pai.

— Por que você não se acalma e falamos disto depois?

— Não há mais nada para falar — insistiu ele, parecendo realmente em pânico.

— Estou fora, Liz, já disse que acabou. Você tem que entender.

Por quê? Por que ela tinha que aceitar o mau comportamento de todos eles? Por que precisava arranjar desculpas para os filhos e para ele? Os filhos perdiam, mas ela perdia também, e muito mais.

— Eu amo você — disse com clareza, antes que as lágrimas a sufocassem.

— Isso vai passar, e para mim também. Não quero outro divórcio e você não arruma mais dores de cabeça. Já tem suficientes sem mim. Pode dizer às meninas que fiquem tranquilas porque o imbecil está fora das vidas delas. Podem começar a festejar — falou com amargura, como se fosse uma criança petulante e Liz sentiu-o totalmente inacessível.

— O Jamie adora você e o Peter também. O que vou lhes dizer?

— Que nos enganamos e percebemos o erro antes que fosse tarde demais. Vai ser um alívio para eles e para nós também. Agora vou desligar, Liz. Não tenho mais nada para dizer. Adeus.

Despediu-se com uma determinação que a deixou ofegante e desligou antes que ela pudesse abrir a boca.

Continuou deitada no escuro, com o telefone na mão e quando o largou ela chorava. Não podia acreditar no que acabava de acontecer. De repente, Bill ficara “lúcido” e estava tudo acabado. Sentiu vontade de lhe dar umas boas sacudidas, mas nem mesmo se sentia zangada com ele, apenas desanimada. E dessa vez chorou até adormecer, mas não pelo marido e sim por Bill Webster.

CAPÍTULO II

Liz arrastou-se durante os dias que se seguiram ao fiasco do Dia de Ação de Graças, sem contar que Bill a deixara, nem mesmo a Victoria quando falaram ao telefone e muito menos à mãe, que faria certamente uns quantos comentários desagradáveis. Ela dissera que achava um disparate convidá-lo nessa ocasião e Liz pensara que fora por ciúmes por ter sido preterida, embora tivessem falado na sua vinda no Natal.

Depois do feriado o aspecto de Liz era pior do que nos últimos meses. Estava triste, cansada e irritada com os filhos. No princípio tanto Carole como Jean pensaram que era por causa do período festivo que se aproximava e das recordações a ele ligadas, mas foi a secretária quem compreendeu finalmente o que acontecera. Bill deixara de telefonar.

— Vocês dois discutiram? — perguntou ela com dificuldade, quando a advogada voltou do tribunal na semana a seguir ao Dia de Ação de Graças.

Liz olhou-a com uma expressão sombria, acentuada pelas olheiras fundas. Tinha perdido peso e dormia ainda menos do que anteriormente.

— Ele deixou-me. As meninas o trataram como um cachorro no jantar do Dia de Ação de Graças, pelo menos a Megan e a Annie, e foi demais para ele. Foram realmente muitíssimo malcriadas, mas aparentemente Bill só precisava disso para se convencer de que era tudo um erro terrível e de que o nosso romance não passava de uma loucura temporária. Há duas semanas, pediu-me que casasse com ele no Dia de São Valentim, mas nem chegamos ao Natal.

— Talvez tenha entrado em pânico — disse Jean cautelosamente.

Não via Liz tão mal há meses, o que a preocupava. Parecia desesperadamente infeliz e a sessão no tribunal não corraera bem nesse dia. Tinha perdido o caso, o que parecia ter aumentado a sua depressão, mas a verdadeira questão era Bill.

— Ele vai voltar, Liz, deixe-o se acalmar por uns dias — concluiu a secretária.

— Não acredito nisso. Acho que estava falando sério.

E ficou com certeza absoluta quando lhe telefonou no fim de semana e ele não retornou a chamada. Detestando-se pelo que estava fazendo, pediu que o chamassem e depois de algumas horas, Bill ligou finalmente e disse que estivera ocupado com uma emergência, mas o seu tom de voz era distante e gelado.

— Só queria saber se você estava bem — disse Liz, tentando falar com desenvoltura, mas era evidente que ele não parecia interessado em falar-lhe.

— Estou ótimo, Liz. Obrigado por ter telefonado. Olha, desculpe, mas tenho muito que fazer.

— Veja se me liga — pediu ela, sentindo que estava sendo patética, mas ele foi direto como sempre:

— Não me parece que seja boa idéia por enquanto. Precisamos curar nossas

feridas e nos recuperamos do que aconteceu.

— E o que aconteceu realmente? — perguntou ela insistente, percebendo imediatamente que ele não gostara da pergunta.

— Você sabe o que foi. Recuperei o bom senso. Não encaixo na sua família, Liz, e nem mesmo quero tentar. Você é uma grande mulher e eu a amo, mas a nossa ligação nunca daria certo. Pelo menos para mim. Você precisa encontrar outra pessoa quando você e os seus filhos se recuperarem da perda do Jack e isso pode levar um tempo.

Contudo não era em Jack que ela pensava nem pensara durante a última semana, era nele. Pela primeira vez em onze meses o marido parecia esfumar-se na distância e o sofrimento que Bill lhe infligira ao deixá-la era muito mais agudo e desolador.

— Se nos amamos realmente, podemos resolver a situação. Por que não tentamos?

— Por uma excelente razão: não quero. Não desejo casar nem ter filhos, principalmente os de outra pessoa e que não me toleram. Elas tornaram isso perfeitamente claro e eu recebi o recado.

— Acabariam por aceitar você.

Estava praticamente implorando, desejando não fazê-lo. Era humilhante, mas não se importava e sabia agora como o amava; só que parecia ser tarde demais. Ele nem mesmo lhe dava uma oportunidade para tentarem resolver o problema.

— Talvez aceitem alguém, mas não a mim. Além de que não quero mais. Arranje outro namorado, — foi uma frase dura, mas que a fez entender a mensagem.

— Eu amo você. Não estamos falando de generalidades, doutor.

— Não posso ajudar você — insistiu ele com frieza — e preciso voltar para o serviço. Tenho uma criança de cinco anos com uma traqueostomia à minha espera. Feliz Natal, Liz.

Estava sendo brutal, e Liz quis odiá-lo, mas não conseguiu, não tinha energia suficiente para isso. Sentia-se como se alguém a tivesse desligado da corrente desde o jantar do Dia de Ação de Graças e de fato alguém o fizera: ele.

Nessa tarde foi para casa triste e exausta e ficou pior quando Jamie levantou os olhos dos biscoitos de Natal que estava fazendo com Carole e lhe perguntou por Bill. Era uma pergunta interessante e não sabia como responder. Foi embora? Acabou? Já não gosta de nós? Era difícil encontrar as palavras certas para ele.

— Ele... tem muito que fazer, Jamie. Não tem tempo para nós neste momento.

— Ele morreu? — insistiu o garoto com uma expressão preocupada.

Na sua cabecinha, as pessoas que desapareciam estavam provavelmente mortas como o pai.

— Não, não morreu. Mas não quer ver-nos durante algum tempo.

— Está zangado comigo?

— Não, meu querido, não está.

— Ele prometeu que ia comigo empinar um papagaio de papel e nunca fomos, é um que ele fez quando era pequeno.

— Talvez seja melhor pedir um ao Papai Noel este ano — sugeriu Liz, esgotada.

Não havia muito mais que pudesse dizer ao filho. Bill Webster saíra da vida deles e ela nada podia fazer, nem implorar o traria de volta, ela sabia. Nem pedidos nem lisonjas, nem argumentos, nem carinho. Tentara tudo ao telefone e a única coisa que ficara bem clara era que ele não a queria. E contra fatos não havia argumentos, Bill tinha todo o direito de tomar essa decisão.

— Não é a mesma coisa se o Papai Noel me trouxer um — observou Jamie, triste. — O do Bill é especial porque foi ele quem fez.

— Talvez possamos fazer um também — comentou Liz, lutando contra as lágrimas.

Se ela conseguira treiná-lo para o salto em distância, talvez pudesse ensiná-lo a fazer um papagaio de papel. E que mais teria que fazer pelos filhos? Quantas pessoas ela precisaria ser para todos porque um louco matara Jack e Bill Webster decidira abandoná-la com um ataque de pânico? E por que motivo era sempre ela a juntar os cacos? Era algo que não lhe saía da mente.

Carole foi buscar as garotas minutos depois e Jamie deu-lhes a notícia assim que entraram em casa:

— O Bill nunca mais quer nos ver.

— Ainda bem — respondeu Megan, parecendo depois ligeiramente arrependida ao ver a cara infeliz da mãe.

— Isso que você está dizendo não é muito bonito, Meg — replicou Liz baixinho e parecia tão triste que a filha lhe pediu desculpas.

— Não gosto dele e pronto! — acrescentou.

— Você mal o conhece — disse Liz e Megan acenou com a cabeça.

Depois foi para cima com as irmãs, a fim de fazerem os trabalhos de casa. Só tinham mais três semanas até as férias de Natal, mas o espírito natalino estava ausente da casa e Liz sentiu-se desolada quando foi buscar as decorações.

Decidiu não colocar as luzes exteriores naquele ano como Jack costumava fazer. Enfeitaram apenas a casa por dentro e duas semanas antes do Natal foi com os filhos comprar uma árvore, mas ninguém se mostrou entusiasmado.

Nunca mais ouvira uma palavra de Bill e desconfiava de que as coisas iam continuar assim. Ele tomara uma decisão, pretendia mantê-la e Liz finalmente admitira isso para Victoria que ficou desolada e se ofereceu para levá-la para almoçar fora, mas Liz nem mesmo quis vê-la.

Conforme o Natal se aproximava, parecia que a casa ficava sob um peso e que todos mergulhavam em uma depressão. Ia fazer um ano que Jack morrera e, de repente, parecia que tinha sido na véspera. Os filhos falavam constantemente nele e Liz sentia-se jogada de um lado para outro, entre o sofrimento pela perda

de Bill e as recordações do marido. Passava a maior parte do tempo fechada no quarto e não receberam amigos. Recusou todos os convites para festas de Natal e pediu até que a mãe não viesse; disse-lhe que queria ficar sozinha com os filhos. Ela afirmou que compreendia, embora parecesse magoada, e que passaria o Natal com uma amiga viúva como ela.

As únicas coisas que Liz e os filhos fizeram foram enfeitar a árvore e assar vários tabuleiros de biscoitos de Natal enquanto ela rezava para que as férias acabassem depressa. Ainda pensou em levá-los para esquiar entre o Natal e o Ano Novo, mas ninguém estava com disposição e decidiram ficar em casa mergulhados nas recordações dolorosas.

Estava sentada na secretária na semana antes do Natal, quando recebeu uma chamada de uma cliente que parecia ofegante e lhe perguntou se podia ser recebida. Liz tinha tempo livre nessa tarde e disse-lhe que sim e o que ouviu quando a mulher chegou não lhe agradou. O ex-marido colocava em perigo a vida do filho de ambos, de seis anos, levando-o atrás de si na moto sem capacete e andando a toda a velocidade em auto-estradas, além de deixá-lo ir para a escola de bicicleta no meio do trânsito, mais uma vez sem capacete. A cliente queria que Liz lhe retirasse o direito de visita e para marcar bem a sua posição, pretendia exigir-lhe parte da empresa. Aquilo soou familiar a Liz, que imediatamente abanou a cabeça com firmeza.

— Isso não — replicou sem hesitar. — Vou pedir intervenção e estabelecer uma lista de coisas que ele não pode fazer com o seu filho, mas não vamos para o tribunal nem lhe atacamos a empresa.

Falou com tanta veemência que a cliente olhou para ela desconfiada.

— Por que não? — por instantes ela pensou que o marido a tinha contratado primeiro.

— Porque o preço é elevado demais — respondeu Liz simplesmente.

Perdera quase cinco quilos nas últimas três semanas e estava pálida e com ar cansado, mas parecia tão decidida que a mulher a escutou.

— Tive um caso como esse uma vez, embora não envolvesse crianças, mas a única maneira de obter a atenção do homem foi congelar seus bens.

— E deu resultado? — perguntou a mulher, esperançosa, pois aquilo lhe soava bem, mas não a Liz.

— Não, não deu. Ele matou a mulher e suicidou-se, mas primeiro matou o meu marido no Natal do ano passado. Se a senhora atacar o seu ex-marido com força demais, ele pode vingar-se na senhora ou no seu filho. E eu não concordo com isso.

Fez-se um longo silêncio, até que a mulher acenou concordando.

— Lamento muito.

— Obrigada. Eu também. Portanto o que vamos fazer é o que eu disse.

Definiram uma lista de atividades perigosas que não seriam permitidas e Liz

ligou, diante da cliente, para a mediadora nomeada pelo tribunal, mas esta se encontrava cheia de trabalho e só podia ocupar-se do caso no princípio de janeiro. Faltavam ainda duas semanas e pouco e Liz concordou em escrever uma carta de aviso, para ajudar.

— Não vai ter qualquer efeito — declarou a cliente. Se não lhe batermos com um martelo na cabeça, ele não entende.

— E se batermos, talvez a senhora e o seu filho venham a sofrer e eu sei que não é isso o que quer.

Era uma ameaça que fez a mulher abandonar o escritório sentindo-se desamparada, mas pelo menos Liz pensou que não pusera em risco a cliente ou a criança. Nessa tarde, quando chegou em casa, encontrou os filhos com mais disposição.

Tinha sido o último dia de aulas e Carole prometera levar os quatro mais novos para patinar. Peter ia jantar fora e ao cinema com a nova namorada e Liz preparava-se para aproveitar um serão calmo quando o telefone tocou, às nove e meia. A voz do outro lado estava histérica e precisou de um minuto para reconhecê-la: era a cliente que recebera nessa tarde, para quem marcara a intervenção judicial. Para lhe dar uma sensação de segurança, dera a ela o número de casa. A mulher chamava-se Helene e parecia quase incoerente.

— Acalme-se, Helene, e tente contar-me o que aconteceu.

Precisou de mais de cinco minutos para compreender. O ex-marido, Scott, levou o filho Justin para andar de moto nas colinas de São Francisco. Não sabia ao certo se estava bêbedo, mas era possível, e a criança não tinha capacidade quando foram abalroados por um caminhão. Justin tinha as duas pernas quebradas e sofrera traumatismo craniano, embora por milagre tivesse caído na relva, diante de uma casa. Estava nos Cuidados Intensivos do Hospital Infantil de São Francisco e o pai em estado crítico e em coma. A polícia tinha ido até a sua casa dizer-lhe. O único conforto para Liz era que, mesmo que tivesse concordado em levar o imbecil ao tribunal, o caso não teria ainda sido julgado, não se evitando, portanto, o que acabava de acontecer. Não fora por culpa dela, mas fosse ou não, o garotinho de Helene encontrava-se em perigo.

— Onde ele está agora? — perguntou Liz, levantando-se e pegando a carteira.

— Nos Cuidados Intensivos, no hospital.

— Tem alguém com você?

— Não, estou sozinha — disse a mulher soluçando. Era de Nova York e queria voltar para lá assim que o problema com o ex-marido estivesse resolvido.

— Estarei aí em vinte minutos — disse Liz, desligando sem esperar resposta.

Agarrou no casaco e saiu satisfeita por não ter ido patinar com os filhos. Sentira-se culpada por não acompanhá-los, mas estava cansada e deprimida e preferira ficar em casa.

Dezoito minutos depois estacionava o carro junto ao hospital e quando chegou

aos Cuidados Intensivos viu Helene soluçando nos braços duma enfermeira. Tinham acabado de levar Justin para lhe colocar parafusos nas duas pernas, mas a enfermeira contou que ele estava consciente e que a cabeça apresentava apenas uma leve concussão. A criança tivera muita sorte. Mas ali, sentada no hospital, enquanto esperava, Liz pensou em Bill e no que o médico estaria fazendo. Sabia que já não valia a pena pensar nele e que, depois de três semanas ele já não telefonaria mais. Tomara uma decisão e a mantinha. Bill era desse tipo e os problemas personificados por ela e pelos filhos eram complicados demais para ele.

Justin voltou do bloco cirúrgico pouco depois da meia-noite, ainda sedado, com as pernas engessadas até em cima, mas o médico garantiu que o garoto ficaria como novo e que dali a seis meses ou um ano ia tirar os parafusos.

Helene chorou enquanto o médico falava, mas estava mais calma do que quando Liz chegara. As duas tinham conversado durante horas sobre o que iam fazer e ela acabara por convencer Liz a levar o ex-marido ao tribunal, aplicando-lhe todas as restrições possíveis, mas a advogada queria que ela voltasse para Nova York. Helene era nova, tinha família lá e até um antigo namorado, que ainda lhe telefonava e falava em casar com ela. Liz queria que ela estivesse o mais longe possível do ex-marido.

— E depois... — interrompeu-se, olhou para Helene com um sorriso triste enquanto a mãe da criança a acompanhava até o elevador e lhe agradecia por ter-lhe feito companhia toda a noite e declarou: — E depois me aposento!

Disse aquilo com um suspiro de alívio. Era o que mais desejava. Estava absolutamente farta daquele tipo de advocacia e pensava no assunto há meses. Aquela tinha sido a gota d'água. Pensara novamente no assunto a caminho do hospital e então teve certeza.

— E o que vai fazer?

— Plantar rosas e ver televisão! Não, falando sério, farei uma coisa que me agrada realmente e na qual penso há muito tempo: defender os direitos das crianças. Fecho o escritório que partilhava com o meu marido e passo a trabalhar em casa. Durante o último ano, agüentei sozinha, mas não é o que quero fazer.

Ao dizer aquelas palavras ela tinha uma aparência melhor do que ultimamente e Helene agradeceu-lhe mais uma vez quando se despediram.

— Eu telefono assim que souber a data da audiência — disse Liz, já dentro do elevador, com um sorriso para a cliente.

Dirigindo-se ao carro, avançou com um passo mais rápido, segura de ter tomado a decisão certa. Pensou se Bill sentiria a mesma coisa ao dizer-lhe que estava tudo acabado. Talvez. Talvez ela fosse uma carga pesada demais para ele, assim como o escritório que partilhara com o marido se tornara para ela. Portanto tinha que respeitar a decisão de Bill, mas Liz tomara a sua finalmente naquela noite, de mãos dadas com Helene, que até parecia capaz de matar o ex-

marido pelo que ele fizera ao filho, por pura irresponsabilidade. O homem ainda estava em coma quando Liz saiu do hospital e havia possibilidade de ter lesões cerebrais, mas pelo menos a criança ia ficar boa e para ela isso era o mais importante.

Ela chegou em casa pouco depois da uma da manhã e encontrou todos deitados, exceto Peter, que acabava de entrar e ficou admirado por ver a mãe. Ela ultimamente só saía de casa para ir ao escritório ou ao tribunal, nunca à noite, desde que Bill desaparecera.

— Onde a senhora foi, mãe?

— Estive no hospital com uma cliente. É uma longa história.

Trocaram algumas palavras e ela foi deitar. Estava exausta, mas satisfeita com a sua decisão. Não tinha dúvidas de que era a certa.

Na manhã seguinte, assim que chegou ao escritório, ligou para o tribunal e marcou a data da audiência. Depois, telefonou a Helene para informá-la. Justin estava bem e ia para casa dali a alguns dias, mas quando Liz lhe falou na audiência, ela respondeu baixinho que não era preciso mais.

— Você não está se sentindo culpada por metê-lo em tribunal, não é? Nenhum juiz dará razão a um homem que leva um filho de seis anos na moto sem capacete. Agora pode usar isso como prova.

— Não é preciso.

— Por que não? — perguntou Liz sem entender, pois já tinha em mente o que ia dizer na audiência, marcada para a semana entre o Natal e o Ano Novo.

— O Scott morreu de uma hemorragia cerebral ontem à noite — disse Helene calmamente, embora parecendo triste, afinal ele fora seu marido e era o pai do seu filho.

— Ah... lamento — acabou por dizer Liz.

— Eu também... Odiei-o durante os últimos dois anos, mas sempre era pai do Justin. Ainda não lhe disse.

Aquelas palavras fizeram Liz fechar os olhos com força e recordar o que lhe acontecera.

— Sinto muito. Se eu puder ajudar em alguma coisa, ligue — disse ela, pensando que o garoto ficaria desolado, mesmo que a mãe não estivesse.

— Acho que você deve saber o que isso representa... para as crianças, quero dizer.

— Sei sim. Vai ser duro durante muito tempo. Nós ainda não nos recuperamos.

— Vou voltar para Nova York assim que o Justin puder viajar e ficarei na casa dos meus pais.

— Parece-me uma idéia muito boa.

Desligaram e Liz continuava pensativa quando Jean entrou no seu gabinete.

— O que foi que aconteceu? — perguntou.

Ouvira Liz dizer à cliente que lamentava e sabia que ela estivera lhe fazendo

companhia no hospital quase a noite toda. Ficou chocada quando soube do ocorrido.

— É incrível o que as pessoas fazem com os próprios filhos! — comentou a secretária.

— Tenho que lhe dar uma má notícia — começou Liz, sentindo-se culpada, mas estivera toda a manhã ganhando coragem para informar Jean da sua decisão. O que era bom para ela ia ser ruim para a outra e a própria Liz tinha pena de se separar dela. — Não sei como dizer isto, a não ser diretamente — que, aliás, era como dizia tudo, qualidade que Jean muito apreciava nela. — Vou fechar o escritório.

— Vai aposentar-se? — perguntou Jean espantada, embora sabendo que não tinha motivo para isso.

Liz agüentava uma incrível carga de trabalho desde a morte do marido e a secretária calculava que seria apenas uma questão de tempo até ela decidir que não podia mais. A verdade era que podia, mas não queria, não sem Jack, e não desejava arranjar outro sócio.

— Vou trabalhar em tempo parcial na minha casa e dedicar-me aos direitos das crianças. Era a única coisa de que eu gostava de verdade no nosso trabalho, detestava todas as lutas e truques, todas as ameaças e tolices. Isso era mais o estilo do Jack do que o meu. Preocupo-me com as crianças e é o que quero fazer agora.

Jean sorriu e foi até junto dela para abraçá-la.

— Faz muito bem! Este escritório estava matando você. Vai ser fantástica com os direitos das crianças.

— Espero que sim — disse Liz, que depois se mostrou preocupada e perguntou: — E você Jean, que vai fazer? Tenho pensado nisso toda a manhã.

— Também chegou a minha hora de amadurecer. Pode parecer loucura com a minha idade — tinha quarenta e três anos — mas quero estudar Direito.

Liz soltou uma gargalhada; era a solução perfeita.

— Olhe, não vá para o direito da família, que detestará com certeza!

— Quero especializar-me em direito criminal e depois trabalhar no gabinete do promotor público.

— Bravo! — exclamou Liz.

Calculava que precisasse de três meses para se libertar dos processos que tinha nas mãos e depois queria descansar algum tempo e contar a todos o que ia fazer. Merecia um intervalo e queria passá-lo com os filhos. Eles tinham sido pacientes durante o último ano, enquanto a mãe mantinha uma dúzia de bolas no ar, num malabarismo de longas horas e dias de trabalho. Sentia que lhes devia esse intervalo.

— Se me matricular agora, eu começo as aulas em junho, o que me dá também uns meses de descanso. Você vai ver que fará bem para nós duas —

comentou Jean, satisfeita. Sentiam-se como se tivessem envelhecido um século naquele ano, embora, pela aparência de ambas, ninguém o dissesse.

Liz continuava conversando com Jean quando Carole ligou e a secretária julgou perceber uma nota de pânico na voz dela, mas limitou-se a dizer quem era. Calculou que tivesse imaginado e que a governanta estivesse apenas cheia de trabalho, com as crianças todas em casa, de férias.

— Olá! Que aconteceu? — perguntou Liz, expansiva e descontraída, depois de ter tomado a sua importante decisão.

— Jamie — a maneira como ela disse aquilo recordou a Liz o verão anterior, Carole estava falando resumidamente.

— Que aconteceu? — perguntou Liz, invadida por uma onda de pânico.

— Estava tentando pendurar um anjo de papel que nós fizemos. Foi buscar a escada enquanto eu estava com a Meg e caiu. Acho que quebrou um braço.

— Droga! — faltavam cinco dias para o Natal e ouviu-o chorar. — É grave?

— O braço está numa posição muito estranha.

— Encontro vocês no hospital.

Pelo menos não era tão dramático como o que acontecera a Peter ou ao pequeno Justin na noite anterior, mas era a primeira vez que Jamie quebrava alguma coisa e ela sabia que o garoto devia estar assustadíssimo. Agarrou o casaco e a carteira e saiu correndo com Jean perguntando o que acontecera.

— Braço quebrado! — gritou Liz correndo pela escada. Parecia que ela nunca tinha um minuto para se sentar e aproveitar a vida. Mas afinal o que existia para aproveitar ultimamente? O Natal avizinhava-se como uma pedra prestes a cair-lhes em cima. Jack tinha partido e agora Bill também. Que Natal feliz!

CAPÍTULO 12

Liz foi a toda a velocidade até o hospital, como fizera na véspera por Helene, mas daquela vez no papel de mãe ansiosa e não de consoladora profissional; era ligeiramente diferente. Jamie continuava cheio de dores quando ela chegou e gritava cada vez que uma enfermeira tentava tocar nele. Liz sentiu-se agoniada ao ver o ângulo do braço dele. Não restavam dúvidas de que estava quebrado; a única questão era saber com que gravidade.

Procuravam convencê-lo quando Liz se aproximou, mas já haviam chegado à conclusão de que teriam que adormecê-lo antes de levá-lo para a cirurgia. O ortopedista fora chamado e Carole parecia desvairada e culpada.

— Sinto tanto, Liz... Tirei os olhos dele por cinco minutos...

— Não se culpe, podia ter acontecido comigo em casa.

Jamie às vezes fazia coisas assim, como todas as crianças e, por motivos óbvios, era um pouquinho menos sensato e seguro do que a maioria dos garotos da sua idade. Liz tentou acalmá-lo sem resultado, pois ele gritava tão alto que nem a ouvia. Tinha muitas dores e encolhia-se em cima da maca, sem deixar que tocassem nele. Era uma cena desoladora. Tentou novamente falar com ele, esgotada e nervosa e então ouviu uma voz conhecida atrás de si:

— Que está acontecendo aqui?

Voltou-se instintivamente e se deparou com Bill Webster. Ouvira a confusão, vira de longe o cabelo ruivo e não conseguira manter-se indiferente.

— O que aconteceu? — perguntou ele diretamente a Liz, sem nem mesmo cumprimentá-la.

— Caiu de uma escada e quebrou o braço — respondeu ela simplesmente, enquanto Bill avançava para Jamie, parando diante dele até ter certeza de que o garoto o via. Por um momento, os gritos diminuíram, transformando-se em soluços. Jamie olhou para o médico, com os ombros sacudidos pelo choro.

— Que aconteceu campeão? Estava treinando outra vez para os Jogos Olímpicos? Ainda não é hora, não sabia?

Estendeu suavemente a mão para o braço machucado e embora Jamie se encolhesse, não gritou nem saltou da maca e deixou Bill tocar nele.

— Eu cccaiííí... duuuma... escadaaaaaa...

— Estava pendurando alguma coisa na árvore de Natal? — Jamie fez que sim com a cabeça. — Sabe o que vamos fazer? Vamos pôr aí um belo gesso, mas você tem que me prometer uma coisa. Promete?

— Qqqquaaall é a pppprommmessa?

Jamie tremia dos pés à cabeça por causa dos soluços, mas Bill, sem parar de falar para distraí-lo, ia lhe apalpando o braço e Jamie não protestou.

— Quero ser o primeiro a assinar o gesso. Combinado? Não o segundo ou o

terceiro... Tenho de ser o primeiro. Está bem?

— Está.

Jamie acenou com a cabeça. Nesse momento chegou o ortopedista e os dois médicos trocaram impressões. Depois Bill olhou para Liz. Achava-a muito magra e, naquele momento, preocupada com o filho, por isso tinha feito uma sugestão ao colega.

— Sabe o que vamos fazer? — perguntou a Jamie, como se tivesse uma surpresa fantástica para ele. — Vamos lá para cima e colocamos o gesso agora. E eu vou com você, para ter certeza de que ninguém vai assinar antes de mim. O que você acha? Você dorme uns minutos e quando acordar, sem perceber, já estará com o gesso e eu o assino!

— E posso pôr a cama para andar para cima e para baixo? — perguntou, lembrando-se da do irmão naquele mesmo hospital.

— Arranjamos uma e você pode pôr a cama para andar para todos os lados, mas primeiro temos de tratar do gesso.

Deu uma olhada a Liz para sossegá-la e ela acenou com a cabeça. Entendeu então o que ele tinha feito. Pedira ao colega que o deixasse ficar com Jamie na sala de operações e esse gesto comoveu-a. Quis agradecer-lhe, mas Bill já se afastava empurrando a maca de Jamie em direção ao elevador, com o ortopedista atrás deles. Não quis chamar o filho, com medo de que ele se lembrasse de que a mãe não podia acompanhá-lo, por isso sentou-se numa cadeira, encolhida e infeliz, preocupada com o garoto e pensando no médico. Fora um choque vê-lo, mas com tudo aquilo em volta deles, nem tinham podido falar um com o outro, o que fora provavelmente melhor. Nada mais havia a dizer, afinal. Passara um mês desde a última vez que o vira e continuava chorando até adormecer todas as noites por sua causa, mas ele não sabia disso.

Eles demoraram mais de uma hora e quando voltaram Jamie ainda vinha meio dormindo e Bill continuava junto dele. O ortopedista fora tratar de outro caso e Bill disse-lhe muito profissionalmente que tudo correria bem. Era uma fratura simples, podiam tirar o gesso em seis semanas e tinham colocado um que lhe permitia tomar banho.

— Ele vai acordar daqui a pouco. Portou-se muito bem. O colocamos para dormir tão depressa que nem percebeu o que se passava.

Liz lembrou-se dos modos bruscos com que ele se dirigira a ela da primeira vez e reparou como agora estava sendo meigo com Jamie. Era um homem de mil facetas e o fato de Megan tê-lo chamado de bruto fez Liz se encolher intimamente. Tinha sido imperdoável.

— Quer um café enquanto ele não acorda? Talvez ainda demore uns vinte minutos — ofereceu o médico.

— Você tem tempo? — perguntou ela.

Não queria abusar, pois sabia como ele estava sempre ocupado e já passara

quase duas horas com Jamie.

— Tenho — respondeu Bill, conduzindo-a pelo corredor até uma sala onde os médicos da emergência descansavam entre os casos e que estava vazia. Estendeu-lhe uma xícara de café e disse: — Ele vai ficar bom, Liz. Não se preocupe.

— Obrigada por ter sido tão simpático com Jamie. Agradeço muito. Ele estava apavorado quando eu cheguei.

— Fez uma gritaria que ia deitando a casa abaixo. Por isso é que vim ver o que se passava. Grandes pulmões, os do menino Jamie! — gracejou ele sorrindo, enquanto se servia de café.

Liz sorriu também e os olhos de ambos se cruzaram, mas nenhum deles quis falar de outra coisa, pois era evidente que se sentiam embaraçados. Ele parecia ter igualmente perdido peso e estava pálido e com ar cansado, mas a época do Natal era sempre complicada no hospital. Havia muitos motoristas embriagados e muitos desastres que provocavam traumas que ela nem conseguia imaginar, como o que acontecera ao pequeno Justin e depois a Jamie, muito embora Bill só se ocupasse dos casos mais graves, como o acidente de Peter.

— Você está com boa aparência — observou ele por fim e Liz acenou com a cabeça, sem saber como reagir. Não podia dizer-lhe que pensava nele noite e dia e que chegara à conclusão de que o amava profundamente, era um pouquinho tarde para isso.

— Você deve ter muito que fazer nesta época festiva — disse ela apenas para continuar a conversa.

Tudo o mais que pudesse dizer ia soar argumentativo ou patético e não valia a pena tentar vender-lhe uma coisa que Bill não queria comprar. O silêncio dele era a mensagem final que ela ouvia perfeitamente.

— Tenho bastante sim. Como está o Peter? — mantinha a conversa sobre tópicos neutros, como um ex-paciente.

— Como novo e completamente apaixonado — respondeu ela sorrindo.

— Ainda bem. Diga-lhe que perguntei por ele. — Olhou para o relógio e sugeriu que voltassem para junto de Jamie. — Já deve ter acordado — informou.

Tinha acordado e estava perguntando pela mãe e por Bill e assim que os viu exibiu um grande sorriso.

— Não esqueceu da promessa, não é mesmo, campeão? — perguntou o médico.

Jamie abanou a cabeça e Bill tirou uma caneta do bolso. Escreveu um pequeno poema, desenhou um cãozinho e assinou, deixando o garoto extasiado.

— Foi o primeiro, Bill, como eu prometi!

— Claro que sim.

Bill deu-lhe um abraço e Liz sentiu uma dor no coração. Era aquilo que perdera no dia em que ele saíra da sua vida, mas sabia disso perfeitamente,

assim como não ignorava que nada podia fazer para remediar. Ele tomara a sua decisão.

— Nunca empinou o seu papagaio comigo — disse então Jamie e Bill pareceu surpreso e depois atrapalhado.

— Tem razão, não empinei. Um dia destes telefono à sua mãe e vamos fazer isso. Talvez depois de você tirar o gesso. O que acha?

— Está bem.

Sacudiu a cabeça, satisfeito, e Bill tirou-o da maca e o pôs cuidadosamente de pé.

— Faça o favor de não tocar na escada, está certo? E nada de subir na árvore de Natal!

Jamie tornou a dizer que sim com a cabeça, olhando para ele com admiração. Bill Webster era o seu herói.

— A mãe não me deixa.

— Ora, ainda bem. Agora não esqueça de dizer olá por mim ao Peter e às suas irmãs. Até breve, Jamie. E feliz Natal.

— O meu pai morreu no Natal — disse Jamie e Liz sentiu um baque no coração; era uma coisa que não precisava que lhe recordassem.

— Eu sei. Sinto muito, Jamie — disse Bill respeitosamente.

— Eu também. Foi um Natal muito ruim.

— Com certeza, para a família toda. Espero que este seja melhor.

— Eu pedi ao Papai Noel um papagaio de papel como o seu, mas a mãe disse que ele não vai trazer e que nós é que temos que comprá-lo.

— Que construí-lo — corrigiu Bill. — E que mais você pediu ao Papai Noel?

— Um cãozinho, mas a mãe diz que também não pode ser, porque a Carole é alérgica, tem asma. E pedi jogos e uma metralhadora.

— Aposto que você vai ganhar tudo isso.

Jamie agradeceu-lhe o gesso e a assinatura e então Bill encarou Liz. Sentia o olhar dela sobre eles, mas viu uma expressão tão triste que sentiu como uma espada de fogo dentro do peito.

— Espero que o Natal seja bom para todos. Sei que a primeira vez não deve ser fácil — disse ele se dirigindo a ela.

— Precisa ser melhor do que o último. — Liz sorriu com a boca, mas não com os olhos e Bill sentiu vontade de lhe afastar o cabelo caído na testa, embora achasse que não devia. — Obrigada por você ser tão bom para o Jamie. Fico muito agradecida.

— Fiz o que devia, apesar de ser bruto — disse aquilo com um grande sorriso e ela ficou embaraçada. — Já me recuperei, embora admita que me doe durante uns tempos. As meninas têm truques sujos — acrescentou ele com uma gargalhada, acompanhando-os até à porta.

— Nem todas — replicou Liz baixinho. — Tudo de bom, Bill e feliz Natal.

Disse-lhe adeus com a mão enquanto se afastava com o filho. Carole tinha ido para casa para ficar com os outros. Bill ficou vendo-os entrarem no carro e depois voltou para dentro com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa.

CAPÍTULO 13

Quando Jamie chegou em casa, contou a todos que tinha visto Bill, disse ao irmão que o médico lhe mandara um “olá” e depois lhes mostrou o gesso e o lugar onde ele o assinara. Quis que os irmãos assinassem também, assim como a mãe e Carole. Liz o observava, com a sensação de ter estado toda a tarde presa num redemoinho, com as emoções num torvelinho à sua volta. Fora difícil ver Bill, mas bom ao mesmo tempo. Sentira uma enorme vontade de estender a mão e tocar nele ou, pior ainda, de lhe dizer que o amava, mas sabia que seria uma loucura e que ele estava tão fora da sua vida como Jack.

No dia seguinte, foi ao cemitério pôr flores na campa do marido. Ficou lá bastante tempo pensando nos anos compartilhados e nos tempos felizes que tinham passado. Tudo isso agora parecia desperdiçado, apenas por causa de um terrível momento. Parecia tão injusto! Chorou pelo que haviam perdido e pelo que Jack estava perdendo. Nunca veria os filhos crescerem, nunca conheceria os netos e não envelheceria ao lado dela. Tudo parara e eles agora eram obrigados a seguir em frente sozinhos. E era muito duro.

Contudo, o pior sofrimento chegou na véspera e no dia de Natal. Embora esperasse que fosse difícil Liz não estava preparada para um choque tão grande; foi como se uma forte pancada a atingisse no peito. Sentiu saudades das alegrias que tinham compartilhado, dos Natais quando os filhos eram pequenos, do riso, das promessas, das tradições. E então, cambaleando sob o peso das recordações, reviveu o horror da última manhã de Natal, vendo-o morrer no chão do escritório, sem conseguir parar o pesadelo. Andou todo o dia como que envolta em nevoeiro, chorando incontrolavelmente e as crianças não estavam melhores. Era um dos piores momentos da sua vida desde a morte de Jack. A mãe mostrou-se preocupada, quando falou com ela pelo telefone e mais ainda quando ela disse que ia fechar o escritório.

— Eu sabia que você teria que fechar — disse a mãe assim que ouviu a notícia. — Perdeu todos os clientes?

Nada mudara afinal, no último ano, desde as sinistras previsões dela depois do enterro.

— Não mãe, até tenho cliente demais, mas não consigo aguentar, e estou farta. Não quero continuar com aquele tipo de advocacia. Vou passar a representar crianças.

— E quem vai pagar?

Liz sorriu àquela pergunta.

— O tribunal ou os pais ou instituições que me contratarem. Não se preocupe que eu sei o que estou fazendo.

Então a mãe falou com todos os netos e depois disse que os achava deprimidos,

o que não admirava, era um Natal muito difícil para todos.

Victoria telefonou de Aspen e surpreendeu Liz com a novidade de que ia retomar a advocacia em meio período e a fez prometer que, apesar disso, se veriam com mais frequência. A amiga sentia-se inquieta por causa dela e das crianças; sabia que o Natal estava sendo brutal para eles e lamentava não poder fazer-lhes companhia.

Durante o resto do dia o telefone se manteve silencioso. Então Liz levou-os ao cinema. Eles estavam tão tristes como ela e precisavam de uma distração. Foram ver uma comédia e os pequenos riram, mas ela não; sentia que nada restava na sua vida que a fizesse rir. Era tudo tragédia e perda, pessoas a morrerem ou a desaparecerem. Quando chegaram em casa, ficou na banheira durante um bom tempo, pensando em como aquele ano passara depressa e nas muitas coisas que tinham acontecido, o que logicamente a levou a se recordar de Bill e a imaginar onde ele estaria naquele momento. Provavelmente trabalhando, pois costumava dizer que odiava feriados, que estes eram para pessoas com família e ele escolhera não ter uma depois da amostra no Dia de Ação de Graças. Liz não podia censurá-lo, mas achava que ele podia ter-lhe dado mais uma chance, se fosse suficientemente forte, o que não acontecia. Por isso, tinha de enfrentar o fato de que ele não queria. Bill gostava da vida que levava e era bom no que fazia. Liz ficou dentro da água pensando na meiguice dele para com Jamie. Era um excelente médico e um bom homem.

Nessa noite deitou-se sozinha pouco depois da meia-noite. Jamie estava na cama dele, com o gesso no braço. Só tinha dormido na cama da mãe uma noite, mas ao voltar-se batera num ombro dela, fazendo uma nódoa negra. Depois disso tinham concordado que era preferível cada um ficar na sua cama até ele ficar bom.

— A senhora está bem, mãe? — perguntou Peter, metendo a cabeça na porta quando subiu e ela respondeu afirmativamente e agradeceu-lhe o cuidado.

Tinham ficado perto uns dos outros todo o dia, como náufragos agarrados a um único salva-vidas. Fora um Natal de que iam lembrar-se para sempre, não tão mau como o anterior, mas quase tão doloroso. Como habitualmente, não conseguia adormecer e ficou na cama pensando em Jack, em Bill e nos filhos. Por fim, lá pelas quatro da manhã, fechou os olhos e pensou que estava sonhando quando ouviu o telefone tocar. Procurou o aparelho, meio dormindo, e levou algum tempo para encontrá-lo, mas nenhum dos filhos atendeu primeiro.

— Estou...

Falou com dificuldade e quem ligara hesitou uns momentos. Liz ia desistir, quando do outro lado se decidiram finalmente. No princípio não reconheceu a voz, mas depois percebeu que era Bill e ela não fazia idéia do motivo daquele telefonema, provavelmente se encontrava ainda no hospital. Estava escuro lá fora e tentou ver as horas: seis e meia.

— Olá! — ele parecia estranhamente alegre e Liz sentia-se como se tivesse andando a cavalo o dia todo; depois do sofrimento da véspera estava exausta. — Pensei em telefonar para desejar feliz Natal.

— Feliz Natal? Mas isso não foi ontem?

Estaria sonhando ou agora seria Natal todos os dias? Esse seria o seu pior pesadelo.

— Pois é. Devo ter me enganado. Tive muito que fazer. Como vai o Jamie?

— Ótimo, acho eu, está dormindo. — Espreguiçou-se e fez um esforço para acordar, sem perceber o motivo daquele telefonema. Bill parecia com muita vontade de conversar, às seis e meia da manhã. — Você foi muito simpático com ele no hospital. Obrigada.

— É um bom rapazinho e eu gosto dele. — Fez-se um longo silêncio e ela começou a cochilar, mas logo acordou sobressaltada, pensando se teria dito alguma estupidez. Mas não perdera muito, Bill parecia estar refletindo até que lhe perguntou: — Como foi o Natal? — embora fosse capaz de imaginar.

Tinha pensado em Liz o dia todo, preocupado com ela e com os filhos e acabara telefonando por isso e por outras razões, umas mais claras do que as outras.

— Pior do que esperava — respondeu ela francamente. — Como ser operada do coração sem anestesia.

— Lamento, Liz. Calculei que fosse assim. Pelo menos já acabou.

— Até o próximo ano — comentou ela com amargura. Estava por fim acordada e a lembrança do dia anterior ainda a fazia encolher-se.

— Talvez o próximo seja melhor.

— Não estou com pressa de descobrir. Vou precisar de um ano inteiro para me recuperar deste. E você? O que fez?

— Estive trabalhando.

— Foi o que eu pensei. Deve ter tido muito que fazer.

— Bastante, mas também pensei muito em você. — Liz hesitou, deitada no escuro, e Bill continuou: — Sim, é verdade. Lamento que as coisas tenham se complicado tanto. Acho que eu não estava preparado, as meninas foram horríveis e entrei em pânico — admitiu ele. — Não me mostrei muito maduro.

— Não sei se eu teria sido mais, nas mesmas circunstâncias — respondeu ela conciliadoramente, mas sabendo que tentaria resolver o assunto e ele não o tinha feito, mas não lhe disse isso.

— Sinto saudades de você.

Bill parecia triste; havia sido difícil voltar a vê-la quando Jamie quebrara o braço e a imagem dela o acompanhara desde esse dia.

— Eu também. Foi um mês muito comprido.

— Comprido demais — admitiu ele. — Precisamos almoçar juntos um dia destes.

— Eu gostaria muito — concordou Liz, pensando se isso aconteceria realmente.

Talvez ele se sentisse apenas só e cansado ou um paciente tivesse morrido ou o Natal o deixasse nostálgico. Não lhe parecia que quisesse voltar para fugir outra vez. Afinal de contas era um solitário e sentia-se mais feliz assim.

— Por que não almoçamos hoje? — perguntou ele.

— Hoje? Claro, eu... — Estava espantada, mas depois se lembrou de que prometera aos filhos levá-los a patinar. Combinei ir patinar com as crianças. Por que não tomamos um café depois?

— Estava pensando mesmo no almoço — insistiu ele, desapontado.

— E se fosse amanhã?

— Estarei trabalhando — disse ele com firmeza enquanto Liz sorria, percebendo que estavam negociando um encontro às seis e quarenta e cinco da manhã. — Então, e se for agora? — perguntou ele com naturalidade.

— Agora? Neste instante?

— Claro. Tenho alguma comida aqui no carro e podemos partilhá-la.

— Onde você está? — perguntou Liz, desconfiando de que ele tivesse bebido, pois parecia meio maluco.

— Na realidade aqui mesmo em frente da tua casa — esclareceu Bill.

Liz saltou da cama com o telefone na mão e correu lá para fora. O velho Mercedes estava parado diante da porta, no escuro.

— O que você faz aí? — perguntou ela e ele levantou os olhos e acenou-lhe com a mão, provocando-lhe um ataque de riso. — Isto é coisa de malucos.

— Pensei em vir até aqui ver se você queria almoçar ou alguma outra coisa. Não sabia se você tinha o que fazer ou... bom, como eu fui um idiota durante um mês, não sabia se precisava de tempo para convencer você — falou com a voz carregada de emoção, quase inaudível, ela a observá-lo lá de cima e ele com os olhos levantados, agarrado ao telefone. — Eu amo você — e Liz viu, pelo mexer dos lábios, que Bill pronunciara estas palavras.

— Eu também amo você — disse baixinho. — Por que você não entra?

— Eu levo o almoço.

— Basta você vir, eu abro a porta, não toque a campainha. Desligou e desceu a escada correndo para lhe abrir a porta.

Viu-o sair do carro e tirar uma coisa grande e pesada do banco traseiro. Depois caminhou na direção dela e Liz percebeu o que era: o papagaio de papel que o médico construíra quando era rapaz.

— O que você está fazendo com isso?

Aquilo era tudo um disparate: o telefonema, o convite para almoçar, a visita, o papagaio, mas ela o amava; teve certeza ao olhá-lo, sabia há meses, só não estava pronta antes.

— É para o Jamie — disse Bill com simplicidade, largando o papagaio no vestíbulo e olhando-a com tudo o que sentia espelhado nos olhos. Nem era

preciso falar, mas falou:

— Eu amo você Liz e Megan tinha razão. Fui um bruto e um imbecil. Devia ter voltado no dia seguinte, mas tinha medo.

— Eu também. Só acho que eu descobri a verdade antes e passei um mês horrível sem você.

— Eu precisava ter certeza da falta que você me faz, sabe? Mas agora estou de volta. Se você ainda me quiser.

— Quero sim — murmurou ela, mas depois pareceu preocupada. — E as crianças? Você é capaz de agüentá-las?

— Umas com mais facilidade do que as outras, mas irei me habituar a elas. Se a Megan me chatear muito, ponho-lhe um aparelho na boca, deve dar resultado.

Liz soltou uma gargalhada e ele, puxando-a para si, envolveu-a nos braços e beijou-a. E os dois deram um salto quando uma voz perguntou alto atrás dela:

— O que é aquilo? — era Jamie, que apontava para o papagaio de papel que Bill trouxera.

— É o seu papagaio. Achei que devia ter mais tempo do que eu para empiná-lo. Eu ensino como se faz.

— Oba! Oba! — exclamou Jamie, saltando para o colo de Bill e quase atirando a mãe ao chão. — Oba! Posso mesmo ficar com ele?

— Claro que pode.

Então o garoto olhou-o desconfiado.

— O que o senhor está fazendo aqui em casa? Pensei que se zangara com a mãe e com a Megan.

— Sim, mas já estou melhor.

— Também estava zangado comigo? — perguntou Jamie interessado, pegando o papagaio pela armação. Parecia um quadro de Norman Rockwell.

— Nunca, nunca estive zangado contigo. E agora também já não estou com elas.

— Ainda bem. Podemos tomar café? — perguntou ele, dirigindo-se à mãe.

— Daqui a pouco

Nesse momento ouviram vozes lá em cima e Megan perguntou:

— Quem está aí?

— Eu — respondeu Liz. — E o Bill e o Jamie.

— Bill, o médico? — perguntou ela parecendo admirada e Liz ouviu as vozes dos outros, Peter, Rachel e Annie. Todos já tinham acordado.

— Bill, o bruto e o imbecil — emendou Bill e Megan desceu a escada com um sorriso envergonhado.

— Desculpe — disse ela, olhando-o diretamente.

— Eu também peço desculpa — respondeu ele, sorrindo para ela.

— Vamos tomar café — insistiu Jamie.

— Eu faço panquecas — declarou Liz, calando-se para olhar Bill. Trocaram um

sorriso, e ele beijou-a de novo.

— Você dirige uma casa muito movimentada — comentou seguindo-a até à cozinha.

— Só às vezes. Você pode vir almoçar quando quiser — acrescentou Liz, tirando a frigideira das panquecas do armário.

— Estava pensando em ficar — segredou-lhe Bill.

— A idéia me agrada — concordou ela baixinho, virando-se para o médico.

— A mim também — concluiu ele, pegando Jamie e pondo-o às costas — Agrade-me muito mesmo! — acrescentou.

Então se voltou lentamente para a porta e viu Megan sorrindo para eles.

(FIM)

Table of Contents

[A Casa da Rua Esperança](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)